

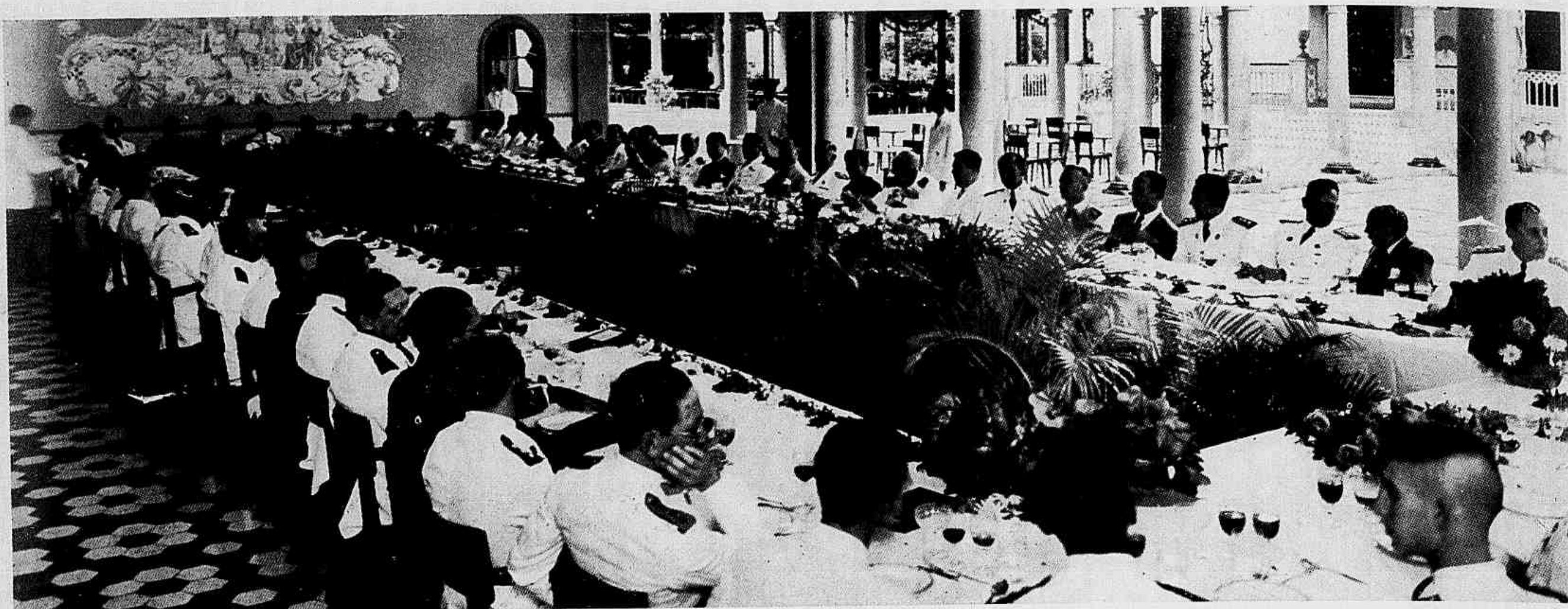
A Revista da Semanada

Ano XLII — Nº 22 — 20 de Setembro de 1950

15500 EM MIL REAIS

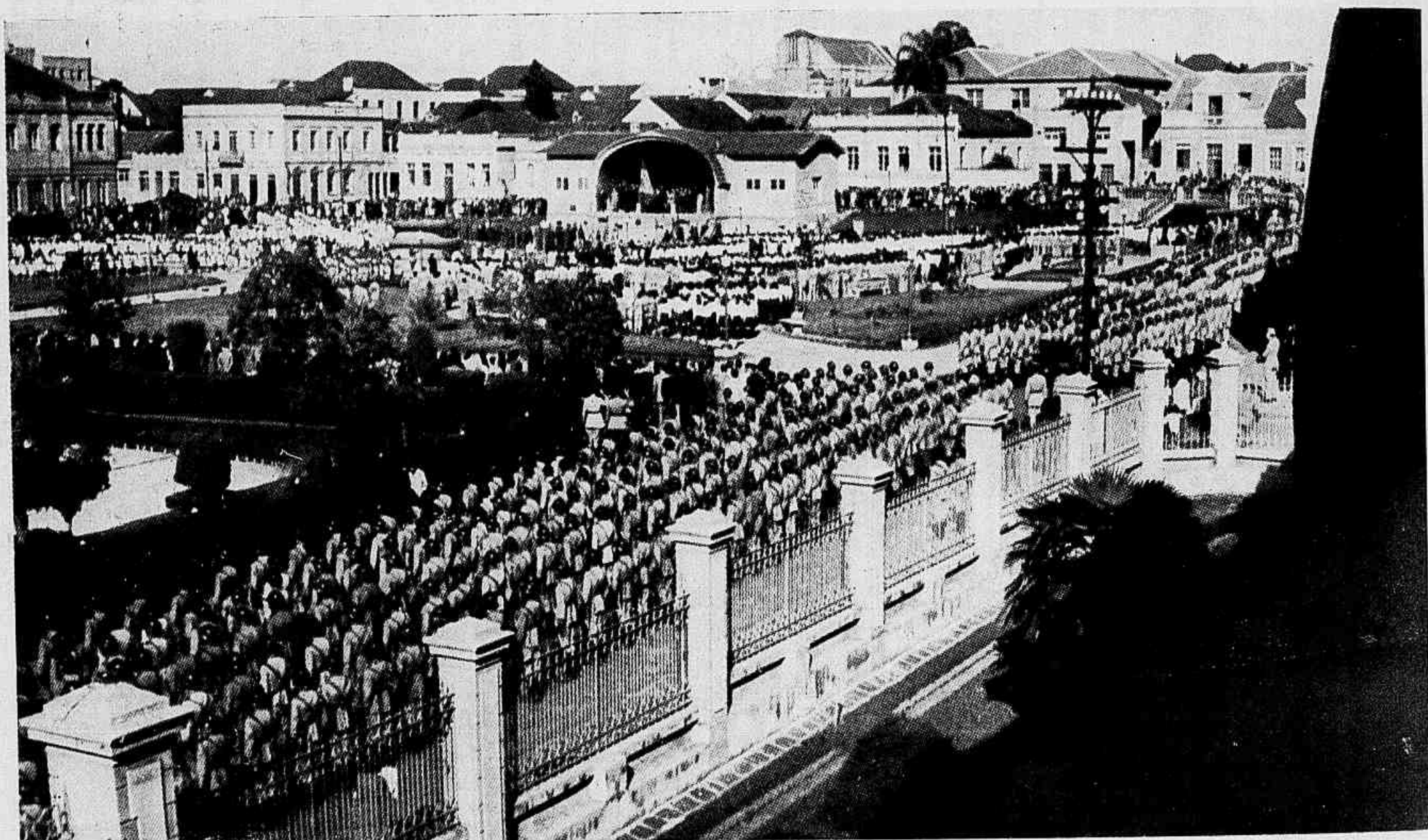
PRIMAVERA





PERNAMBUCO — Aspecto do almoço oferecido em nome da cidade de Recife, pelo prefeito Novais Filho, ao general Mascarenhas de Moraes, comandante da Sétima Região Militar, no Clube Internacional, por ocasião do encerramento das festividades da "Semana de Caxias".

Dos Esta- dos

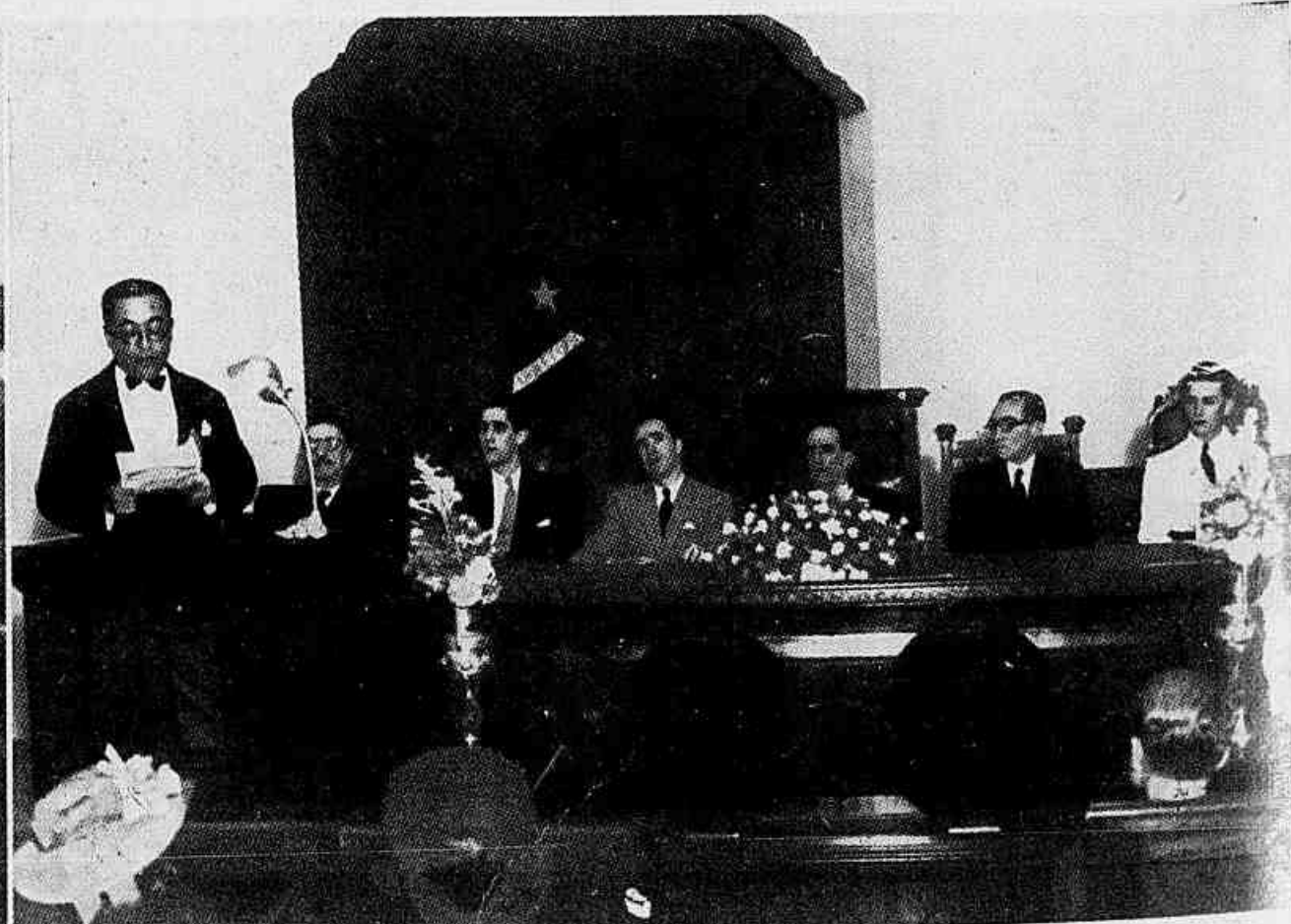


O DIA DO SOLDADO EM PONTA GROSSA

Concentração na praça Barão do Rio Branco no dia 25 de Outubro para o juramento dos recrutas. O tenente-coronel Tristão de Alencar Araripe, comandante do 13.º R. I. falou na solenidade sobre o Duque de Caxias.



ROTARY CLUB DA BAHIA Aspecto da assistência à sessão solene realizada, com a presença do comandante da 6.ª Região Militar, toda a oficialidade, capitão do Porto, comandante da Escola de Aprendizes Marinheiros, no dia 28 de Agosto, no Rotary Club de Salvador, em homenagem a Caxias.



ACADEMIA BAHIANA DE LETRAS A posse do academico Alberto de Assis, fundador e atual presidente do Instituto dos Cegos, e destacado intelectual bahiano.

PLANTAR UMA ARVORE

Plantar uma árvore! Nesse ato tão simples há um alto e profundo sentido de cerimônia religiosa. Porque é religião o gesto de bênção com que é lançada a semente no seio tranquilo e fecundo da terra mater. E é religiosamente que ela, aí, nesse cárcere escuro, sustenta uma luta tenaz, silenciosa, heróica, admirável, até romper a crôsta áspera e dura, que a retém cativa, e se fazer arbusto tímido e trêmulo. E é numa atitude religiosa de prece que, transformada em árvore opulenta e hierática, ergue os braços para a altura, numa ânsia de espaço, numa ânsia de céu, numa ânsia de sol, numa ânsia de luz, numa ânsia de vida!

A árvore! Aos olhos do sonhador místico, tem uma alma que se desata em flores e se desmancha em frutos; para o construtor, representa a couraça interior que forra e protege o largo e tácito peito das paredes; para o marceneiro, encerra o material que serve, ou para a doce feitura do berço que a mãe, com ternura, embala, a cantar, ou para a sombria empreitada do esquife que a terra, num bocejo indiferente, traga; para o armador, desempenha a tarefa de se juxtapôr às irmãs, para atirar à face, ora mansa ora raivosa de mais, a canôa frágil ou o monstro formidável que sobre as águas se balançam, e, para o entalhador, é o precioso artefato, do qual, falquejado, polido, contornado, sai o santo que se põe sobre o altar.

Por que, então, o ódio amarelo a essa amiga proveitosa e útil, que é um escudo verde contra os ventos bravos, cujos tentáculos abençoados sugam a humidade do solo malsão e cujas respiração e expiração benditas saneiam o ambiente em que lhe pompeiam as ramagens esmeraldinas?

Pois o brasileiro, que nasce com a alma povoada de sonhos, com o coração palpitante de amor, com a boca transbordante de trovas — é o carrasco das florestas, é o verdugo das matas, é o algoz das árvores? Não! A fúria grosseira e agreste da devastação não lhe pertence: o índio chora quando um gigante das selvas beija o pó da terra, vencido pela tempestade — o invisível machado que o derruba, ou ferido pelo raio — o único adversário digno de afrontá-lo.

A sanha violenta contra esse presente dos deuses, na feliz expressão de Plínio, vem de longe.

Gabriel de Piza, o ilustre representante do Brasil junto ao governo da França, em carta dirigida a Pedro de Toledo, quando ministro da Agricultura, dizia, em 4 de Maio de 1911:

"O patriarca da nossa independência, que reunia a um grande talento vastos conhecimentos e um intenso patriotismo, estudou a fundo, no fim do século XVIII, nos países escandinavos e na Alemanha setentrional, a questão das matas, tornando-se, no dizer de Latino Coelho, consumado nas ciências florestais. Pois bem, regressando a São Paulo, depois de longos anos de ausência, o ilustre brasileiro escreveu na sua "Memória sobre a escravidão no Brasil", que "as nossas matas preciosas em madeira de construção civil e náutica estavam sendo destruídas pelo machado assassino do negro e pelas chamas devastadoras da ignorância. Os cumes de nossas serras, fonte perene de humidade e fertilidade para as terras baixas e de circulação elétrica, estavam escalvados e tostados pelos ardentes estios do nosso clima. Precisamos conservar, como herança sagrada para a nossa posteridade, as antigas florestas virgens, que pela sua vastidão e frondosidade caracterizavam o nosso belo país. A natureza fez tudo a nosso favor; nós, porém, pouco ou quase nada temos feito a favor da natureza. Nossas terras estão êrmãs, nossas preciosas matas vão desaparecendo, vítimas do fogo e do machado destruidor da ignorância e do egoísmo; nossos montes e encostas vão se escalvando diariamente, e, com o andar do tempo, faltarão as chuvas fecundantes, que favorecem a vegetação e alimentam nossas fontes e rios, sem o que o nosso belo Brasil, em menos de dois séculos, ficará reduzido aos páramos e desertos da Libia. Virá então esse dia (dia terrível e fatal), em que a ultrajada natureza se achará vingada de tantos erros cometidos."

Quem, ao ler as palavras do grande vulto que embalou o berço da nacionalidade nascente, não se lembrará da melancólica predição de Chateaubriand: "As florestas precedem os povos, os desertos os seguem"?

E quem não sentirá a verdade transcendente dos lindos versos de André Theuriet sobre tão sugestivo motivo?

"Au plus profond du bois la patrie a son cœur;
Un peuple sans forêts est un peuple qui meurt."

Por isso, o saudoso e eminente Augusto de Lima, no memorável parecer que apresentou à Câmara dos Deputados sobre a reorganização do serviço florestal, assinalou que "a civilização precisava voltar atrás, para se integrar. As árvores são dignas de culto. Este culto vem do berço da humanidade, e nasceu provavelmente do impulso de gratidão dos primeiros homens às primeiras árvores, pelos frutos com que se nutriam, pela sombra que os abrigava das canículas, pelas folhas que lhes serviam de leito e pelo perfume que lhes sugeriam os serenos devaneios ou os estímulos da vitória e do amor".

Como se explica, então, a irreverência e a ingratidão do homem para com a amável e acolhedora companheira desde a infância da Pedra, aquela que, primeiro, lhe estendeu os braços amigos e lhe proporcionou sombra e folhagem para a sesta consoladora?

Observe-se a morte de uma árvore. À impiedade do homem que a mata, ela responde com a beleza e a glória de saber morrer. O machado abre-lhe chagas pelo tronco rijo e resistente. Golpe sobre golpe. Rodopia e relampeja no ar. E ela impassível. E ela soberba. Mas eis que oscila de leve. Treme. Ringe. Agita-se. Sacode-se. De súbito, dela se escapa, como se humano peito fôra, um gemido, que é uma queixa, um grito que é um clamor, um rumor que é uma prece. E com esse protesto veemente atirado à indiferença do céu distante e à crueldade do homem egoísta, ao qual, entretanto, na sua infinita bondade, ainda abençoa, rue ao solo — gigante que a astúcia do pigmeu sacrificou, arrastando na sua queda os imbeles arbustos que lhe eram a côrte magnífica e esmagando sob o seu péso a relvaria tenra que se lhe desdobrava em tórno...

A alma da árvore se evolou sorrindo. E o seu cadaver, que embalsama de sutis olores os ares próximos, é velado pelo olhar carinhoso dos astros, e, sobre ele, num divino alvoroço, as aves inquietas dão concertos de gorjeios cristalinos — seja ela o jequitibá arrogante que domina os descampados, seja a esbelta palmeira que afomoseia a paisagem, seja o pinheiro solene e majestoso — taça de deuses que se enche do fálerno de ouro do sol e das lágrimas frias das estrelas — ou seja o sândalo oriental, esse maravilhoso sândalo "que perfuma o próprio machado que o abate".

E assim, olorosa e sublime, a árvore tem a suprema majestade de uma deusa mutilada...

E com que expressão espiritual se faz mensageira de estados d'alma, a estranhos de outras terras, e a ausentes bem amados!

Como as árvores são piedosas e boas! Benditas sejam! Poupe-mo-las e amemo-las, a elas, que são os régios mantos de que orgulhosamente se vestem as montanhas que nos cercam, que são o enfeite das nossas cidades, que são a garantia da nossa saúde, que são a formosura admirável das nossas praias, que são a revelação da bondade e da utilidade, que são o símbolo harmonioso da alegria de viver.

UM GUERREIRO

Conto de *TRISTAN BERNARD*

Conheci esse curioso sujeito no princípio do século. No café, chamavam-lhe capitão. Era homem já dos seus sessenta anos, com um belo bigode grisalho ou talvez branco de todo, mas que ele pintava cuidadosamente. O que na sua pessoa, antes de mais nada, me chamou a atenção foi um tique nervoso que o fazia aproximar repentinamente os cotovelos das ilhargas e logo depois sacudir a cabeça. Lembrava-me assim os homens de sete instrumentos, porque os cotovelos pareciam tocar um bombo imaginário colocado às suas costas e a cabeça agitar um chapéu de campanhas. Mas, em verdade, o seu ar austero e marcial não se coadunaria com o pitoresco de tal modo de vida.

Pelo facto de trocarmos entre nós os jornais do estabelecimento e outras pequenas cortezias, fomos pouco a pouco travando relações. Uma tarde ele me ofereceu o aperitivo, na tarde seguinte fui eu que paguei essa despesa; e cheguei a inteirar-me da sua vida. Não era um capitão de brincadeira. A serviço dêste ou daquele país tomara parte em várias guerras. Três ou quatro vezes escapara, por um triz, de morrer. Duma delas recebera em plena testa o sabre dum italiano. Mas sem dúvida a morte o achara ainda duro, nesse dia, e preferira esperar que ele amadurecesse um pouco mais.

Usava, como nome de guerra, o de Captain Androcles. Era filho dum Inglês e uma Grega ou dum Grego e uma Inglesa — nesse ponto variavam as suas declarações. E por ordem de seu pai, que comandava uma companhia de mercenários, fizera a campanha da Itália nas fileiras austríacas.

— E durante a guerra franco-alemã? perguntei-lhe.

— Perdi esse belo negócio. Tinha quebrado o braço direito, numa queda de cavalo. Fiquei imobilizável durante dois anos. Mas fiz, por exemplo, a guerra russo-turca.

— Servindo a Turquia?

— Justamente. As circunstâncias assim o determinaram. Consegui reunir uma companhia de duzentos e vinte homens. Pagaram-me trezentos e vinte mil francos no começo da campanha — isto é duzentos mil para os homens e quatro mil libras esterlinas para mim. O dinheiro, está visto, mandei-o depositar em Londres. Conforme os contratos que assinava com os meus homens, os mil francos destinados a cada um revertiam, em caso de morte, em favor de pessoas que eles houvessem designado. Aqueles que não tinham ou haviam deixado de ter família, indicavam amigos ou pessoas das suas relações. Sei duma dama em Paris, que morava em certa casa especial — onde, por sinal ainda mora — e que, graças àquela cláusula de contrato, recebeu três mil francos. Conhecia três dos homens que morreram no campo da honra.

— O governo turco fornecia-lhe armas, equipamento...

— Está claro. Eu dava apenas o calçado. Sempre preferi calçar os homens à minha custa. E' mais seguro. Mas, além do soldo, tínhamos os lucros de acaso, a pilhagem... Não constava isso do contrato, mas estava sub-entendido. Do meu pessoal faziam parte três encaixotadores e

um perito em objetos de arte e preciosidades. Embalava-se com o maior cuidado tudo o que valia a pena enviar para Viena a negociantes especialistas com quem de antemão me entendera...

— E a campanha foi dura?

— Oh, se foi! Perdi perto de cem homens; e se não perdi, além disso, um braço, em Dorna, foi porque ele estava bem agarrado ao ombro. Do contrário...

— Em Dorna?

— Uma recordação bastante desagradável. A fortaleza de Dorna domina o vale de Wisno. Tinham-me destacado para lá, com a minha tropa. O general russo Dolgovouboff fazia questão de não ficar muito tempo diante de Dorna. Sabia que eu podia resistir quatro dias — pois a minha fama era de não me deixar tirar com duas razões do lugar onde estivesse. Dolgovouboff queria passar imediatamente adiante, para ficar senhor do vale e fazer junção com as tropas de Crataïeff. Enviou-me, portanto, um parlamentar, que me perguntou se eu me queria render imediatamente, por cinquenta mil rublos. Quero dizer: não me ofereceu logo, categoricamente, o dinheiro. Falava vagamente de compensações... E eu deixava-o falar. Por fim, falou de rublos, cinquenta, cem, duzentos mil. E então respondi-lhe apenas isto: que ele não sabia com quem estava falando.

“O homem insistiu, fazendo-me ver que eu perdia o meu tempo com a Turquia, que os Turcos seriam fatalmente vencidos... Além disso, a minha rendição seria justificadíssima: Que podia eu fazer com duzentos homens contra seis regimentos russos? Ao passo que, si eu me rendesse imediatamente, conceder-me-iam, além dos duzentos mil rublos, as honras da guerra. “O dinheiro e as honras!” repetia o parlamentar, admiradíssimo daquilo que eu julgava, da minha parte, hesitação.

“Repliquei-lhe então que tudo aquilo era muito bonito, mas eu fizera negócio com a Turquia. E acrescentei: “Quando se faz negócio com alguém, não se abandona esse alguém, por interesse nenhum dêste mundo”. Creio até ter usado dêstes termos: “Vá dizer ao seu general que, quando se faz negócio com alguém”... et cetera. Nestes casos sempre se empregam fórmulas mais ou menos enfáticas.

“Resisti, pois, três dias e quatro noites. Perdi cerca de cinquenta homens e fiquei com o braço em petição de miséria. Ao quarto dia rendi-me. Rendi-me, porém, de graça e sem pedir as honras da guerra. Rendi-me, porque não tinha outro remédio. Nós, mercenários, não temos o direito de nos render por dinheiro. Precisamos de manter a dignidade do ofício. Do contrário ele se desmoralizaria e acabaria não prestando para nada.

“Como sabe, aqui há cerca de quinze anos, tornaram a correr boatos de guerra entre a Rússia e a Turquia. Lembrei-me do general Dolgovouboff e escrevi-lhe, oferecendo-lhe os meus serviços. Não tinha, no momento, outro compromisso. E preferia, dessa vez, ir com a Rússia que me parecia mais nas condições de vencer. Na nossa profissão, convém sempre estar do lado do mais forte. Não pela questão do dinheiro, pois me faço sempre pagar previamente... Mas qualquer pessoa compreende que, do lado do mais forte, a gente corre menos risco e tem menos trabalho. Dolgovouboff respondeu-me com uma carta das mais amáveis e mais elogiosas. Eu lh'a vou mostrar.

Acometido da sua contração nervosa, enterrou os cotovelos nas ilhargas ao mesmo tempo que abanava fortemente a cabeça, e abriu o sobretudo de grosso pano verde-escuro. Tirou uma velha carteira atochada de papeis. Procurou, sem encontrar, a epístola do general russo... Mostrou-me, porém, várias recordações, uma carta já bastante amarelada que aproximou do nariz para lhe sentir o resto de perfume, depois outra carta, nova esta, que “uma criaturinha” lhe mandara naquela manhã mesma...

— E continua a guerrear, capitão? indaguei ainda.

— Não tenho tido, ultimamente, ensejo para isso. Há as guerras coloniais... Tomei parte numa. Mas os reis negros são selvagens, pagam mal... E, além disso, não quero bater-me contra a França. Tenho aqui excelentes relações. Quase todos os meus amigos são Franceses. E alguns até seriam capazes de se zangar comigo... De maneira que prefiro ir fazendo uns biscates de publicidade.

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A DECANA DAS REVISTAS NACIONAIS

Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

PROPRIEDADE DA
COMPANHIA
EDITORIA
AMERICANA

Diretor: GRATULIANO BRITO

ASSINATURAS

BRASIL E AS 3 AMERICAS:

Um ano 63\$000

6 meses 32\$000

REGISTRADA:

Um ano 80\$000

6 meses 40\$000

ESTRANGEIRO REGISTRADA:

Um ano 170\$000

6 meses 90\$000

AVULSO 1\$500

ATRAZADO 2\$000

R. VISC. DE MARANGUAPE, 15

TELEFONES:

DIREÇÃO 22-2622

GERÊNCIA 22-2550

REDAÇÃO 22-4447
PUBLICIDADE 22-9570
FOTOGRAFIA 22-1013
PORTARIA 22-5602

ENDEREÇO TELEGRÁFICO:

“REVISTA” — RIO DE JANEIRO

SUCURSAL EM SÃO PAULO:

Largo do Paissandú n.º 124

fone: 4-6070.

End. Telegráfico: “REVISTA”

Tem agentes em todas as capitais e principais cidades do Brasil.

REPRESENTANTES:

Nos Estados Unidos da América do

Norte — S. S. Koppe & Cia. — Times

Bldg. New York City.

Em Portugal — Agência Geral de Pu-

blicações — Rua do Arsenal 84

Lisboa.

Na Africa Oriental Portuguesa —

D. Spanos — Caixa Postal 434.

Lourenço Marques.

No Uruguai — Moratorio & Cia. —

Constituyente 1746, Montevideo.

Todos os originais enviados à

REVISTA DA SEMANA devem

vir datilografados.

Os trabalhos assinados são de

responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 52
PAGINAS

ASSIGNATURAS DESTA REVISTA EM SÃO PAULO

TRATAR NA **AGENCIA DE MARIA**

Rua José Bonifácio n. 392

Telephone 2-827

A mulher e seus direitos no parlamento britânico



Megan Lloyd George (liberal). Ingressou em 1931. É filha do ex-premier Lloyd George.



Thelma Keir (conservadora nacional). Ingressou em 1931.



Edith Summerskill (trabalhista). Ingressou em 1938.



G. D. Hardie (trabalhista). Ingressou em 1937.



Irene M. B. Ward (conservadora). Ingressou em 1931.



H. B. Tate (conservadora nacional). Ingressou em 1935.



J. L. Adamson (trabalhista). Ingressou em 1938.

A representação feminina à Câmara dos Comuns marcou mais uma vitória para a posição da mulher

como colaboradora do homem nos negócios político-administrativos, com o significativo triunfo que vem de obter após um debate no qual intervieram todos os seus membros. As parlamentares do Reino Unido, cujas fotografias estampamos nesta página, advogaram durante sessões consecutivas a igualdade de direitos para a mulher no que concerne à compensação pelos prejuízos de guerra. Escusado é dizer que a justa aspiração foi concretizada por sanção unânime; mas isto não ocorreu antes que cada uma dessas abnegadas e talentosas damas, demonstrando profunda compreensão do momento dramático que atravessa a humanidade, relevasse em forma limpidamente humana o alcance da solução de um problema que não fôra contemplado ainda pela legislação de guerra. É oportuno assinalar que duas das atuais



Viscondessa Davidson (unionista). Ingressou em 1937.



Eleanor Rathbone (independente). Ingressou em 1929.

parlamentares britânicas nasceram nos Estados Unidos: Beatrice Rathbone e a viscondessa de Astor.



Ellen C. Wilkinson (trabalhista). Ingressou em 1935.



Beatrice Rathbone (conservadora). Morreu seu esposo por ocasião da guerra, ela veio a substituí-lo. Nasceu nos Estados Unidos.



Viscondessa Astor (unionista). Ingressou em 1919, foi a primeira mulher a ocupar uma banca no parlamento britânico. Também nasceu nos Estados Unidos.



Florence Horsbrugh (conservadora). Ingressou em 1931.

Sempre usei...



PASTA DENTIFRÍCIA S.S. WHITE

E GRAÇAS A' ESTE EXCELENTE DENTIFRÍCIO



MEUS DENTES SÃO VERDADEIRAS JOIAS!

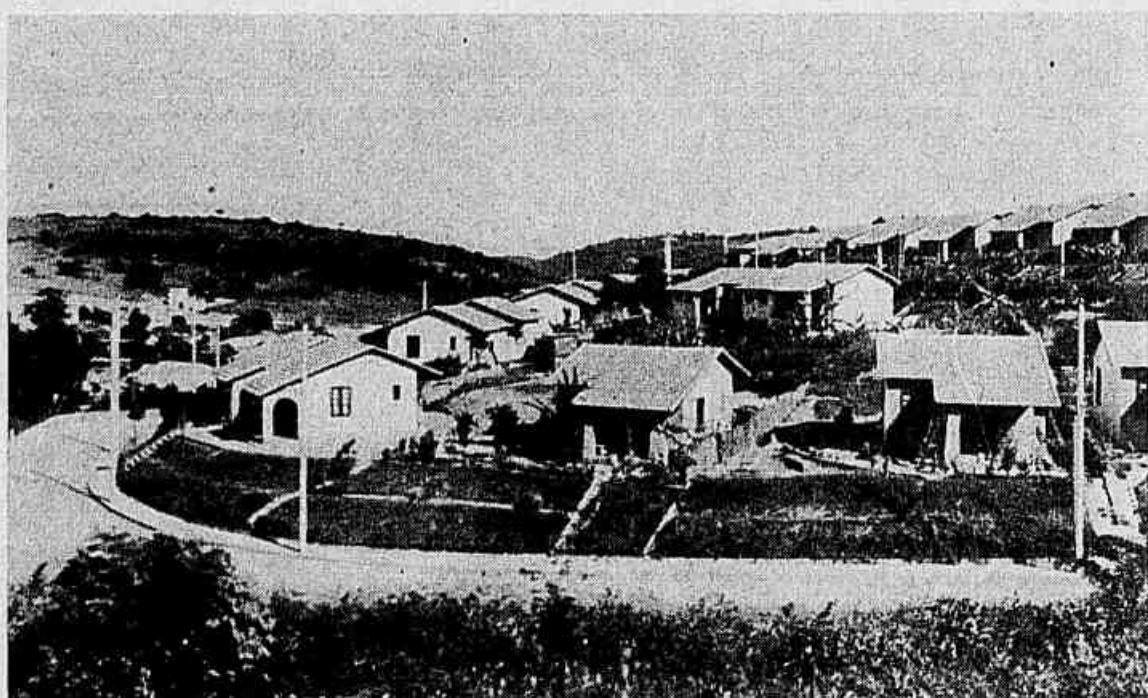
Jardim Carioca

(Ilha do Governador)

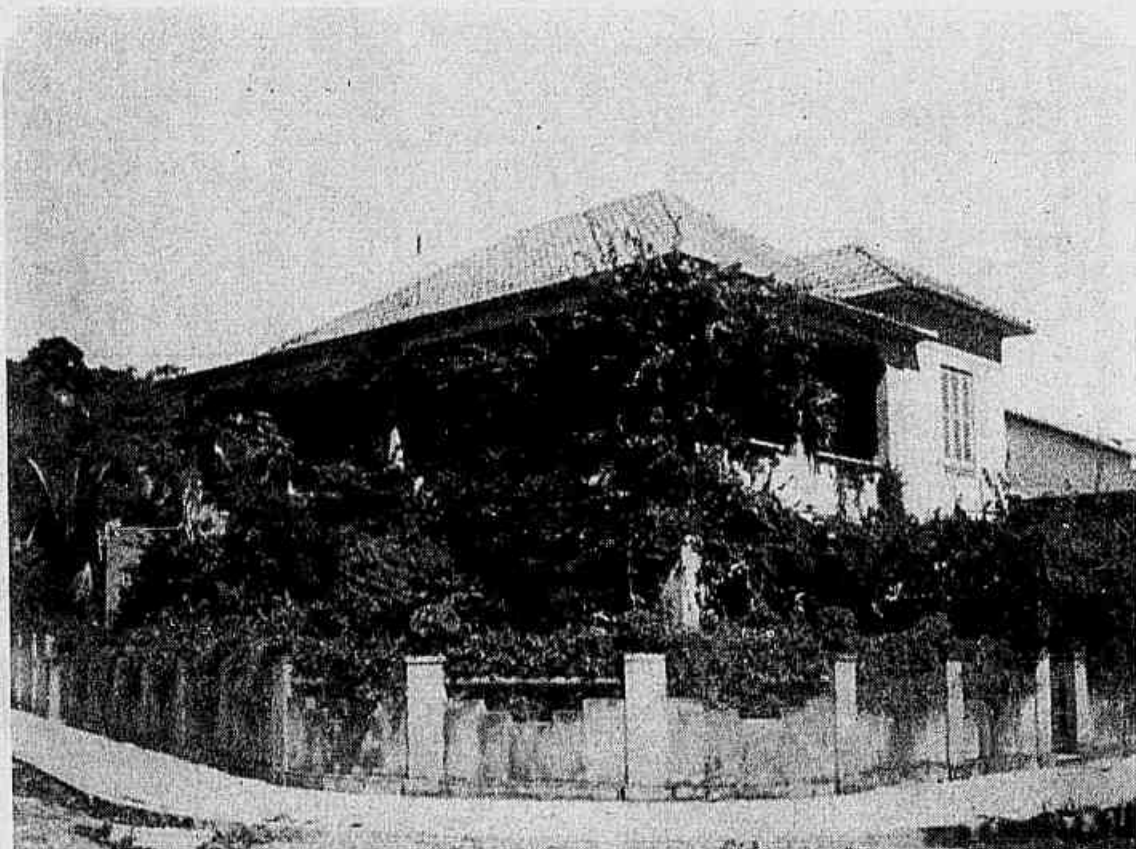
"Quem não aspira a subir, quem nada tem a desejar, pôde renunciar para sempre a ser feliz."

Mantegazza."

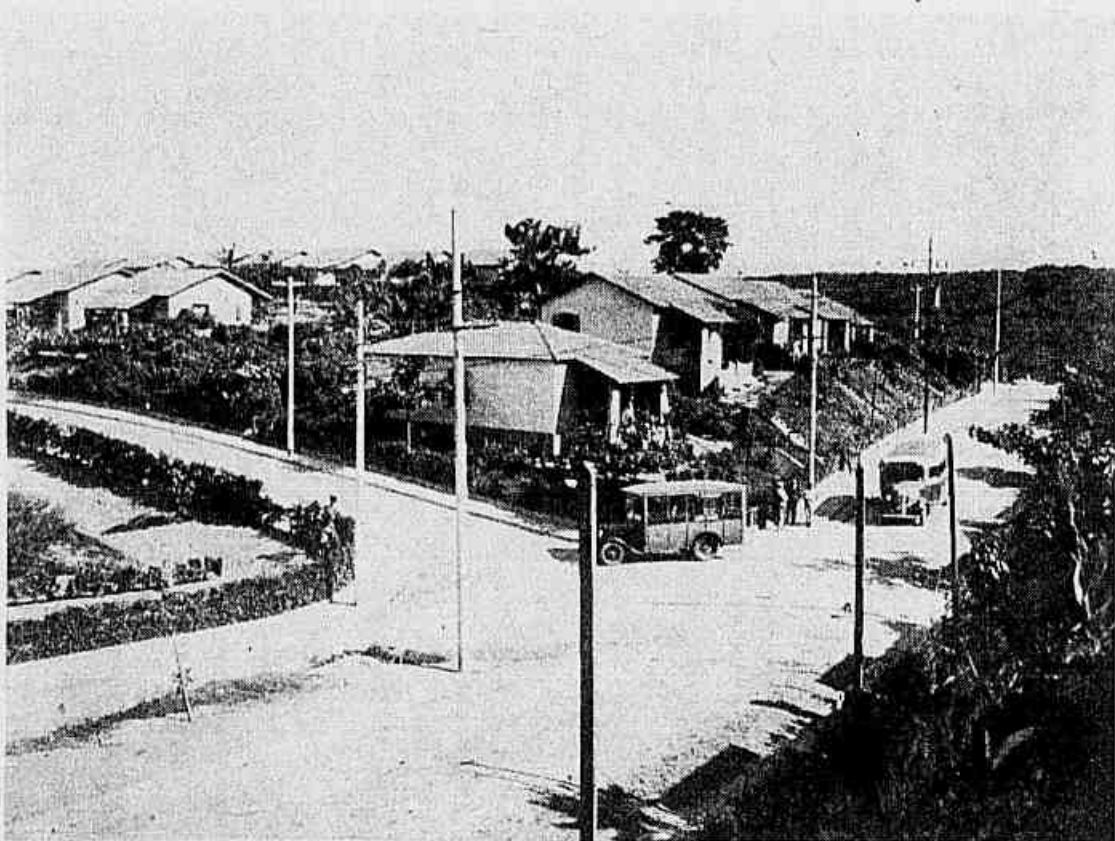
E' tão fácil encontrar a sua felicidade!
Faça um pequeno esforço para ser feliz!
Jardim Carioca oferece essa possibilidade a V. S., dando-lhe por Cobre o que vale Ouro!



Vista parcial do Jardim Carioca.



Magnifico palacete edificado no Jardim Carioca.



Um outro aspecto do Jardim Carioca.

A compra de um terreno no Jardim Carioca não depende de muito dinheiro. Com uma pequena entrada e o restante em módicas prestações mensais, sem juros e com direito a sorteios de quitação, qualquer pessoa previdente será proprietária na Capital da República!
Um terreno no Jardim Carioca custa hoje muito pouco e representa verdadeira fortuna no dia de amanhã!

Pega prospectos e informações á Av. Rio Branco n.º 108-6.º andar.
(Edifício Martinelli) Fône: 42-3812.

(Legalizados sob N.º 1 no 7.º Ofício de Imóveis, Lei 58)

A temporada

Estamos em plena temporada lírica. Ouvimos a Tosca, a Carmen, a Lucia de Lammermoor, o Baile de Mascaras, Sansão e Dalila, Manon e Werther, além dos Mestres Cantores a que já nos referimos noutra cronica.

Pelo que vimos e observámos nestes espetaculos somos forçados a reconhecer que a opera está realmente em plena decadência, mesmo em nosso meio, francamente operistico. Vê-se, com tristeza, que o publico aguarda ansioso os momentos das *notas agudas* nos tenores, sopranos, barítonos e baixos para os aplaudir ou retrair-se quando não satisfeito. O modo de frasear, de portar-se em cena, de cantar, mesmo trechos de real beleza, passa quasi por despercebido, ou melhor não tem nenhuma importancia, se o artista, por qualquer razão, não fôr feliz nos agudos. Francamente! Que especie de modo de apreciar é esse, em que o todo da opera é considerado secundário, e somente as notas agudas ocupam o primeiro plano? Que especie de sensibilidade artistica possuímos? Os coros, os bailados, a orquestra, os cantores dos pequenos papeis não são dignos de atenção? A opera é um todo, ou apenas certo numero de árias ou monologos? Não conhecemos a razão e cremos mesmo não ser tarefa facil, mas o que não podemos deixar de anotar é que a opera está perdendo o logar que ocupava nas manifestações de arte.

Estamos convencidos de que Schippa ou Bidú encheria o Municipal, se anunciassem um recital de árias de operas, com acompanhamento de piano; isso provaria o que ora afirmamos, isto é que o todo não interessa, mas apenas algumas partes. O facto é que a opera não mais empolga o grande publico. Se comparamos o entusiasmo com que são aplaudidos os Concertos Sinfonicos realizados no Rex, e o retraimento da assistencia em relação ás operas levadas no Municipal, chegaríamos á seguinte conclusão: o Concerto Sinfonico tem entre nós maior aceitação publica que a opera.

A maneira como o público se manifesta é a prova evidente. E note-se mais: nos Concertos Sinfonicos não ha claque (isto é pessoas pagas para aplaudir) como acontece nos espetaculos de opera. Curioso é que se afirmava até bem pouco tempo, e com toda força, que o público não gostava de Concertos Sinfonicos! Esta afirmação, tão maliciosa quão grave, corria de boca em boca sem que ninguém tivesse a coragem ou possibilidade de provar o contrario. Os nossos leitores devem estar lembrados do modo como combatíamos esse estado de cousas, através das colunas desta Revista, e do carinho com que nos ocupavamos do assunto! Não julgando, porém, ser o jornalismo o melhor meio de combater, entrámos no campo pratico da luta e orga-

nizámos, auxiliados por bons amigos, o instrumento apropriado: a ORQUESTRA SINFONICA BRASILEIRA. Num curto periodo de um ano, a jovem orquestra, que pode ser considerada a pioneira da musica sinfonica em nossa terra, já demonstrou cabalmente não ser verdade que o povo não gosta desse genero de musica, sem duvida o mais elevado de todos. Ha mais de 60 anos que são realizados no Brasil temporadas liricas: a principio pelo Governo Imperial, depois por empresarios e atualmente pela municipalidade. Não é tempo bastante para que tivéssemos um grande publico amante da opera? E por que não temos? Por que esse publico se limita a duas mil pessoas? Dizem uns: é devido o preço, somente acessivel aos ricos; dizem outros: é ao local, pois estes espetaculos realizam-se no Municipal, que é um teatro de luxo.

Afinal, qual é a razão? Não acreditamos nas hipoteses citadas, mas nestas: ou o publico entende a opera mas o numero de entendidos não vai além de dois mil, ou não gosta por não compreender e se retrai.

A Orquestra Sinfonica Brasileira conseguiu formar o grande publico de concertos sinfonicos, levando-o em massa para o Cinema em que realiza suas audições dominicais, a ponto de não poder fazer grande propaganda, porque o local não comportaria.

Por que a opera, divulgada entre nós em maior escala, não conseguiu igual popularidade?

Somos forçados a reconhecer que genero sinfonico tem maior aceitação publica que o lirico. Outro ponto que não podemos deixar de aludir: Os frequentadores de Concertos Sinfonicos vão realmente ouvir musica, enquanto que os do teatro lirico, principalmente as damas, servem-se da oportunidade para exhibir lindas *toilettes*, de maneira que os intervalos tornam-se mais agradaveis que a opera propriamente dita.

Ha, contudo, exceções. Deixemos de lado estas considerações para falarmos do modo como foram apresentadas as operas da 2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª, 6.ª, 7.ª e 8.ª recita de assinatura.

A TOSCA. — O publico esperava com grande ansiedade este espetáculo, não para ouvir a opera de Puccini, mas para ver Grace Moore, estrela do cinema americano, assás conhecida em nosso meio. De facto viram Grace Moore ricamente vestida, á maneira do Cinema, mas cantando mal, como se fosse uma soprano de baixa categoria. Foi uma decepção geral, principalmente para quem pensava que a artista tem realmente o volume de voz que os aparelhos sonoros do cinema apresentam. Note-se que o ambiente era de tal sorte favoravel que, mesmo assim, foi ovacionadissima. Sved, barítono famoso do Metropolitano, também foi outro desastre no papel de Scarpia. Muito bem vestido, porém sem voz. Tanto ele como Grace Moore sabem se conduzir em cena, notadamente ela, que é uma estrela cinematográfica de primeira grandeza, mas não deram mostra de ser cantores de classe.

A orquestra tocou bem, sob a direção de Genaro Papi, que conhece sobejamente a partitura, regendo-a de cór.

Os demais papeis e os coros não foram mal.

CARMEN. — A bela opera de Bizet não teve sorte nesta temporada. De facto é difficil superar e mesmo igualar Kieura e Bruna Castagna, que ouvimos no ano passado. Interpretada por Lily Djanel, Renée Mazella, Darcila Barrio, Helen Olheim, Raoul Jobin, Alexandre Sved, Roberto Galeno, Lodovico Oliveira, Rolf



Grace Moore

de opera lirica

Telasco e Guilherme Damiano e dirigida por Eduardo Guarnieri, foi a mais infeliz execução da Carmen que já tivemos ocasião de apreciar. Djanel e Sved não deram aos papeis de Carmen e de Escamilo o brilho necessário. Jobin não esteve feliz em Don José, assim como Mazella, em Micaela, sendo contudo a melhor.

O corpo de baile não foi dos piores, assim como os coros. A orquestra, porém, desceu muito de conceito. Não queremos culpar apenas o chefe, mas também certos naipes e solistas. Afinal, estamos assistindo à temporada lirica oficial!

Os demais papeis não comprometeram o espetáculo, assim como os cenários.

MANON. — Esta, sim, é uma opera digna de figurar no repertório da temporada oficial. Pena é que Grace Moore, ainda desta vez, não se tenha saído bem. Acreditávamos ser Manon excelente papel para ela, que nos decepcionou sobremodo. A celebre artista americana parece não conhecer bem nem o papel nem o ambiente em que a ação se passa. Daí a razão por que alterou completamente a *mise en scène*. Os ritmos sofreram também profundas alterações por parte da estrela, notadamente a gavota. O publico, que a aplaudiu freneticamente na Tosca, retraiu-se desta vez, tendo sido o espetáculo, considero um dos fracassos da presente estação. Jobin também não se houve à altura. Cantou bem o sonho, mas ao bisá-lo foi mal sucedido. Rolf Telasco não nos deu um Conde des Grieux digno de nota.

Os demais papeis tiveram bom desempenho.

O minueto e a gavota foram bem dançados. Alberto Wolff dirigiu de cor a encantadora partitura de Massenet, imortal compositor francês. A orquestra municipal, sob a regencia do grande chefe, melhora 50 % em relação aos outros diretores de orquestra da presente temporada. Os cenários e as *toilettes* satisfizeram plenamente.

UM BAILE DE MASCARAS. — Não se compreende que velharias como esta ainda sejam incluídas na temporada oficial, enquanto trabalhos de vulto e de real valor artistico (como por exemplo a Salomé), são anunciados e não são levados, sem que se saiba porque. Reconhecemos as dificuldades presentes, devido à guerra, mas não a ponto de tolerarmos irregularidades como esta.

A temporada é atualmente subvencionada pela Prefeitura. Por que havemos de admitir tais cousas? Com as estações liricas pretende-se dar essa forma de cultura ao povo ou ganhar dinheiro? Se predomina a segunda hipótese, estamos perdidos!

rique Dodsworth, que reuniu em seu gabinete os senhores José Figueira, diretor dos teatros, e Silvio Piergile, organizador geral da temporada, para chamá-los à responsabilidade.

Jagel, Borgioli, Milanow, Castagna foram os principais interpretes da já carcomida opera de Verdi. Tudo tem a sua época. Não estamos mais em condições de suportar asneiras musicais como Um Baile de Mascaras, por isso não fazemos comentários, limitando-nos a

E' preciso que seja dada sem tardança uma nova orientação ao teatro lirico nacional.

Cremos também ser esta opinião do prefeito Hen-



Zinka Milanowa

citar os cantores principais e o regente, que foi Genaro Papi.

LUCIA DE LAMMERMOOR. — Outra opera que não se compreende seja incluída no repertório das estações oficiais. Que especie de cultura se pode obter ouvindo-a? E' uma opera cujo libreto e cuja musica (harmonização, orquestração e mesmo a concepção) não valem cousa alguma. Entre a Lucia e as operas que deveriam fazer parte da temporada, como Thais, Falstaff, Peléas e Melisande, Lohengrin, Tanhauser, Tristão e Isolde, Salomé, Eletra e outras, existe uma diferença que pode ser comparada ao cinema de 1920 em relação com o de hoje. Rodolfo Valentino foi sem duvida o maior astro cinematografico do seu tempo. Se tivesse atualmente vindo os seus rivais, Robert Taylor e Tyrone Power, ficaria escandalizado, tal o progresso da técnica dessa arte que deixou de chamar-se cinema muda. Pois bem: são diferenças equivalentes que observamos entre as velhas operas (de um passado remotissimo), e as operas do presente. Enquanto estas empolgam pela beleza e acabamento, aquelas revoltam-nos ao ouvi-las. Não valem nada. São trabalhos imperfeitos sob todos os pontos de vista. Não merecem comentários. Creio mesmo que a opera foi dada para que Schippa (celebre tenor italiano quasi destronado pela idade), cantasse.

SAMSAO E DALILA. — Este foi, até agora, o melhor espetáculo da temporada. A opera de Saint-Saens é por si só um encanto. Wolff e a orquestra ocuparam o primeiro plano. Ele dirigindo e ela executando bem, como ha muito não fazia. Bruna Castagna deu-nos uma Dalila admiravel. Artur Carron e Felipe Romito, que interpretaram respectivamente Samsão e o Sumo Sacerdote, também se conduziram bem Damiano, Oliviero, Marlowe, Galeno, nos demais papeis, agradaram. O corpo de baile, que atuou no 1.º e 3.º atos, sob a direção de Maria Olenewa, portou-se à altura. Os cenários e os coros, enfim tudo mais concorreu para a excelencia do espetáculo.

WERTHER. — Este adoravel drama lirico de Massenet foi, como Samsão e Dalila, cantado no texto original francês. Os personagens tiveram a seguinte distribuição. Werther — Raoul Jobin; Alberto — Felipe Romito; Le Bailli — Mário Girotti; Schmidt — Ludovico Oliviero; Johann — Rolf Telasco; Charlotte — Lily Djanel; Sophie — Renée Marsella.

A apresentação foi também uma das melhores da temporada. A opera é bela e os artistas principalmente Jobin, souberam honrar o nome do imortal compositor francês. Wolff conduziu a orquestra com a mesma sobriedade do Samsão e Dalila. E' realmente um grande chefe.

Que diferença faz a nossa orquestra oficial sob a sua eminente direção! A impressão, que nos causou, é que foram mudados todos os musicos.

JOSÉ SIQUEIRA

ORGANDY

DE BAZIN

Os perfumes têm, como as artes e as letras, os seus grandes mestres e as suas obras primas. ORGANDY de BAZIN é a grande obra prima da perfumaria.

A' VENDA
EM TODO
O BRASIL

EXTRACTO
Nº 1210 C/CX.
Nº 1217 C/CX.

SABONETE
Nº 1280

PO' Nº 1250

BRILHANTINA
Nº 1212

Nº 1200-F
Nº 1201-F
Nº 1202-F

EXTRACTO
Nº 1211 C/CX.
Nº 1211 S/CX.
Nº 1211-M

T. TARQUINO

DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Sem Calomelanos—E Saltará da Cama Disposto Para Tudo

Seu figado deve derramar, diariamente, no estomago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estomago. Sobrevem a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Nada há como as famosas Pillulas CARTERS para o Figado, para uma acção certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam dano; são suaves e contudo são maravilhosas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pillulas CARTERS para o Figado. Não aceite imitações. Preço 3\$000

O QUE SE OUVI NO SILENCIO

Agora, [que tanto se fala, no Rio, de ruído e de silêncio, não deixa de vir a propósito este trecho do livro de Margaret Kennedy The Constant Nymph, de que a autora depois extraiu a peça do mesmo título traduzida no Brasil com o título Nunca me deixará:

"Estavam os dois ao alto duma colina donde se dominavam as águas azues do Mediterrâneo e em cujas faldas se aninhava uma aldeia de pescadores.

— Que delicioso silêncio! exclamou ele.

— Silêncio? observou ela, com um movimento de estranheza. — Não ouves o sino da igreja, os gritos dos homens que tripulam aqueles barcos, o ladrar dum cão e o grasnar dos patos, num daqueles quintais?

— Ouço, naturalmente! E ainda tu deixaste de notar os pipilos dos pássaros que passam por sobre nós, a grazinada dos grilos ocultos na relva ao nosso redor, o estridor dum automovel mudando de velocidade, a pancada dos remos daquele barco, rompendo a água, o som dos cho-celhos das cabras que por aí algures andam pastando, e lá longe o bater do martelo dum ferreiro na bigorna... Reina aqui tal silêncio que se percebem todos esses ruidos. E o que estamos acostumados é a não distinguir nenhum.

Para limpar os vestidos de sarja branca — Emprega-se um forte cozimento de raízes de saponaria.

O vestido sae desta lavagem muito branco, e macio o tecido.

O sabão endurece e amarela este tecido.

PENSAMENTO

Trate o inferior como quer ser tratado pelo seu superior.

Sêneca

ATAQUES NERVOSOS OU EPILEPTICOS

NOVO TRATAMENTO

O tratamento mais eficaz e seguro que a medicina tem hoje em dia para os ataques nervosos ou epilepticos é o que se faz com MARAVAL — solução. Este poderoso medicamento, graças à feliz combinação de elementos opoterpicos e vegetais de sua fórmula, restitue em pouco tempo a saúde, a alegria e o sossego aos doentes. MARAVAL — solução — é verdadeiramente o tratamento racional e científico dos ataques nervosos e epilepticos.

Não encontrando MARAVAL — solução — nas Farmácias e Droguarias, escreva ao Depositário, Caixa Postal 1874, São Paulo.

MARAVAL

A béla estação



A filha do titio vira e' 1 eeta ida,
Xeia d +ãso e lánivid gôrful,
D sêxe o azul a S. da É um sonho
E -ada +e d É um sonho o da
A Belém é 1 ee atidos,
Xeia d +ãso e naldivi pr zr,
Aa lamas 100f 1vivr d ,
Na +e, a vivr.
Âbaa c a nã d 1vivr ohisnrô,
Iguáii réc, âbaa S. d rôma,
 a Queluz n cro +nho,
A filha do titio vira nacr a
Iguáii réc quã a É um sonho aa ta,
Maa, êtretãto ll +a iguáii,
A pri Não é boa vira sa e dpoii talvo'
E a mo dad -vôlal +!
(Vrsoo d Frã co d ula tiro d B respiro roo)
V C D FRAA RAWL

Santos e Efemérides da Semana

SETEMBRO

20 Santo Eustáquio. — Oficial do exército de Vespasiano. Um dia, ao perseguir um veado, viu um crucifixo entre as pontas esgalhadas do animal. Convertendo-se, então, com toda a família. Preso com a mulher e os 2 filhos, foram todos quatro encerrados num enorme touro de bronze, sob o qual acenderam fogo. Pereceram, assim, em meio de horribéis tormentos.

— Santa Fausta. — Teve uma vez a glória de converter, por sua constância nos tormentos, o prefeito Evilásio. Engravidou e, depois, foi lançada numa caldeira de resina fervente e, como orasse de novo pelos seus perseguidores, o juiz, renegando sua crueldade, precipitou-se na caldeira, ao lado dela.

— Inicia-se no Rio Grande do Sul a revolução dos Farrapos (1835), que durou até 1845.

— Nasce em Maricá (E. do Rio) Antonio Augusto Ribeiro de Almeida, ministro do supremo Tribunal de Justiça.

21 São Mateus. — Um dos doze apóstolos. Pregou a religião na Judéia, na Etiópia e na Pérsia. Acredita-se que tenha sido martirizado, mas ignora-se a data exata, assim como o local da sua morte. Deixou numerosos escritos e um Evangelho.

— Santa Maura. — Nascida em Troyes de uma família nobre; recebeu o batismo das mãos de Santa Prudência. Levou uma vida toda de santidade e morreu com a idade de vinte e três anos.

— Falece João Bráulio Muniz, um dos três membros da Regência do Império, de 1831 (1835). — Inaugura-se o primeiro dique da ilha das Cobras (1861).

22 São Maurício. — Chefe da legião tebana, composta inteiramente de cristãos; sofreu o martírio com a maior resignação, ao mesmo tempo que todos os seus companheiros, por se ter recusado a obedecer ao imperador Maximiliano, que lhe ordenara, sob pena de morte, que abjurasse a fé cristã e sacrificasse aos falsos deuses.

— Santa Digna. — Virgem romana torturada durante a perseguição de Valeriano, em 254, ao mesmo tempo que sua companheira, Santa Emerita.

— Falece em São Paulo o padre Belchior de Pontes, da Companhia de Jesus, venerado pelo povo como um santo (1719). — Nasce no Rio o padre José Maurício Nunes Garcia, grande músico (1767). — Falece no Rio João José de Andrade Pinto, ministro do Supremo Tribunal Federal (1898).



— Pois é isto: eu, um pacífico farmacêutico, quase matei um leão... um leão doente, pondo arsênico em vez de bismuto numa poção que lhe era destinada.



— Comprei as cadeiras para o teatro...
— Oh! Então, vou já vestir-me.
— Muito bem! Como são para depois de amanhã, chegaremos precisamente na hora.

23 São Lino. — Papa de 66 a 78; foi o sucessor imediato de São Pedro. Governou a Igreja com muita retidão e firmeza e contribuiu para numerosas conversões. Foi martirizado no decurso de uma violenta perseguição contra os cristãos.

— Santa Tecla. — Esta santa, celebre no Oriente, foi, ao que se diz, convertida por São Paulo, quando foi pregar em Iconium. Teria sido a primeira mártir de seu sexo. Atormentada por vários modos, terminou, todavia, seus dias em paz, num retiro em Seleucia.

— Falece em Niterói o conselheiro José Maria do Amaral, diplomata e literato (1885). — Nasce em São Paulo Canuto José Saraiva, ministro do Supremo Tribunal Federal (1854).

24 N. S. das Mercês. — Comemoração da fundação em Barcelona, por São Pedro Nolasco, a seguir a uma aparição da Virgem, da Ordem de Nossa Senhora das Mercês, da qual foi o primeiro superior.

Michel
COM A VITÓRIA É CERTA

• Liberta de dúvidas inquietantes, tão serena, tão confiante estais vós, com o mágico presépio que Michel conferiu aos vossos lábios — que nada vos consegue perturbar. Sim, com Michel, a vitória está garantida! Hoje e sempre ele emprestará esse ar triunfante aos vossos lábios cheios de cor, a cuja doçura e suavidade ninguém resiste. Na escala das tonalidades de Michel, existe uma cor para cada boca: Blonde, Cherry, Brunette, Raspberry, Cyclamen, Vivid, Scarlet, Capucine e Amaranth. Insisti sempre no verdadeiro Michel.

4 modelos:
De Luxo, Grande, Médio e Pequeno
MICHEL COSMETICS INC. - NEW YORK

O cosmético indelevel Michel vos dará olhos maiores e mais tentadores. Encontrado nas cores: Preto, Castanho e Azul.

O Rouge Michel tornará vossas faces mais gentis e vivas. - Blonde, Brunette, Coral, Cherry, Raspberry, Mandarine e Cyclamen.

— São Geraldo. — Chamado pelo rei Estevão da Hungria para pregar o evangelho, tornou-se bispo de Chonad. Após o falecimento de Santo Estevão, foi morto cruelmente, em 1046.

— Santa Antília. — Jovem virgem, martirizada em Arezzo, na Toscana.

— Morre em Queluz (Portugal) D. Pedro I, proclamador da Independência do Brasil (1834). — Morre na Bahia o general Pedro Labatut, que comandou o exército brasileiro nessa província durante a guerra da Independência (1849).

25 São Firmino. — Nascido em Pampelune, pregou o cristianismo em Beauvais e em Amiens. Tornou-se bispo desta última cidade e aí operou numerosas conversões. Preso e encarcerado, foi condenado à morte e martirizado em 207, aproximadamente.

— Santa Aurélia. — Originária da Ásia, visitou os Santos Logares e depois, em Roma, o tumulto dos apóstolos. Maltratada pelos Sarracenos em Cápuia, conseguiu escapar e refugiou-se, com Santa Neomésia, em Agnani, onde morreram.

— Falece no Rio o poeta Paulo José de Melo e Azevedo e Brito, senador do Império (1848). — Falece em Niterói Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho, visconde de Sepetiba, ministro de Estado (1855). — Nasce em Serro, Minas, Pedro Lessa, professor, jurista, ministro do Supremo Tribunal Federal, membro da Academia Brasileira (1859). — Falece no Rio Firmino Pereira Monteiro, ministro do Supremo Tribunal de Justiça (1878). Falece no Rio o almirante José da Costa Azevedo, barão do Ladário, ministro do Império e senador da República (1904).

26 São Cipriano. — Originário de Antioquia, dado à superstição e convertido por Santa Justina, com a qual sofreu o martírio e foi decapitado, na Nicomédia, em 304.

— Santa Judith de Betúlia. — Viúva da tribo de Ruben que assassinou Holofernes, general de Nabucodonosor, para salvar seus compatriotas, em 659, antes de Jesus Cristo.

— Falece o almirante Elisiário Antonio dos Santos, barão de Angra (1883).



— Para fazer um bom guizado de lebre, é bem simples... Você mata primeiro uma lebre...
— E você acha isso simples?...

Diário de Notícias

O jornal dos bairros residenciais

Ninguém pôde hoje viver, na cidade como nos campos, sem um mínimo de conhecimentos sobre os factos de cada dia, sobre os progressos económicos, científicos, artísticos, sociais. Quer isso dizer que ninguém pode hoje viver sem a permanente companhia de um criterioso e moderno órgão de informação.

Faça do

Diário de Notícias

o seu jornal

O Matutino de Maior Circulação do Rio de Janeiro

A mulher do guarda

Conto de **Pojucan de Carvalho**

I

Encostado ao umbral, cachimbo fumegante a pender do canto da boca, o velho guarda da linha contemplava a infinita **steppe**, envolta no sudário de neve.

Seu olhar vago e apagado era sem expressão: olhar de quem não tem imaginação e em cujo cérebro vazio e estreito só há lugar para o pensamento no dever automático que as horas marcam.

No interior, numa pequena sala, a mulher, junto à lareira crepitante, cardava a lã, de ar tristonho e gesto desalentado. Por vezes interrompia a tarefa e, após um longo suspiro, ficava de olhar fixo no solo, como se suspendesse o ritmo da vida. Não era o olhar frio, inexpressivo, puramente físico do marido, a medir a extensão da planície. Não! Aquele olhar, enevoado de tristeza, exprimia tudo o que havia de dôr num cérebro e num coração: era palavra, era pensamento, era lágrima, era sentimento. Evocava todo um passado, e que passado! Passado de alegrias que se tornaram em fundos pezares irremediáveis! As alegrias envelhecem, morrem; a sua lembrança esvae-se como o fumo, deixando quando muito uma leve saudade: o passado as sepulta. Os pezares encanecem apenas, ficam sempre no recesso do nosso coração ou na nossa imaginação, como se fossem um remorso: o passado os lega ao presente, que os conserva impiedosamente. Será um bem ou um mal? Era êsse passado nesse presente de tão amarga saudade e recordação que ela evocava. A recordação, a saudade do filho, sepultado tão longe dela, naquela Siberia maldita, que era o terror das mães e das espôsas... E na sua memória surgiam agora, como uma longa tela animada que se desenrolava aos poucos, as paisagens luminosas ou sombrias, as cenas alegres ou dolorosas dêsse passado: era, a princípio, o filho infante, ave implume, ensaiando os primeiros passos no chão daquela sala, enchendo-a com o gorgueio cristalino da sua voz; depois, mais desenvolvido, entregue aos brincos infantis na planície ou ajudando o pai nos pequenos serviços da linha, a carregar as bandeiras de sinais ou ferramentas; por fim, já moço, operário nas oficinas da estação próxima, de onde vinha aos domingos, passar as horas de lazer no lar paterno. E de súbito aquele céu azul nublou-se, escureceu, tornou-se em uma infundável noite sem estrelas: o filho querido, desviado por agentes do nihilismo e empolgado pelas idéias que minavam o proletariado, filiou-se a uma associação terro-

rista, enredou-se numa conspiração contra o Czar e, denunciado, foi deportado para a Sibéria.

O velho guarda proibiu a mulher de tentar qualquer pedido de indulto. Na sua religiosidade fanática de campônio e cega lealdade e dedicação de súdito, via no Czar o enviado do Deus de todas as Rússias. O crime do filho era, pois, irremissível.

— Deixou-se iludir — sentenciava êle, ante as súplicas chorosas da pobre mãe — e pecou contra Deus, porque a pessoa do soberano da Santa Rússia é sagrada. Que sofra o castigo com firmeza e dignidade! O nosso dever de bons súditos, mesmo de coração sangrando, é resgatar o seu crime pela resignação e pela fidelidade...

E foi inflexível; e a "mater dolorosa" queimava aos poucos o coração nas lágrimas, amaldiçoando o imperador e toda a sanguinária casta de algozes do seu rebento idolatrado, que morreu sob o cruel trabalho das minas, porque defendeu o direito dos pobres e dos desprotegidos, tal como Aquele Cristo crucificado, cuja imagem ela conservava ali, à cabeceira do seu leito...

II

Os flocos de neve cessaram de riscar o espaço e descobriram o azul puríssimo do céu naquela frígida tarde. O sol já aproximava o seu disco do horizonte, pondo reflexos avermelhados nas coisas da terra.

Dois cavaleiros, de rostos quase sumidos entre os gorros de peles e as golas levantadas dos capotes, seguiam, ao passo dos cavalos siberianos, ao longo dos trilhos da estrada de ferro que cortava a planície.

A certa altura, sofream os animais e circunvagaram o olhar suspicaz, como que a observar ou reconhecer o local, e logo avançaram até um pequeno bosque, distante algumas braças da linha. Apearam, ocultaram as montarias numa clareira e ficaram à espreita, entre as árvores.

— Brustiloff fez bem o serviço da ponte — segredou o mais velho dos cavaleiros, com um sorriso diabólico, consultando o relógio. Em menos de 20 minutos, si não houver algum contratempo, passará o trem por aqui e aquele monturo de príncipes, grão-duques, generais e fidalgoes, com as suas messalínicas mulheres ou barregãs, irá atulhar o fundo do rio, nos vagões de luxo. Jam banquetear-se no aniversário festivo do detestado Romanoff, enquanto o povo geme sob o **knout** e os nossos irmãos passam fome na Sibéria. Pois bem, ao invés de banquetes, terão missas fúnebres!

O outro, mancebo de fronte sonhadora e melancólico olhar, meneou a cabeça, comentando com tristeza:

— Quantos crimes para reivindicar o mais sagrado direito de um povo — a sua liberdade!

— Sim — replicou com azedume o companheiro, a quem não agradou a relexão sentimental. E' o crime contra o crime. Mas o crime pela reivindicação dêsse direito sagrado é também um direito incontestável, legítimo, natural, que apenas não está expresso em lei. E acaso instituições retrógradas, autocráticas, baseadas em falsos princípios, privilégios e interesses de casta, e que violam e contrariam a própria natureza, sustentadas pela força material de governos usurpadores e ilegítimos, representam direitos? Dêsses crimes políticos estão repletos os anais dos povos, e os seus autores são glorificados! Os fins justificam os meios, tanto mais que nas crises que ferem instituições milenárias, defendidas pelo fanatismo, pela ignorância e pela força bruta, os agitadores e reformadores teem que lutar contra a cegueira das próprias virtudes, de uma mal entendida moral e de errôneos preconceitos, obstáculos à vitória dos grandes ideais humanos. Feodor, há crimes e crimes: crimes que a Posteridade absolve, como os da Revolução Francesa e os do Protetorado de Cromwell, e crimes como os da Inquisição, os das guerras religiosas, os de imperantes repulsivos como Nicolau I.º e mais dinastas desta e de outras épocas; crimes nefandos que mancham as páginas da História e envergonham a Humanidade. Meu amigo, a hora não é de sentimentalismo nem de piedade, mas de ação. Momentos há em que o mérito está em endurecer o coração e só ouvir a razão. Os entes humanos que as grandes agitações e crises políticas e sociais sacrificam são insignificantes seixos arredados do caminho que nos leva à vitória do ideal. Quando houvermos atingido o último marco da luta, o triunfo glorioso da causa, êsses crimes não serão mais do que manchas imperceptíveis, como as do sol...

III

Enquanto assim dialogavam em voz baixa, na atitude cautelosa de conspiradores, a Morte rondava a casinha do guarda da linha, não muito distante dali.

Sobre humilde leito, com a fronte e os braços envoltos em panos ensanguentados, êle parecia morto, tal a sua imobilidade. Ao lado, sentada a um banco, de rosto entre as mãos, a mulher escondia o pranto.

O silvo longínquo de uma locomotiva pareceu despertá-lo da insensibilidade. Moveu levemente a cabeça, abriu os olhos, gemeu como a despertar a mulher, abismada na dôr, e com o olhar indicou-lhe a parede à frente. Ela compreendeu o gesto, porque de pronto se ergueu, tomou da bandeira vermelha dependurada junto à porta, sossegou-o com um aceno carinhoso e saiu. Então o velho ferroviário, com um flebil suspiro de



Não ha necessidade, minha Senhora, de cada mês ter sete dias de sua vida subtraídos ás suas atividades e ás suas alegrias. Si a Senhora sófre, deve-o á sua imprevidência. Use **A Saude da Mulher**. Regulador, tônico, anti-doloroso, **A Saude da Mulher** lhe fará recuperar anos de vida.

O remédio que tem no nome o resumo de suas virtudes.



A SAUDE DA MULHER

FIGURAS E FACTOS



NO PANTEON DA IMPERATRIZ LEOPOLDINA Flagrante apanhado no dia 7 do corrente por ocasião da visita ao Panteon da imperatriz Leopoldina, promovida pelo Instituto Historico. Destacam-se a senhora Darcy Vargas, o sr. Max Fleiuss e o sr. Macêdo Soares.



SETE DE SETEMBRO EM MONTEVIDÉU Nota gráfica tomada em Montevideu, por ocasião da solenidade que a Radio Espectador promoveu em honra de nossa independência, e durante a qual discursaram o ministro Arsenio Bargo, titular uruguaio da pasta de Obras Públicas, o ministro Decio Coimbra, conselheiro de nossa Embaixada, e o historiador uruguaio dr. José Salgado.



AQUARELAS DA BAHIA O salão dos artistas brasileiros vem de apresentar ao publico uma coleção de aquarelas de Manuel Paraguassú. São 60 trabalhos, aspectos da Bahia antiga: igrejas, conventos, praias, fortalezas e ruas. A inauguração, de que damos aqui registro fotográfico, teve lugar a 2 do presente mês.



Do Pará chegou pelo "Itapé" o dr. Deodoro de Mendonça secretario geral daquele Estado, acompanhado de sua exma. familia. E' do seu desembarque o flagrante acima. O ilustre viajante tem á sua esquerda a senhora Deodoro de Mendonça.



HOMENAGEADO CATULO DA PAIXÃO CEARENSE Num ambiente de grande distinção, com a presença de jornalistas e artistas brasileiros, o pintor belga Georges Wambach recepcionou em sua residencia à Avenida Atlântica, Catulo da Paixão Cearense. Publicamos acima um aspecto da recepção, vendo-se o autor do "Luar do Sertão" entre as senhoras Marie Larie Blin e Edith Arruda Beltrão.



CRUZADA JUVENIL DA BOA IMPRENSA Durante a "Semana de Camélias" a Cruzada Juvenil da Boa Imprensa fez realizar na Escola Nacional de Música uma solenidade que se revestiu de excepcional brilho. Foi orador principal D. Alexandre do Amaral, bispo diocesano de Uberaba, que aplaudiu calorosamente a obra cívica e espiritual da C. J. B. I. Autoridades eclesiásticas, civis e militares se fizeram representar, destacando-se o Estado Maior do Exército, o comando do encouraçado "S. Paulo", o Clube Militar da Reserva, associações de escoteiros e vários colégios. O Ministro da Educação e o seu colega, que responde pelo expediente da Pasta da Agricultura, o almirante José Milanez, chefe da Esquadra, e várias outras personalidades de destaque telegrafaram ao presidente da patriótica instituição. D. Alexandre do Amaral foi proclamado sócio benemérito da C. J. B. I., pela palavra do secretário geral da mesma. Além de pequenos cruzadeiros, falaram ainda o dr. Assis Ribeiro, o cônego Thomaz Menezes, tendo o presidente da Cruzada, tenente-coronel Waldemar Cotta encerrado a sessão em brilhante improviso, após o que foi cantado o Hino Nacional por todos os presentes. Dessa solenidade são os flagrantes acima, colhidos por nossa reportagem.

As novas instalações da Agencia Pettinati



Aspecto do ato inaugural, vendo-se ao centro do grupo diretores da Agencia Pettinati.

Os diretores da Agencia Pettinati, cuja casa matriz funciona em São Paulo, escolheram o Dia da Imprensa para inaugurar solenemente as novas e modernas instalações dessa conceituada organização de propaganda. A festa inaugural compareceram elementos destacados da sociedade paulistana, comerciantes, industriais, jornalistas, etc. A Agencia Pettinati funciona á rua Conselheiro Crispiniano, 29-9.º andar na capital paulista, mantendo no Rio uma filial á rua Assembléia, 104.

REVISTA GENEALOGICA BRASILEIRA — Órgão do Instituto Genealógico Brasileiro — Direção de Salvador de Moya; 2.º semestre de 1941, São Paulo.

Esta publicação tem não somente a virtude de tornar a Genealogia mais atraente, como a de patentear que o esforço de alguns intelectuais paulistas, dedicados e laboriosos, está dando ótimos frutos em todo o país. Interessantes e meditados trabalhos de estudiosos de diversos pontos do Brasil enriquecem o atual numero da Revista.

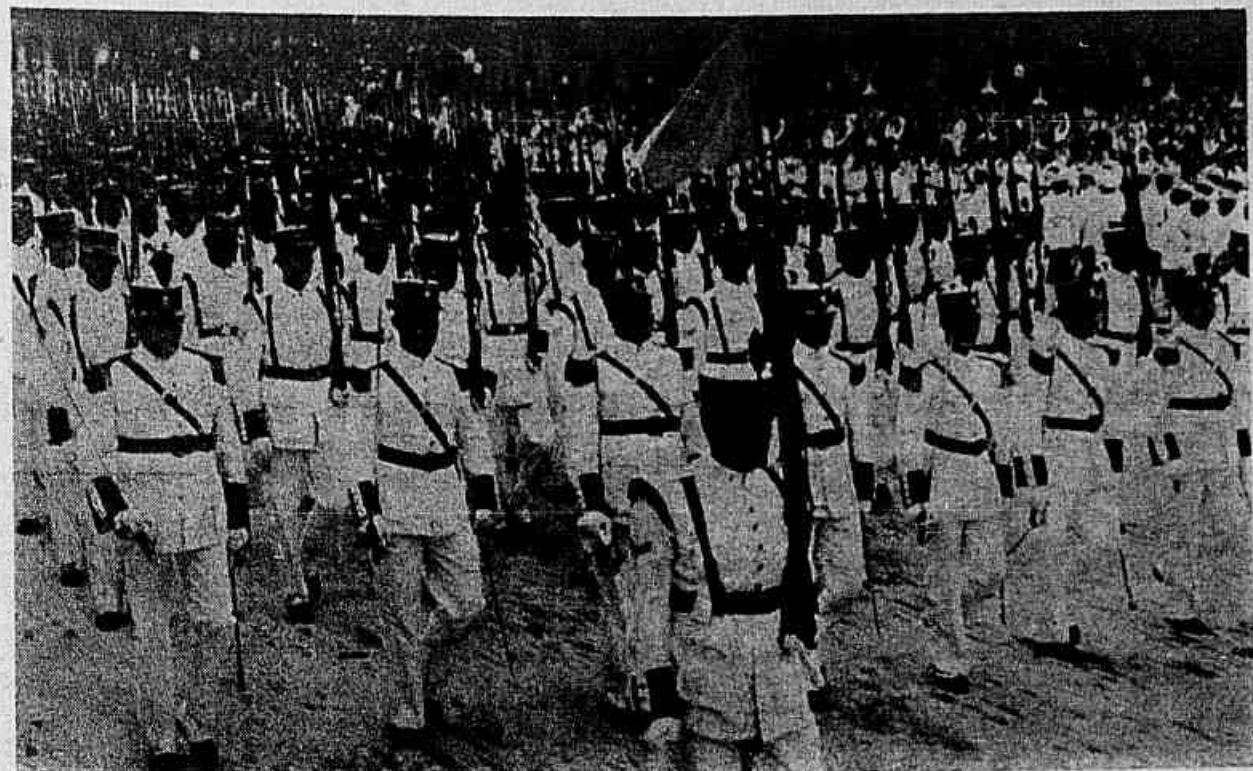
O dr. Vasco Smith de Vasconcellos vem publicando em seção especial, documentos e papeis da Casa Imperial, tarefa de muita utilidade para a nossa História e digna de ser incentivada com a remessa de contribuições por parte dos que igualmente possuem documentos dessa espécie.

Curiosíssima é a conta apresentada por alfaiate de Pedro II ao mordomo da Casa Imperial, abrangendo os meses de Junho, Julho, Agosto, Setembro e Outubro de 1854. Por ela vê-se que o guarda-roupa da Casa Imperial e talvez de Sua Majestade não era dos mais pobres. Seria essa elegância do nosso monarca, à primeira vista tão fora de seu temperamento sóbrio e modesto, exigência do espirito feminino de Dona Tereza Cristina ou do protocolo imperial? Ou, o que é mais certo, é que essa elegância não era do imperador pessoalmente e sim de agregados á Corte.

O fato é que o alfaiate cobrava só em Outubro 4 gravatas de seda, 1 feitiço de seda, 18 feitiços de calças brancas, 4 feitiços de calças de côr, 12 feitiços de coletes brancos, 1 feitiço de sobretudo, 3 feitiços de calças pretas e 1 feitiço de calça casemira branca. Como se explica isso?

De qualquer forma o fato é que nos meses anteriores muitos pedidos foram igualmente feitos ao alfaiate, como mostra o mesmo documento. É curioso que nele aparece em varios lugares a cobrança de "dinheiro para aluguel de seje" 75000 de cada vez. Será que a Casa Im-

perial para as suas viagens precisava alugar essa antiga viatura, espécie de caruagem fechada, ritada por dois cavalos e tendo duas rodas, cortinas na frente e um unico assento e varões? Ou, o que é mais certo, a seje era destinada a levar a mercadoria á Quinta da Boa Vista, nessa epoca um pouco afastada do centro da pequena cidade de então.



FORÇA POLICIAL DO ESTADO DO RIO

Em nossa reportagem fotografica sobre a Parada do Dia da Pátria, trocámos, num lapso ocasional, a legenda da foto acima. É um flagrante do desfile da Força Policial do Estado do Rio, que colaborou com os corpos estacionados no Distrito Federal para brilhantismo da parada cívica, — e não o que lá ficou anotado.



Sociedade dos Amigos do Rio de Janeiro

A propósito da 1.ª Exposição de Folclore Carioca, realizada nos salões da Associação Brasileira de Imprensa com material colhido em demoradas pesquisas pelo sr. Joaquim Ribeiro e sra. Mariza Lira, a Sociedade dos Amigos do Rio de Janeiro promoveu uma série de conferências relacionadas com as tradições da gente carioca. A primeira dessas palestras, da qual damos aqui registro fotográfico, versou sobre "Costumes Militares de Outros Tempos", e foi feita pelo coronel Paula Cidade. Alberto Lima ilustrou-a.

Dois trabalhos de palpitante atualidade são os de Sylvio de Campos Filho e Aureliano Leite respectivamente sobre as figuras de dois grandes estadistas que a terra bandeirante deu á Republica Brasileira: Bernardino de Campos e Prudente de Moraes. Trabalhos feitos com o sentido entusiasmo e a reverente admiração que os homens de hoje devem ter por esses em-

polgantes, firmes e leais homens dos nossos primeiros tempos republicanos, cujo centenários de nascimento se comemoram neste ano de 1941.

Salvador de Moya, o inteligente e empreendedor diretor da Revista, merece os maiores e mais sinceros parabens pelo sucesso cada vez maior obtido pela sua obra de estudioso e de idealista. M. B.



Regressou á Paraíba no dia 10 deste mês o dr. Ruy Carneiro, Interventor Federal naquele Estado. S. Excia. durante os dias que passou na capital Federal, dedicou-se ao estudo, encaminhamento e solução de diversos problemas do maior interesse para o seu Estado. Os flagrantes que estampamos mostram s. excia. entre o presidente do Banco do Brasil dr. Marques dos Reis e o coronel Aristachio Pessoa, e no momento em que entrava no avião da Panair em companhia do seu secretário particular sr. Henrique Candido Cavalcante Pessoa.

LIVROS NOVOS

○ **MAMELUCO BOAVENTURA**, romance de Eduardo Frieiro (2.^a edição) — Belo Horizonte, 1941.



encaminhando para a terceira.

O sr. Eduardo Frieiro empreendeu, com uma satisfação e uma confiança que não deixam a menor dúvida, a tarefa nada fácil e bastante complexa de compor um roman e passado em terras de Minas Gerais, em começos do século XVIII. Não se trata, pelo menos ao que da leitura se pode deprender, duma labuta de pesquisa pelos anais e os comentários da época. Estas páginas não dão absolutamente a impressão dum **tour de force**, e taas a sua melhor virtude e o principal mérito do autor. O sr. Eduardo Frieiro andou bem à sua vontade por aqueles tempos e aqueles costumes, que a cultura lhe tornara familiares. Figuras, cenários, ambientes, tudo ele conhecia dantemão e, constituída a linha do romance, as características de cada personagem e as variantes do diálogo lhe acudiam prontamente, quase se poderia dizer "espontaneamente". Assim a obra saiu desenvolta, vivaz, impressionante de naturalidade. A própria feição ultra-romântica do enredo, como a prezaria Camilo e Herculano a não desdenharia, se torna ao nosso espírito de hoje o que ha de mais aceitavel, mais verosimil. E tudo isto explica o exito excepcional logrado, na sua primeira edição, pelo **Mameluco Boaventura**, que rapidamente se deve estar

◆ ◆ ◆
 PALAVRAS A MINHA FILHA, por Monique Levallet-Montal, tradução — Rio de Janeiro 1941.

Alphonse Daudet poz no seu romance **Sapho** a dedicatória *Pour mon fils, quand il aura vingt ans*; o livro de Monique Levallet-Montal intitula-se, no original, *Pour les vingt ans de Colette*. Tratando-se de obras tão diferentes, ambos os autores pensaram em as consagrar ao ser entre todos estre-mecido, para quando elle chegasse a idade de bem compreender e bem sentir, de bem poder distinguir o mal do bem. O romancista, com a pintura, sobretudo, dos vícios e misérias, da decadência e corrupção duma época, e a moralista, com a explicação e a exaltação do amor puro, dos deveres de esposa, da missão maternal, tiveram o mesmo cuidado de amparar, esclarecer, orientar a mocidade, na criatura mais chegada a eles, mais intima do seu coração. Assim os que andam pelas mais diversas estradas, levando consigo uma boa intenção, em algum ponto se podem encontrar — e igualar.

O livro da senhora Levallet-Montal obedece, todo ele, a uma sinceridade inconfundível. Não se trata apenas duma obra de beleza e de estilo. Domina as suas páginas uma emoção intensamente comunicativa. E esta leitura, que regala o espirito, faz realmente bem ao coração.



◆ ◆ ◆
 VIDA HEROICAS, VIDAS GLORIOSAS, de Aliatar Loreto. — Rio de Janeiro, 1941.



Infantaria', outros ainda, cujo carater e cujos feitos constituem lição e exemplo para as gerações.

Militares e paizanos, toda a gente lerá com interesse e proveito a obra do sr. Aliatar Loreto, que tem ainda a enriquecê-la bem trabalhados retratos à pena, de Alberto Lima.

◆ ◆ ◆
 A VIDA ERRANTE DE JACK LONDON, biografia por Irving Stone, tradução de Genolino Amado e Geraldo Cavalcanti — Rio de Janeiro, 1941.

Alberto Pimentel escreveu sobre a vida de Camilo Castello Branco um livro a que deu o titulo **O romance do romancista**. Embora doutro gênero, sem tragédia propriamente dita, sem nenhuma espécie de fatalidade, a história de Jack London, tal como Irving Stone a contou, não é menos agitada nem menos cativante.

Qualquer leitor, por menos que lhe interesse a vida dos autores, tem idéia daquela carreira dum homem de letras que foi varias outras coisas antes de obedecer á sua verdadeira vocação. Ninguém imagina, porém, os pormenores de esforço, aventura, luta, sofrimento, inabalavel coragem e absoluta vontade de vencer que pode oferecer a existência real daquele que a si mesmo se chamou "Marinheiro a cavalo". Só este auto-batismo dum homem indica os sucessos mais inesperados e sensacionais. Irving Stone traça o panegirico do heróe desde antes do seu nascimento. Porque, realmente, não tinha ainda vindo ao mundo e já ele determinava qualquer coisa que era, na aparência, um drama terrível, e depois se revelou uma comédia ligeira e até com episódios de farsa. Essa revelação primeira do destino duma criatura foi como que um vaticínio. Jack estava votado aos grandes lances, aos grandes perigos, de que afinal resultaria magnifico triunfo. Tendo sido marujo e aventureiro, tendo sofrido o convívio de desclassificados e criminosos, atravessado dias horrendos de apuros, de privações, inclusivamente de falta de pão, ei-lo chegado á situação de escritor, entre os mais notórios e admirados do seu tempo: ei-lo chefe de família, cidadão influente, moralista, sociólogo, não só disputado pelos editores, mas estimado por toda a gente. E,



apesar das angustias e misérias que constituiram o epilogo da sua vida, houve na sua morte uma espécie de apoteose.

Os srs. Genolino Amado e Geraldo Cavalcanti traduziram o "romance de Jack London" na linguagem mais corrente mas dando-lhe bastante poder sugestivo.

◆ ◆ ◆
 SANTA HELENA, de Octave Aubry, tradução de Oscar Mendes — Rio de Janeiro, 1941

Não se terá certamente composto mais clara e circunstanciada resenha dos ultimos anos da vida de Napoleão. O sr. Octave Aubry parte de Waterloo. E' do desastre definitivo, onde o gigante começa a sucumbir, que se dirigem as pesquisas e os comentários deste historiôgrafo. Tinha que ser uma tarefa momentosa e sobremaneira difícil. Octave Aubry não se limitaria a traçar os "episódios salientes" do cativo do vencido. O seu propósito consistia em esclarecer de modo completo e perfeito, para que os leitores mais modestos pudessem compreender e apreciar, tudo quanto sucedeu a Napoleão em Santa Helena. Quiz libertar a exatidão dos factos, a intenção ou a ação indubitavel dos outros personagens, quiz salvar a verdade histórica da aluvião das lendas, das interpretações tendenciosas, das manobras politicas, dos equívocos mais ou menos casuais, mais ou menos provocados. O novo biôgrafo desejava dizer alguma coisa realmente novo. Por isso leu, anotando-as, as mais insignes obras sobre o assunto; andou pelos arquivos de França e da Inglaterra; valeu-se de todas as fontes de informações e de elucidação ao alcance dos estudiosos; constituiu enfim uma especie de depoimento próprio, de tanta confiança como o duma testemunha sincera que tudo houvesse acompanhado e apreendido tudo.

Parece com efeito, que nada se poderá acrescentar de seguro e de interessante áquilo que nas quatrocentas páginas de **Santa Helena** se contém.

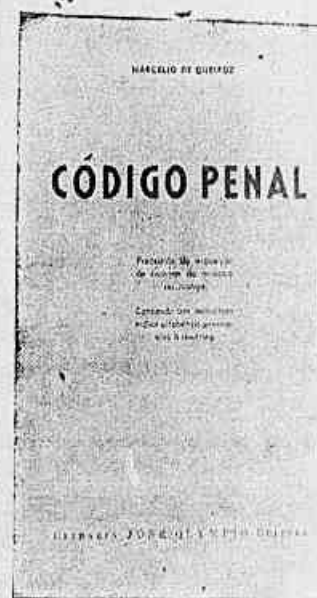


◆ ◆ ◆
 CODIGO PENAL, de Nancelio de Queiroz. — Rio, 1941.

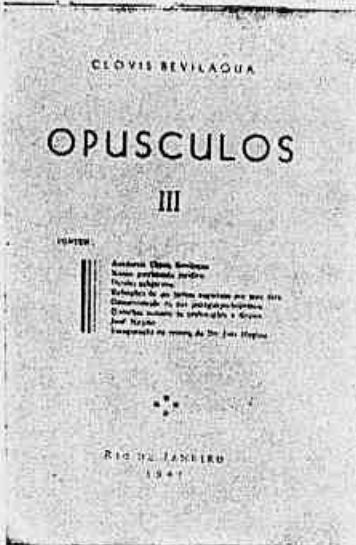
Acaba de ser enfeixado em volume, de facil manuseio, o novo Codigo Penal (Decreto-Lei n. 2.848, de 7 de Dezembro de 1940), precedido de Exposição de Motivos do ministro da Justiça, sr. Francisco Campos.

O trabalho, a que o juiz Nancelio de Queiroz, estudioso dos problemas penais, empresta o seu nome, tem a recomendá-la um magnifico indice alfabetico-remissivo, o que facilita sobremodo a consulta.

O autor teve ainda a bôa lembrança de, á margem de cada pagina, em destaque, definir a materia contida em cada dispositivo.



◆ ◆ ◆
 OPUSCULOS, de Clovis Bevilacqua — Rio de Janeiro, 1941.



Clovis Bevilacqua não é só um grande jurista, é ainda um trabalhador incansavel, um escritor e um conferencista cujas atividades intelectuais não cessam, não obstante o muito que já fez pelas letras juridicas do país.

Agora, positivando o que vimos de afirmar, o grande mestre da ciencia juridica acaba de reunir, num elegante volume, a que deu o modesto titulo de **Opusculos**, varias e interessantes teses de Direito, entre elas um estudo sobre o "Patrimônio juridico brasileiro", um outro sobre "Direito Subjetivo" e um

terceiro sobre assuntos filosoficos.

Em **Opusculos** figuram ainda varias conferencias e discursos pronunciados em diferentes solenidades, versando sobre temas juridicos, e um perfil do erudito historiador que José Higinio soube ser.

O novo livro de Clovis Bevilacqua, no qual o seu ilustre autor alia a uma grande cultura um estilo claro e ameno, merece ser lido pelos estudiosos do direito e da filosofia.

C. C.

Arvores que tem a história

Há pelo Brasil grande número de exemplares da flora que teem história, destacando-se, no mundo vegetal, dos outros espécimes das respectivas famílias. Uns devem a vida a mãos notáveis que os plantaram; outros chegaram a celebridade por terem merecido especial carinho de individualidades ilustres; outros, ainda, teem a existência ligada a acontecimentos de relevo.

Talvez seja impossível catalogá-los todos. E' exequível, porém, a tarefa de contar as particularidades de muitos dêles.

E' o que a REVISTA DA SEMANA procurará fazer, iniciando a série das arvores que teem história, neste número, quando precisamente se realizará a cerimônia anual da Festa da Árvore, índice da aproximação da primavera, fazendo acompanhar cada uma delas, tanto quanto possível, de um breve relato da sua vida.

ESTA PALMEIRA...



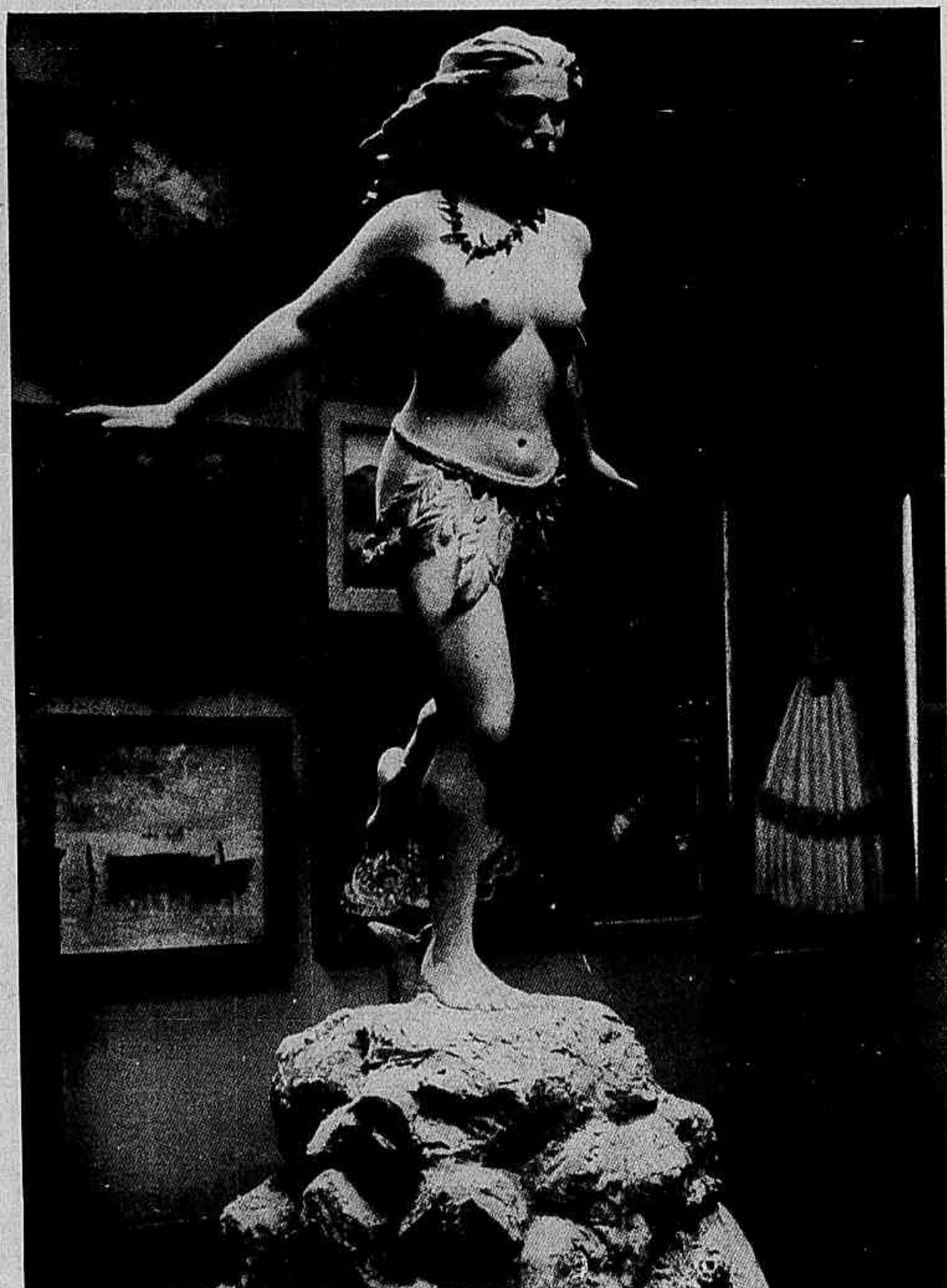
D. JOÃO VI



... é o mais velho dos exemplares do mundo vegetal que tem história na nossa terra. É a ARECA de Linneu; a OREODOXA — que lindo nome: "Glória da Montanha"! — de Martius. Diz Ferreira da Rosa que a célebre palmeira veio do jardim Gabrielle da Ilha de França — a ilha Maurício — no Oceano Índico; afirma Vieira Fazenda que foi trazida das Antilhas. O que é certo é que foi o Príncipe-Regente, depois El-Rei D. João VI, quem a plantou com as suas mãos no Real Horto, hoje Jardim Botânico. Isso em 1809, ao tempo do Brasil-Colônia. O saudoso autor das "Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro" assevera que é ela "mãe daquelas todas que hoje pululam no Brasil". É por isso que lhe dão o nome de PALMA MATER, a ela que foi a princípio Real e depois Imperial, de acôrdo com os regimes das épocas.

Erécta, firme, aprumada para o céu carioca na imponente projeção dos seus trinta e sete metros de altura, ainda vive! Teve, em 1909, o seu centenário comemorado por Barbosa Rodrigues, então diretor do Jardim, sábio autor de "Sertum Palmarum": o eminente cientista fez erquer junto dela o busto de D. João VI, daquele que foi, sem querer, na planície, o semeador das "Glórias da Montanha".

O XLVII Salão Nacional



"Moema" de J. Pereira B. Neto.



"Vaqueiro de Canudos" de Presciliano Silva.

O condenável critério da quantidade sobre a qualidade parece haver dominado o espírito dos rapazes que procederam à escolha dos trabalhos enviados ao XLVII Salão Nacional de Belas-Artes.

A Comissão organizadora, por sua vez, sem saber como atender a tantos pedidos de melhor colocação dos trabalhos, amontoou, da melhor ou da pior forma possível, os oitocentos e tantos quadros que o júri aceitou com incrível bonhomia.

O resultado é que o Salão tomou o caráter de um salão de leiloeiro, onde as mediocridades ombréiam com os autênticos valores, prejudicando assim o sentido educacional que devem ter as exposições gerais.

Para isso, é preciso que as escolas estejam devidamente selecionadas, que os "generos" não se confundam. Entretanto, o que se vê no atual Salão, em meio de uma deplorável balburdia estética, é precisamente de um efeito negativo, quanto à sua missão orientadora.

Artistas modernos, ao lado dos mais notáveis acadêmicos, gerações que se contendem num confronto chocante, imposto pelo arrumador daquelas paredes atulhadas de novos e velhos artistas.

♦ ♦ ♦

Não obstante essas pequenas falhas de organização, resultantes talvez da benevolência do júri, o nosso XLVII Salão mantém, em suas linhas gerais, o mesmo nível dos salões anteriores.



"Romantica" de Oswaldo Teixeira.

Paisagens, retrato, natureza morta. Nada de concepção. As obras de imaginação parecem ter desaparecido para sempre.

Alguns trabalhos em torno de assuntos nacionais. Na pintura e na escultura.

Nesta vamos encontrar José Pereira Barreto Neto, com a sua "MOEMA", uma bela estátua, plena de movimento e expressão; Bibiano Silva, com "FILHA DE MARABÁ", de contornos fortes e modelada com uma elevada precisão de técnica; Leonardo da Cunha Lima, com "ZAMBI" o negro patriota que recorda a guerra dos Palmares, caído sobre o precipício, a máscara num rictus de dor; na pintura, Georgina de Albuquerque, com "CABOCLOS" em que a artista retrata o tipo brasileiro com bastante expressão; Presciliano Silva, o mestre que se deixou ficar na Bahia, assinando "VAQUEIRO DE CANUDOS", uma boa figura de sertanejo magnificamente ambientado; Rodolfo Weigel, reproduzindo a "FEIRA DA BAHIA", Rescala, moço ainda, mas sabendo observar os costumes do país, de que "VAQUEIROS DOS INAHMU'S" é um belíssimo flagrante, mau grado a tonalidade sem luz do quadro; Bernardino Souza Pereira com "CAIÇARA", e "ABOBORA AO SOL", aquele bem melhor que este, dado o tipo do caipira que é, sem favor, um magnífico estudo.

O resto, como já dissemos, não sai da rotina estabelecida: paisagem, retrato, alhos e cebolas e, lá de quando em quando, uns cristais e umas peças de cobre...

De qualquer forma, porém, as medalhas veem, os prêmios de viagem são dados e o Museu acaba comprando alguma coisa, para animar as artes.

♦ ♦ ♦

Manda a verdade que se diga, porém, que ainda ha, naquelas bem iluminadas galerias algumas afirmações artísticas, que nos animam a continuar a crer na existência de uma pintura brasileira.

"NHA EVA", de Bernardino de Souza Pereira. É a figura de uma preta gorda, forte, pitando o seu cachimbo. Naturalidade, expressão, alma. Volume dentro daquela roupagem farta.

"ABSTRAÇÃO" (Interior do Convento de S. Francisco — Bahia), de Presciliano Silva. Suave pagina de poesia cristã. O misticismo do ambiente daquele claustro secular, onde, a um canto, a figura de um frade parece recordar, na perspectiva da paisagem iluminada, o encantamento de uma existência já vivida...

"ASSUSTADA", de Augusto Bracet. A figura de mulher é bonita, bem pousada, leve, e a paisagem que a emoldura é igualmente bem tratada, num conjunto de suave harmonia. Um ar livre observado com certa justeza de tons que dão ao ambiente o sentido tropical da nossa natureza.

Oswaldo Teixeira, diretor do Museu, expõe "ALEGRIA DE VIVER", óleo, Eleonora Beatriz, pastel, e "ROMANTICA", óleo.

Este ultimo impressiona mais. Nele se reconhece Oswaldo Teixeira.

Impressiona pela comunicabilidade daquele olhar sugestivo. Mundo de mistérios num olhar penetrante.

"ALEGRIA DE VIVER", simples mesa de chá á hora do tennis. Decorativo. Bem pintado. Nada mais. O retrato, um bom trabalho a pastel. Espontaneidade na maneira de tratar o pastel, tornando-o fresco, suave, a par do desenho firme, preciso.

Manoel Santiago teria em "HARMONIA TROPICAL" uma das suas melhores obras se aquelas duas figuras, formando aliás violento contraste, não se ressentissem de uma certa falta de cuidado no desenho. A figura da negra, principalmente. Posição forçada e sem que se saiba donde lhe vem a perna esquerda. Assunto bonito e oportuno, o do quadro de Helio Seelinger, candidato á medalha de honra. Mas... na Europa. Nós temos aqui, em plena paz, motivos mais bonitos. Além disso, o trabalho de Helios é mais ilustração que quadro. Pela técnica, pelo colorido, pela composição. Mas ressalta em "HO-



"Holocausto á Patria" de Helios Seelinger.

"LOCAUSTO A' PATRIA" o movimento das figuras, chegando mesmo a empolgar o espírito da composição que, mais uma vez, personalisa a arte de Helios Seelinger.

◆ ◆ ◆

Inumeros os paisagistas. Como sempre, aliás. E como sempre estão naturalmente no primeiro plano Vicente Leite e Manoel Faria. Ambos com o mesmo entusiasmo pela natureza, aquele mais impulsivo, este mais meditativo. Merecem uma observação mais demorada, para um juízo mais definitivo.

Orozio Belem, que se vinha especializando em estudos de negros, apresenta este ano um bom trabalho. — O CHACAREIRO, uma sensação de repouso. A luz é morna, o olhar do homem é morno, a sua atitude é de calma absoluta.

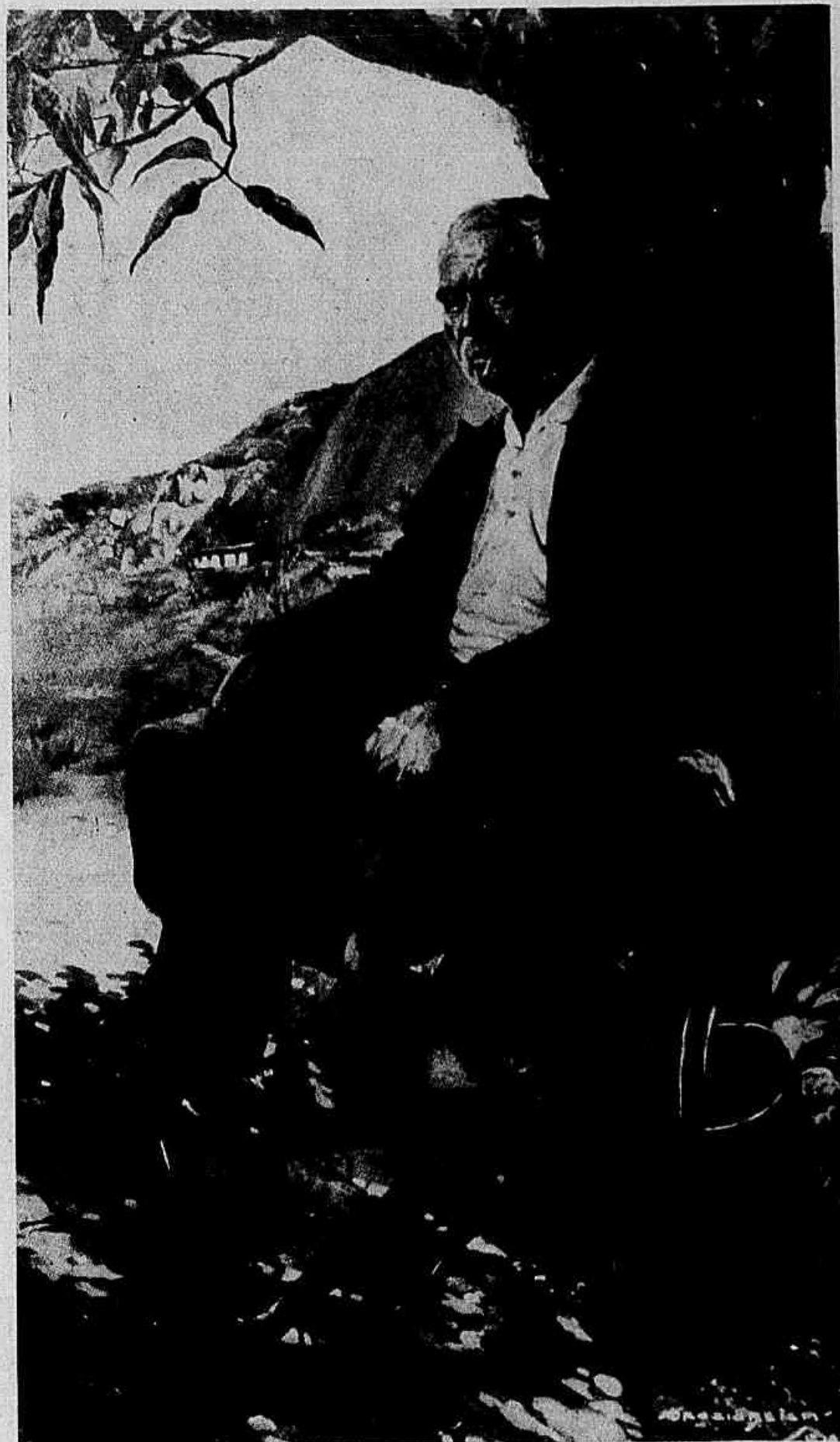
Compromete seriamente o nú de Aldo Malagoli — O BRINQUEDO — aquela criança nua, em "pose" de anjo de oleografia religiosa, com função de acessório, desnecessário por sinal. A figura da mulher, por si só, bastaria para emprestar ao trabalho o seu valor como academia.

Destaquemos, ainda, na paisagem Gerson de Azevedo Coutinho, com "DIA DE S. PEDRO"; Gastão Formenti, com a Antiga Capela de Humaytá, Heitor de Pinho — "TEMPO INCERTO" e Armando Pacheco — "CASARIO".

◆ ◆ ◆

Voltaremos ainda ao Saão. Há muita coisa mais para ver. A Arte Moderna não pode também ficar á margem. Ela fixa uma geração que merece ser devidamente apreciada, respeitadas naturalmente as tendencias em face do senso da perfeição.

LEONARDO SILVA



"O chacareiro" de Orozio Belem.



"Nha Eva" de Bernardino de Souza Pereira.

NOTICIARIO ELEGANTE



D. Darcy Vargas com o pequeno João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, neto, filho do casal Epitacio Pessoa Cavalcanti. Ao fundo a sra. coronel Benjamin Vargas.



A senhora Epitacio Pessoa Cavalcanti entre as senhoras general Eurico Gaspar Dutra e Carlos A. Monteiro de Castro.

Os salões da residência do sr. Epitacio Pessoa Cavalcanti de Albuquerque abriram-se ao mundo elegante do Rio no dia de aniversário do pequeno João Pessoa Neto. Foi uma das mais distintas reuniões que tem registrado o noticiário mundano. A senhora Anna Clara Cavalcanti de Albuquerque a todos recebe com palavra afável, tornando mais encantador o ambiente tão cheio de beleza. Entra a senhora Darcy Vargas em companhia da senhora Benjamin Vargas. Nos salões registramos a presença dos senhores, acompanhados de respectivas senhoras, Mendonça Lima, Gustavo Capanema, Eurico Gaspar Dutra, Salgado Filho, Lourival Fontes, Nobre de Mello, Regis de Oliveira. Também é notada a presença do general Francisco José Pinto, e dos srs. Filinto Muller, Ruy Carneiro e Otavio de Medeiros.

ANIVERSARIOS

20 Sras. Gabriela Besanzoni Lage e Edith de Carvalho Pereira Rego. Srs. Nilo de Sousa Lima e Djalma Nunes. Menina Regina Lucia Corda Rodrigues Lobo.

21 Sra. Stela Mariana, Sras. Dulce Bergalo, Cine Lavage e Maria Emilia Pereira de Souza. Dr. Alcides Pinheiro Srs. M. Canário, Mateus da Fontoura e capitão Hermeto Fernandes Pita.

22 Srs. Bento da Costa Simões e José Augusto Neiva Junior. Dr. Wladimir Bernardes.

23 Sra. Rhéa Silvia de Assis Ribeiro. Sras. Lavínia Simões Corrêa e Cecília Gonçalves Cardoso. Dr. Luiz Artur Lopes.

24 Sra. Carmen Pereira Gonçalves Viana. Srs. João Guedes de Melo, nosso colega de imprensa. Drs. Adolfo Gigliotti e Panfiro de Carvalho.

25 Drs. Pedro Ernesto, Roquete Pinto, da Academia, Austregesilo Ataíde, diretor do "Correio da Noite", Galdino do Vale Junior, Luiz Guedes de Moraes Sarmiento e Renato de Toledo Lopes. Capitão-tenente Mauro Bellousier. Amadeu de Beaurepaire Rohan, do "Jornal do Brasil".

26 Sras. Anita Cardoso e Maria dos Santos Cunha. Dr. Oscar Dardeau. Contra-almirante Virgínius de Lamare. Desembargador Abeillard de Almeida Pires. Cipriano Lage.



Em retribuição das homenagens e honrarias que tem recebido em Portugal, cujo governo lhe conferiu o oficialato da Ordem de S. Tiago — a declamadora e escultora senhoita Margarida Lopes de Almeida ofereceu aos srs. Antonio Ferro e Julio Cayola, uma bela festa noturna. A comparencia de numerosas pessoas gradas em nosso meio intelectual deu ao ambiente caráter de alta distinção.



Outro aspecto da recepção oferecida á sociedade carioca pelo casal Epitacio Pessoa Cavalcanti, vendo-se o general Eurico Dutra em palestra com o general Francisco José Pinto, major Filinto Muller e s. Epitacio Pessoa Cavalcanti. Ao fundo o interventor Ruy Carneiro, a sra. Lourival Fontes e o major Napoleão de Alencastro Guimarães.



JOCKEY CLUB MUNDANO

Mais um acontecimento mundano constituíram as corridas de Domingo, 7 de Setembro.

A grande data da Independência brasileira levou ao Hipódromo da Gávea um público seletos e numeroso, atraído pelos encantos do ambiente e do esporte que ultimamente dominou totalmente a Cidade.

Assim, entre outras personalidades da elite carioca, assinalamos a presença das seguintes: senhorita Berro e amigas, sr. e senhora Rubens Gomes, sr. e senhora Peixoto de Castro, ministro Maximiano Figueiredo, sr. e senhora Alfredo Bernardes Netto, sr. e senhora e senhorita Newton Tatsch, sr. Paulo Hasslocher, sr. e senhora Alvaro Pereira, sr. Alfredo Loureiro Bernardes, sr. Roberto Imenes, ministro Salgado Filho, sr. e senhoritas Oséas Motta, sr. Prudente Moraes Netto, sr. e senhora João Borges Filho, dr. Floriano de Lemos, senhora Gilberto Cruz, senhora Luiz Cavalcanti, srs. Tigre de Oliveira e Luiz Pinheiro Guimarães, sr. Arthur Pires e família, sr. Isaac Elbas e amigos, sr. Antonio Botelho e senhora, sr. Antonio Mattos e senhora, sr. e senhora Sussekind Mendonça, sr. João Pinheiro Filho, sr. Manoel Mendes Campos, ministro Thompson Flôres, sr. Tertuliano de Brito, sr. Adhemar de Faria, almirante Virginius Delamare, sr. Alberto Paiva Garcia, senhorita Lucia Braga, dr. Constante Figueiredo, sr. Manoel Dias Garcia, sr. e senhora Alcindo Vieira, sr. e senhora Gervásio Seabra, sr. e senhora Ranulpho Bocayuva Cunha, sr. Lineu de Paula Machado, sr. Oswaldo Dolabella, ministro Cardoso de Castro...

Ary Kerner



A Igreja do Campo

Adiantam-se no Rio de Janeiro obras de vulto no ponto terminal da Estrada de Ferro Central do Brasil, via-ferrea recebida pela Republica com denominação historica, a de Estrada de Ferro D. Pedro II.

Transforma-se um dos ângulos da praça da Republica, por esta recebida como praça da Aclamação, popularmente conhecida por Campo de Santa Anna ou por Campo, mais á laconica.

Procura-se sobretudo amplificar a estação terminus Pedro II pela qual vae e vem, vem e vae tanta população carioca labutadora e moradora em suburbios, outras tantas cidadezinhas da cidade intermina do Rio de Janeiro.

Ao iniciar-se a construção da D. Pedro II foi preciso demolir. Uma das demolições atingio templo do Campo, sob o orago da mãe da Virgem a Senhora Santa Anna, tratamento particular dispensado á Santa pelo respeito religioso de nossos maiores.

Tratar da primitiva igreja da Santa Anna é avivar lembranças cariocas, meio de não delir vinculos de tradições na terra de S. Sebastião.

A 30 de Julho de 1735, quarto bispo do Rio de Janeiro, D. Frei Antonio de Guadalupe, por provisão mandava erigir a igreja de Santa Anna no Campo. Seria reedificado o templo em 1785 então á testa da diocese o bispo carioca Castello Branco. A reedificação recomendou os esforços de homem bom da cidade, o coronel Vicente José da Velasco Molina, nome que para o Rio de Janeiro subsistiria em digno sacerdote, monsenhor Mariano Antonio de Velasco Molina.

Ao hospedar o Rio de Janeiro quem lhe foi amigo, D. João VI, recebeu a cidade a paróquia de Santa Anna, creada por alvará de 1814 e confirmada por outro de 1817. Paróquia pede matriz, servio á nova paróquia a igreja do Campo. Matriz espera vigário e o teve colado, isto é inamovível, o padre Antonio Ferreira Ribeiro. Tudo informações seguras de probo investigador, monsenhor Antonio Alves Ferreira dos Santos.

A criação de paróquias no Brasil colonial era objeto de consulta á Mesa de Consciencia e Ordens, tribunal reinol datando de D. João III. Consultada a Mesa abrio-se questão paróquial entre o vigário de Santa Rita e o da nova paróquia. Singularmente a contenda eclesiastica girava em torno de cemiterio, vivos a disputarem por causa de mortos.

Bandas do Valongo, bandas da actual rua Camerino, existia um cemiterio para escravos. O vigário de Santa Rita, padre Silva e Veiga, pretendia que a paróquia de Santa Anna o privára das melhores rendas do seu beneficio tiradas da necropole dos humildes. Que com'dinheiro não se brinca diz o povo e o provam brigas por motivo de heranças e testamentos, as disposições de ultima vontade torcidas á vontade de litigantes no fóro todo o dia, e se pudessem toda a noite, uns contra outros. Nem só advogados e juizes o sabem.

Cessada a pendencia inter-vigária foram fixados limites á paróquia de Santa Anna, julgada insuficiente em 1840 a igreja reedificada pelo coronel Velasco Molina em 1785. Crescia a população paróquial por justas ou injustas nupcias, estas as da filiação illegitima de varias especies, da natural aquela que se não pôde aqui nomear, mas indicada crua-mente como danada pelas antigas leis portuguesas.

Para melhoramento da igreja de Santa Anna ao Campo, o poder legislativo do Imperio concedeu applicação de materiais destinados ás obras da Cadeia. Para auxilios ao mesmo fim se procedeu á extração de loterias. Entretanto, segundo Moreira de Azeredo, "seguiram as cousas tão má direcção que se consumio o dinheiro e pouco se fez". Isso não apenas em 1840.

Parte velha, parte nova, obra de remendos, ficou a igreja no Campo, avultando na amplidão charnecosa da praça. Situava-se o templo no terreno, ora desimpedido, fronteiro á actual estação D. Pedro II.

Contava a igreja cinco altares com obra de talha e no momento o entalhador sempre tinha trabalho. No interior do templo costumavam entrar andorinhas trissantes. Escritor inglês, visitante da igreja quando votada á demolição, comparou o bater de asas e o grinar das andorinhas esvoaçando pelo templo "ás almas dos corpos ausentes dos santos antigos ocupantes dos nichos vazios".

O mesmo escritor inglês disse ser o pulpito da igreja pequeno, posto rente á parede, pouco acima de soalho coberto de areia fina. "Havia no templo — registou o informante britânico — numerosas imagens de Santos pintados em caixas de esmolas, também grande imagem em traje escossez, parecendo mais chefe ce'la que eleito do céu."

Em corredor estreito, dando para angusto cemiterio, penduravam-se promessas pagas em grãtidão e cêra, trazidas uma e outra sobretudo em dias de festa. Na igreja sobrelevavam-se as imagens da Padroeira, festejada a 26 de Julho, e a do Espirito Santo outr'ora muito celebrada no Rio de Janeiro.

A festa carioca do Divino encontrou escritor celebre, Paranhos, o futuro visconde do Rio Branco, dando á imprensa serie de *Cartas ao Amigo Ausente*. Na 27.^a a 14 de Junho de 1851, dizia Paranhos:

"Festa do Espirito Santo na Lapa e no historico Campo d'Aclamação, com musica todas as noites, balões, barracas, e dous fogos de triques-traques, por si causa mais que sufficiente para agitar o oceano popular quanto mais apparecendo um novo e estranho elemento, corridas equestres.

A politica cahio logo em pasmaçeira, o parlamento ficou quasi ás escuras porque seus luzeiros foram offuscados pelos fogaréos das reuniões noturnas, pelas travessuras

milagrosas de Santo Antonio de Lisboa e porque o Espirito Santo abandonou-o para só illuminar e alegrar a grande massa dos fieis nos lugares de sua particular devoção."

Informava Paranhos ao Amigo Ausente não lhe terem escapado as novenas de N. S. da Lapa do Desterro em cujo templo o missivista penetrara entre apertos de gente "toda unida de pés, corpo e cabeça".

Em honra dos santos de Junho, Santo Antonio, S. João e S. Pedro, o Rio de Janeiro mostrou-se sempre foguetofilo. Nas festas religiosas não se dispensava para remate das mesmas o fogo de artificio com muita bomba e rojões de lagrimas.

Em carta ao Amigo Ausente disse-lhe Paranhos ter ido vêr o fogo de artificio corôador da festa do Divino Espirito Santo na Lapa do Desterro. No local até ser transmutada em travessa Theotônio Regadas, este antigo reporter, a travessa do Imperio assinalou o espaço onde efemeramente reinava o imperador do Divino Espirito Santo na pessoa de um menino, não raro filho do festeiro.

Paranhos declarou o fogo de artificio da Lapa do Desterro "fogo sem vistas, ardendo quasi todo o tempo debaixo de espessa e suffocante nevoa de fumo." Ante fogo de artificio em tais condições o povo demonstrava logo ruidosa reprobção, no bem conhecido e atroante grito de "fôra o fogueteiro", grito que dos fogos de artificio bem se pôde aplicar a muita gente e muita cousa.

Receoso afastou-se Paranhos do fogo da Lapa, asfixiante, para ir ao Campo de Santa Anna "embarafustando com a rapidez de um corso entre os patetas das luminárias á espera de fogo e boquiabertos para o imperador do Divino e sua religiosa côrte."

Em trono bem ornado se recostava o imperador do Divino principal e infantil figura da festa, o trono posto nas visinhanças da igreja de Santa Anna.

No Campo as festividades eram internas e externas, as primeiras no templo, as segundas em praça publica. Quem não cabia na igreja vinha ao ar livre, ao tétro do sól ou das es-

trelas, conforme o inicio das festividades exteriores de primeiro rumor ao cair da tarde.

Não longe da igreja negociantes de varia fazenda armavam barraquinhas de feira além do Imperio. Em torno das barraquinhas aglomerava-se povaréu, o qual não faltava em volta do Imperio onde em 1851, segundo Paranhos, o imperador do Divino "parecia mais soberbo que um eleitor da roça no dia de sua soberania, que um subdelegado em dia de audiencia, que um dos nossos juizes de teatro em noite de espetaculo de gala."

"Mas — acrescentava Paranhos — a contemplação não era tão absorta que de vez em quando me não distrahissem para vêr de onde vinha um electrico ranger de cassaca que roçava sobre meu grosseiro casacão, ou a ligeira nympha que me abanava os pés e varria em torno d'elles o agreste chão com o rapido movimento de suas compridas saias. Não se conclua d'aqui que apesar de velho (o cronista na casa dos trinta,

porque a idades se dá habitação) ainda estou delambido, reparo no sexo feminino porque umas moças da visinhança me atormentam com perguntas e se digo não reparei, fazem-me enfiar devéras com os seus picantes remosques".

Deu-nos o autor das *Cartas ao Amigo Ausente*, informações acerca das barraquinhas proximas da igreja de Santa Anna, a do lobo vivo, o primeiro vindo da Europa e sem duvida saudoso de sua alcatéa esfaimada em tempos de neve. Conforme o autor das *Cartas* o sanhoso canideo era anunciado pelo dono da barraquinha por meio de um distico "com letras tão maiusculas que cada uma d'elas valia por um lobo a agarrar os padecentes que lhe passassem por diante."

Na gaiola do lobo havia um "cão perdigueiro tão manso que nem se movia e também na feira se levantava uma barraquinha exhibindo um teatro de bonecos".

Apreciou-o Paranhos observando que bonecos "os tinha visto divertidamente, copia fiel do que ia pelo mundo". Com muita vida politica — assim dizia Paranhos.

Da torre da igreja do Campo não partiam só vózes alegres de sinos, também elas as mandavam á cidade, em som de assustar, annunciando-lhes incendios, igualmente dado aviso de sinistros por outros sinos de outros templos.

A igreja do Campo era paróquialmente procurada para matrimônios, batisados e funeraes, substantivos que resumem precaria vida humana.

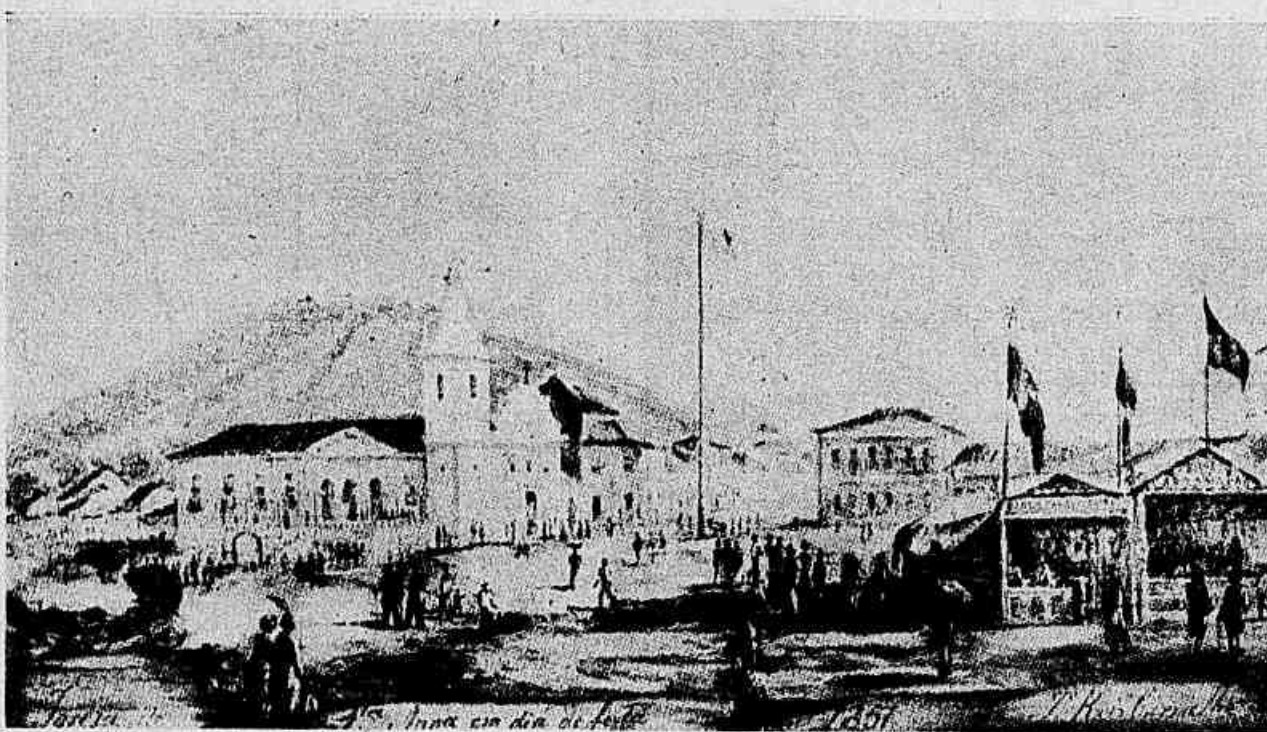
Em frente ao templo de Santa Anna alameda de casuarinas estendia sombra sobre caminho. Conheceu-o a 23 de Outubro de 1847, em noite de luar, um casamento. Na época e depois eram frequentes cerimoniaes nupciais noturnas trantando-se de pessoas distintas na sociedade. Também costume do tempo era celebrar bodas por meio de epitalamios geralmente em breve precedendo cantos genetliacos.

Aos nubentes de Outubro de 1847, um poeta grande amigo do noivo dedicou epitalamio, atestando que donoso grupo buscava a igreja de Santa Anna.

Por entre o ciciar cadente e odor
Da virente alameda, em frente ao templo,
Entrava na igreja o par
Ao maior fulgor da luz argentea
Que o templo tapetava
E á luz dos cirios do altar sagrado.

O poeta? Manoel de Araujo Porto Alegre. Os noivos? Domingos José Gonçalves de Magalhães e D. Januaria de Sá Pinto Ribeiro, os futuros visconde e viscondessa de Araguaia.

Escragnolle Doria



Primitiva igreja de Santa Anna no Campo do mesmo nome, mandada erigir em 1735, reedificada em 1785, remodelada em 1840 e desaparecida com a construção da Estrada de Ferro D. Pedro II, ora Central do Brasil. (Aquarela de J. Reis Carvalho, 1851).

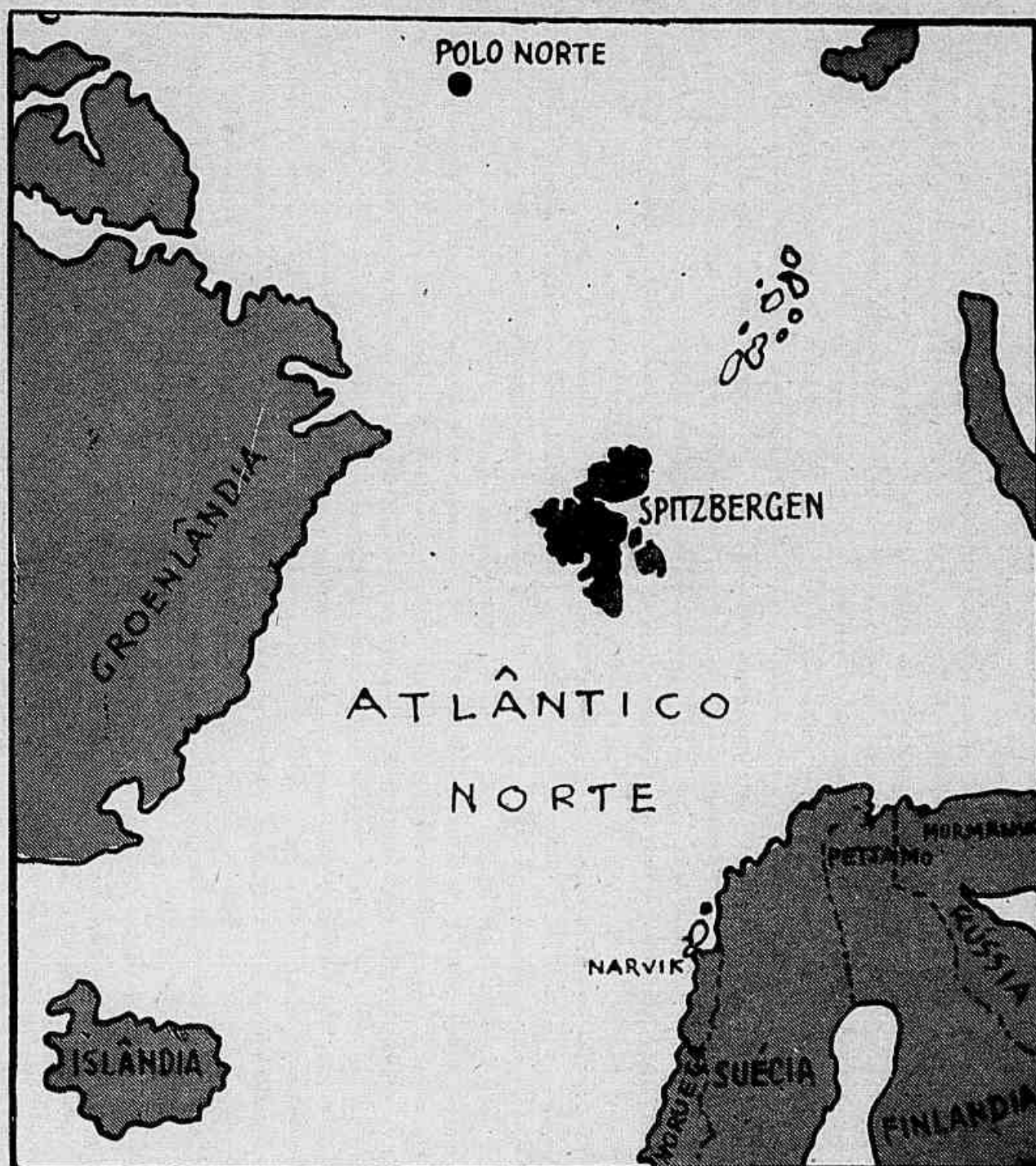
GUERRA NAS VIZINHANÇAS DO POLO

Os ingleses em Spitzbergen. Importância econômica e estratégica [do arquipélago]

A região nórdica da Escandinávia constitui, até aqui, o ponto mais setentrional das operações de guerra. Narvik na Noruega, Petzamo na Finlândia e Murmansk na Rússia constituíam a região próxima do círculo polar em que os homens lutavam nas trevas do meio dia, ou sob o sol da meia noite, conforme a estação do ano. A ação ora empreendida pelos ingleses para ocupação do arquipélago de Spitzbergen veio dilatar o teatro da conflagração até às vizinhanças do polo ártico do planeta. Essas ilhas encontram-se tão perto do polo terrestre quanto do continente europeu.

A ocupação de Spitzbergen pode ser analisada sob dois prismas: um econômico, outro estratégico. Durante as primeiras décadas do presente século, o noticiário internacional várias vezes se preocupou com aquelas ilhas geladas. Nessa época Spitzbergen não pertencia a nenhuma nação, mas vários países lá haviam estabelecido observatórios e estações rádio-telegráficas para estudo da região glacial. Descobriu-se, então, hulha nas terras geladas do montanhoso arquipélago. Várias companhias estrangeiras — norueguesas, inglesas, americanas, alemãs, russas — entregaram-se a explorações em propriedades particulares. Após a guerra de 14-18 acordou-se em Versaillles que a Noruega tenha a direção política do arquipélago. Foram feitos, então, estudos na região e chegou-se à conclusão de que ali tão perto do polo havia jazidas de ferro, amianto, aluviões de ouro, gesso, mármore coloridos, fosfatos e platina. A principal riqueza continuou sendo, porém, o carvão. Três anos depois de ser entregue à Noruega, de lá já se extraíam 297 mil toneladas desse combustível.

Uma vez entregue aos noruegueses o arquipélago, os direitos das outras nações mereceram uma série de garantias. De



modo algum, estipulou-se em Versaillles, deveria o mesmo ser utilizado para fins militares, e os navios dos signatários do Tratado — Grã Bretanha, Estados Unidos, França, Itália, Japão, Holanda, Dinamarca e Suécia — gozariam dos privilégios de caça e pesca nas águas territoriais da ilha. Um comissário dinamarquês examinaria as reclamações relativas a litígios territoriais, e um tribunal das potências interessadas ditaria a solução definitiva.

Uma particularidade interessante da vida em Spitzbergen é que metade do ano o arquipélago tem uma população e outra metade tem um número muito menor de habitantes. É que durante os seis meses de inverno a vida lá se torna impraticável para o europeu. A maior cidade, Long-year, conta 400 habitantes. No entanto o arquipélago mede 64.750 quilômetros quadrados, o que é uma superfície quase duas vezes maior do que a da Holanda.

Não é, porém, apenas econômica a importância de Spitzbergen. Estrategicamente, o arquipélago representa a chave da navegação no Oceano Glacial Ártico. O comércio entre os portos russos do norte e o Atlântico só será exequível com apêio em Spitzbergen. Não é portanto de admirar que os ingleses lá tenham desembarcado forças. No entanto, deve-se observar que justamente agora vai tendo início a tenebrosa noite de seis meses que transforma aquela região no mais lúgubre lugar da terra.

O "Concurso Popular" do DIÁRIO DE NOTÍCIAS E A "REVISTA"

Conforme foi anunciado, a REVISTA DA SEMANA distribuiu, obsequiosamente, dentro de exemplares da sua edição de 26 de Julho último, mapas para o "Concurso Popular" n.º 53 do "Diário de Notícias", relativo ao mês de Agosto, e destinados a leitores do Distrito Federal. Se um desses mapas fosse sorteado com o prêmio do valor de 5:000\$000, o portador do mesmo receberia mais um prêmio adicional do valor de 1:000\$000. Por outro lado, se um dos mapas distribuídos por esta Revista, contemplado com o prêmio do valor de 5:000\$000, não tivesse sido aproveitado pela pessoa que o recebeu, o "Diário de Notícias" entregaria aquele prêmio adicional, do valor de 1:000\$000, ao portador do mapa recolhido, entre os distribuídos pela REVISTA DA SEMANA, cujo milhar, mais alto ou mais baixo, fosse o mais aproximado dos quatro finais do primeiro prêmio da Loteria Federal do dia 10 do corrente.

Não tendo sido, entretanto, aproveitado o mapa de n.º 3.621, da Serie F, pela pessoa que o recebeu dentro da REVISTA, foi contemplado o de n.º 3.628, da referida serie, com o prêmio especial do valor de 5:000\$000, pertencente à menina Maria Lúcia Correia Seixas, residente à rua Otávio Correia n.º 241, Apt. 4, no bairro da



Urca, Distrito Federal, a quem o "Diário de Notícias", no dia 12 deste, fez a respectiva entrega.

É do ato o flagrante que acima estamos.

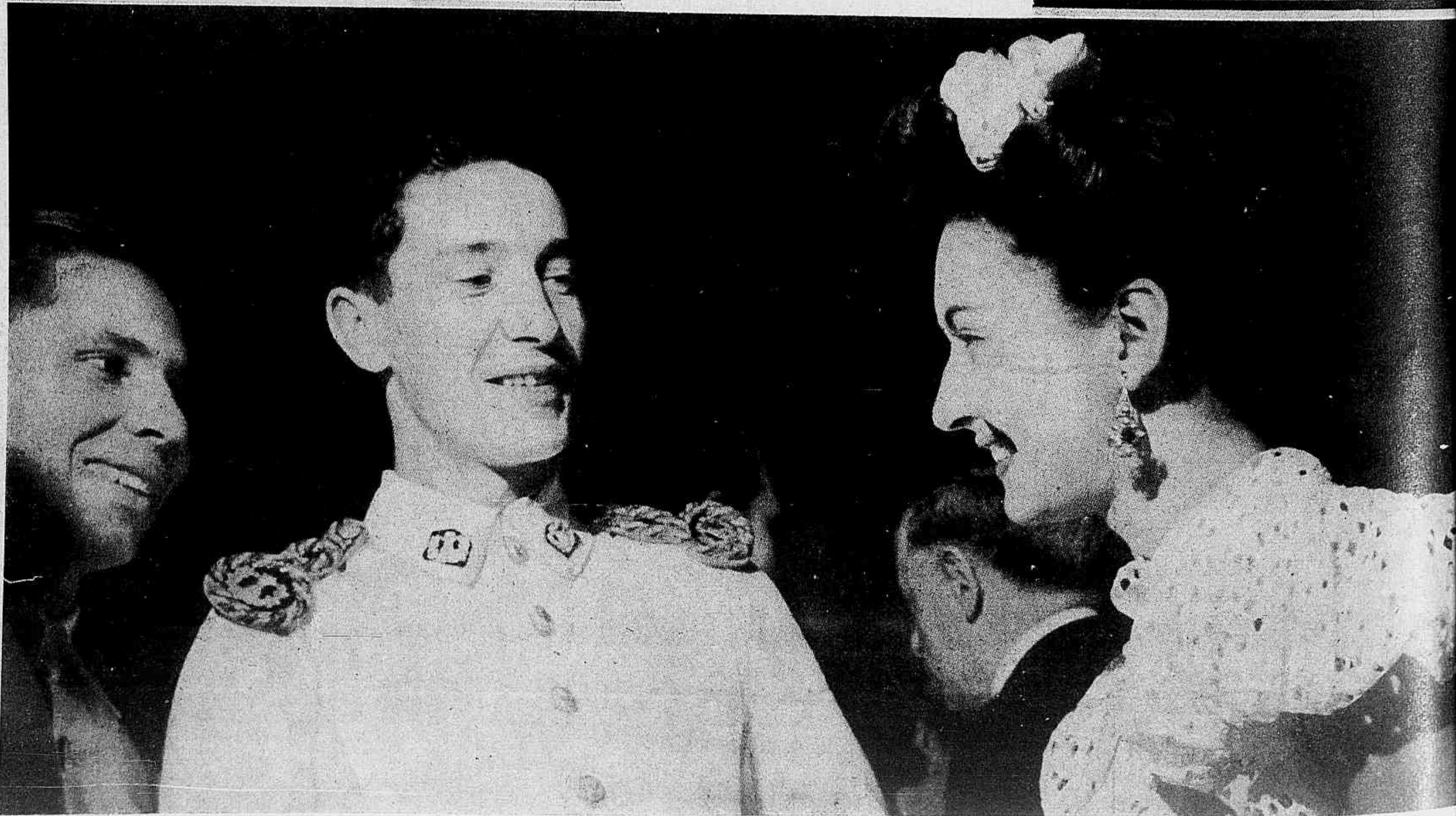
Faremos, em nossa edição de 27 do

corrente, nova distribuição de mapas referentes ao "Concurso Popular" do "Diário de Notícias", para o mês de Outubro.

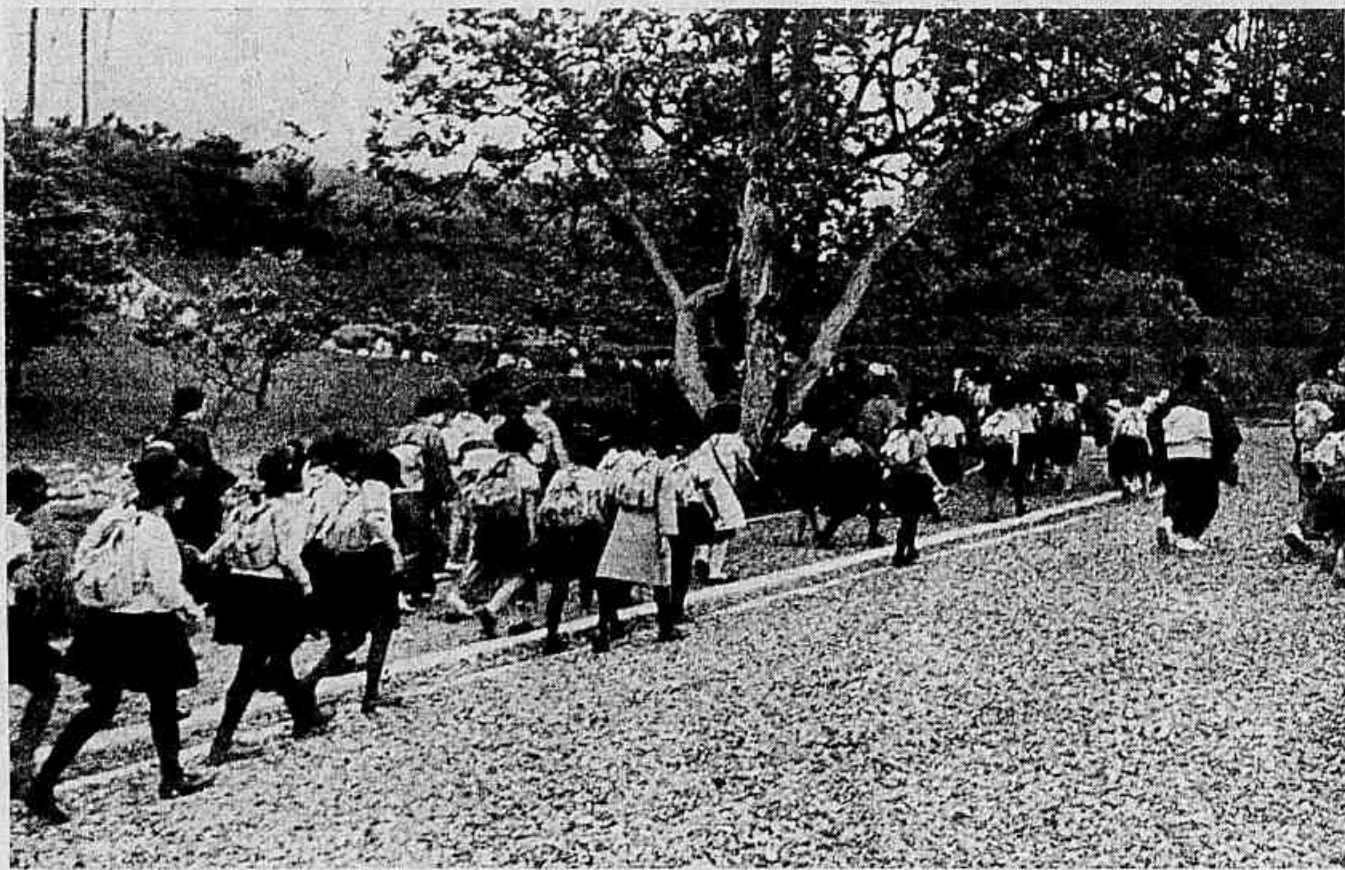
No Palácio Guanabara



A juventude paraguaia em visita ao Brasil recebeu da senhora Darcy Vargas uma encantadora festa no Palácio Guanabara. Os salões aristocráticos da residência principal assumem aspecto inédito, nessa reunião, contrastando a mocidade vibrante com a imponente seriedade do ambiente afeito à etiqueta protocolar. Cheias de simpatia, as senhoras Darcy Vargas e Alzira Vargas do Amaral Peixoto acolhem os jovens convidados, que, certamente, levam uma impressão indelével da deslumbrante festa. A presença do sr. Getúlio Vargas e do general Manuel Vargas no alto da escadaria faz particularmente íntimo o ambiente, confundindo a todos numa comunhão quase familiar.







Excursionando pelo campo à procura de um local para "pic-nic".



No pátio de uma escola pública, em Tokio.

Uma página da educação no Japão

— Lima Figueirêdo —

A educação é um assunto que atrai. Basta saber-se que noventa e nove e meio por cento da população é alfabetizada, para adentrarmos, profundamente, no estudo da civilização nipônica e aprendermos como foi conseguido esse quase milagre. A população não se educou de um salto — foram necessários vários estágios de desenvolvimento.

A atualidade japonesa só pode ser estudada e compreendida através do seu passado, qualquer que seja o setor focalizado; todavia, tratando-se da educação, essa necessidade se torna mais premente. O afoito que quizer tirar ilações, considerando apenas a história da educação a partir da Restauração em 1868, ficará sem conhecer perfeitamente o moderno sistema educacional, vindo em tudo sombras do ocidente, idéias importadas e espírito de imitação.

Autores de diferentes nacionalidades costumam fazer declarações — frutos de sua observação superficial — que nos deixam cair a alma aos pés. O que é pior é que alguns dêles tem nomes que deveriam zelar. São figurões de cartazes, e o que dizem leva às vezes países inteiros a acreditarem nas suas inverdades.

Já dizia o sapientíssimo Confúcius: — "Procurai o velho para achardes o novo". E o problema educacional é um desses que, sem esmerilhar bem os séculos vividos pelas gerações passadas, não terá o estudioso luzes para bem discernir o que vê no presente.

O americano afirma que o nipão adota e adapta. E' verdade que êle adota e adapta, contudo devemos completar — o japonês só assimila aquilo que estiver na conformidade da essência do seu espírito e em perfeita harmonia com os ideais nacionais. Uma ou outra medida de caráter alienígena é importada e adotada pelo governo. Começa a sofrer modificações e, no fim de algum tempo, si ela não estiver intimamente afinada com as características nacionalistas do povo, morrerá como uma planta exótica trazida de alhures e que se não pode aclimatar apesar dos cuidados. E' bem verdade que muita coisa estrangeira foi assimila-

da pelo gênio nativo, porém, em certas ocasiões, amargos e bem amargos foram os seus resultados.

A cultura hodierna do Japão tem traços marcantes do Ocidente, mas conserva em seu seio mil nuances e mil aspectos tradicionalmente japoneses, os quais permanecem intactos e que jamais mudarão. E dêste facto surge o imperativo de estudar-se a primitiva cultura do Japão e a educação do período feudal para bem aquilatar os complicados problemas educacionais dos dias que correm.

Em três etapas perfeitamente definidas, podemos dividir a história da educação no Japão. A primeira, mais longa e obscura, termina com o advento dos Tokugawa. A segunda abrange duas centúrias e meia e termina com o declínio da era Meiji. A terceira e última exprime as realizações do imperador iluminado.

Antes de 1868, o Japão importou mais de seus vizinhos asiáticos do que dos países europeus — ciências, artes e idéias. Depois da humilhação que sofreu — humilhação que se converteu em glória — a pequenina e astuta gente do Mikado foi procurar fontes de conhecimentos em toda a superfície da Terra.

O destino favoreceu o Japão que goza de todas as prerrogativas de uma nação insular. Lendo-se a história, verifica-se que após largos períodos de nítido entendimento com povos alienígenas, o nipônico cortava suas relações com todos, e isolava-se nas suas ilhas, sem querer saber de ninguém. Bendito isolamento que funcionava como uma peneira. O espírito nativo assimilava o que julgava bom e útil e desprezava, por inadaptável, tudo que gritasse contra os ideais do povo e as suas necessidades. Alguns estudiosos, tendo em vista os ruminantes, cognominaram as épocas de isolamento seguidas às de importação — de **períodos digestivos**.

O débito do Japão à China é incomensurável e os japoneses não negam isto. Sentindo necessidade da filosofia, da ci-

ência e da arte chinesas procurou adquiri-las, empregando o mesmo método que mais tarde utilizaria em relação aos países ocidentais — trazer mestres chins para sua pátria e enviar alunos para o Império Celeste.

Na era Tokugawa, mesmo nas vésperas da Restauração de Meiji, era marcante a influência dos clássicos chineses na cultura popular. As crianças liam os livros de Confúcius e copiavam suas máximas na prática da caligrafia.

Em 1872 surgiu o primeiro código de educação que reorganizou o ensino em bases semi-ocidentais.

Quem quizer pesquisar, poderá averiguar que nada no Japão ficou inteiramente chinês apesar dos milênios em que a cultura chinesa exerceu esplendorosa influência sobre a gente do **yamato**. E daí poderemos concluir que nada permanecerá com características totalmente ocidentais, porque o japonês com o espírito que lhe é peculiar irá exercer sua ação, impondo modificações que darão a tudo vindo de fora inegável caráter nativo.

Na arquitetura é bem fácil verificar o que acabamos de palear. O estilo japonês é liso e simples. Por isso está consentâneo com o gosto indígena que despreza tudo que foge à naturalidade. Todavia, em que pesem apreciáveis diferenças entre as arquiteturas chinesa e japonesa, é manifesta, é evidente a influência da primeira sobre a segunda.

A religião, a arte, a escrita, a filosofia e a ética chinesas foram desde cedo adotadas, sofrendo posteriormente transformações elaboradas pelo gênio do povo, de maneira que agora há patente diferença entre o que veio da China e o que realmente existe no Japão.

Depois da Restauração, pouco ou nada havia a aprender com a China, e o país do Sol Nascente voltou sua face para o Ocidente, entretanto ainda hoje os clássicos chineses são livros oficiais nas escolas, porque contêm cousas que sabem bem ao paladar japonês, porque encer-

ram preceitos que confortam a alma do leitor oriental. E, si levamos o caso para o terreno prático, o estudante topará com numerosos caracteres chineses que são ainda hoje empregados quer em livros quer por gente japonesa culta.

Os primeiros brancos que aportaram em plagas japocas foram os portugueses e holandeses. Livros batavos foram introduzidos e certos estudiosos procuraram entender através dêles o Ocidente. Não rezam as crônicas que haja existido interesse por parte da japônica gente em aprender a língua lusitana; convém, entretanto, acentuar que várias palavras estão incorporadas ao idioma japonês. Lembro-me neste momento de algumas — copo, vidro, botão, sabão, catana.

Com a Restauração, o inglês ficou na moda — os livros nesta língua eram o principal veículo para entender-se as ciências e o progresso ocidentais. Nas escolas apenas os maus alunos escolhiam o estudo de língua chinesa, por ser ela a que mais se assemelha ao japonês.

A 18 de setembro de 1931 houve uma reviravolta no ensino de línguas vivas. Com o nascimento do Mandchúquo, o idioma chinês tornou-se popular entre os japões. Aqueles que conheciam o mandarim, com facilidade conseguiam ótimos empregos já nas grandes empresas que se iam inaugurando, já mesmo no Governo do novo Estado. Com o incidente sino-japonês, a fome de gente que saiba o chinês aumentou consideravelmente. Rapazes instruídos que achavam dificuldade em colocar-se no Japão, onde a educação é tão barata e o povo tão prolífico, retornavam às escolas e universidades para tirar um curso de três ou quatro anos, findo o qual tem empregos garantidos na China. Não só o estudo das línguas tomou o cunho utilitário, quase todo o ensino superior está imbuido dessa mesma tendência. E não foi sem razão que o conhecido educador Fukuzawa Yukuchi ao escrever sua autobiografia sentenciou — que cedo advirão perigos oriundos da prática de estudar tendo em mira um emprego, e não o desejo de saber.

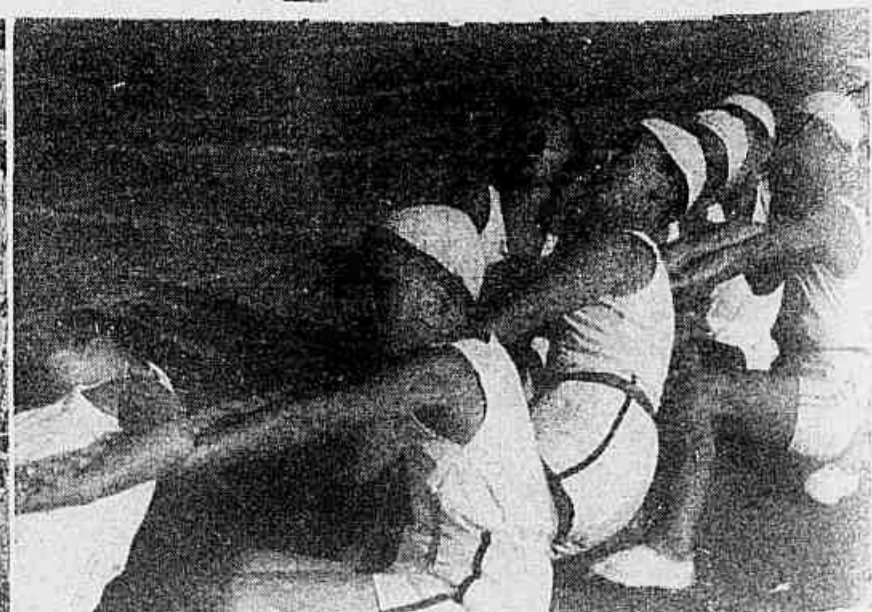
(Do livro **No Japão foi assim...**)



Uma "torcida" risonha.



Escolares visitando um campo de trigo.



Um encontro atlético — o cabo de guerra.

ANTONIO FERRO NO RIO



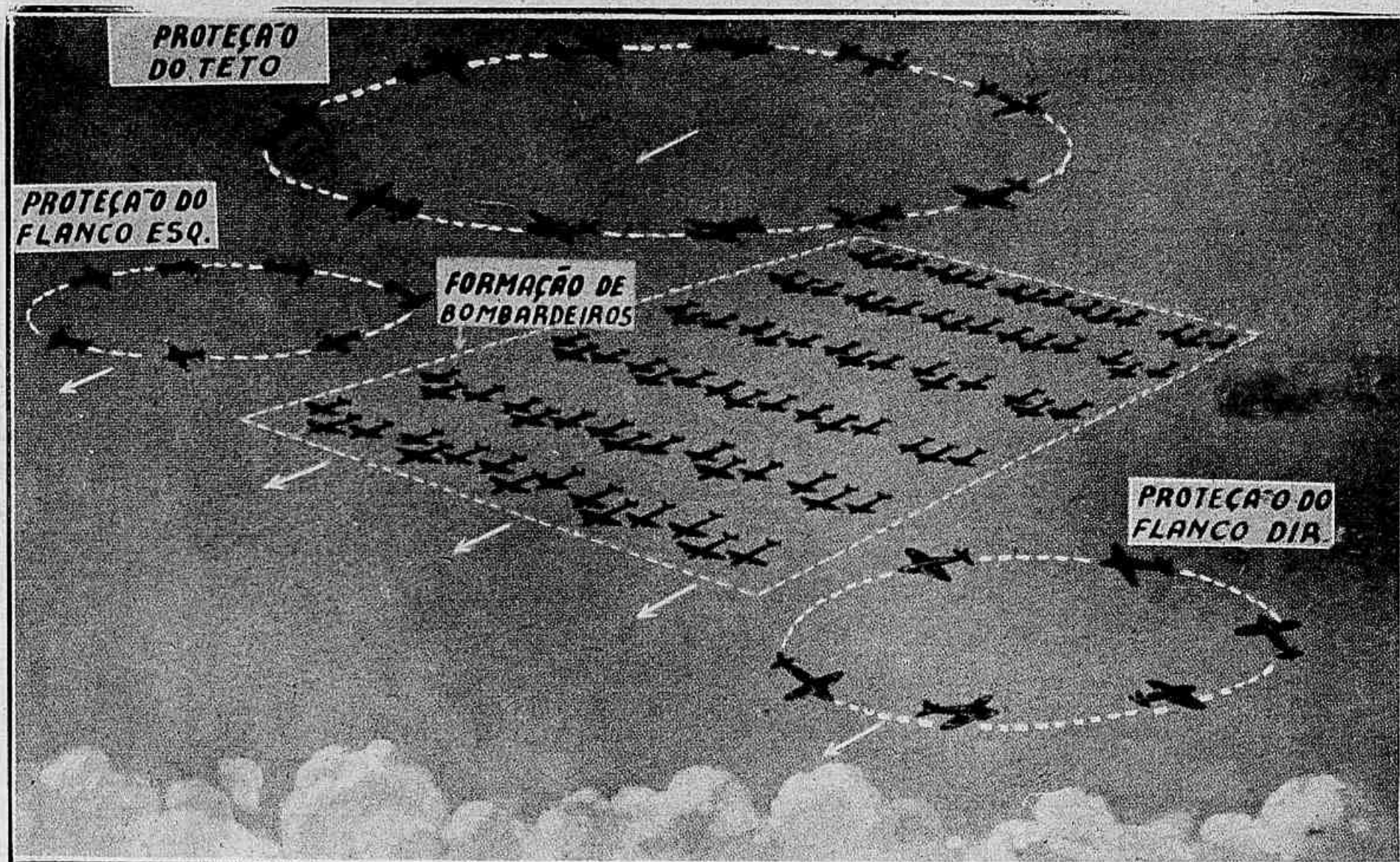
almoço, durante o qual reinou a mais franca cordialidade, realizou-se na Confeitaria Colombo. Estiveram presentes ao mesmo os srs. drs.: Antonio Ferro, José Taveira (consul adjunto), Guilherme Pereira de Carvalho, Armando de Aguiar, Gastão Bitencourt, Mario Magalhães (diretor do "Correio da Noite"), Mucio Continentino, Antonio José Leite, srs. Clemente Mourão, José Moreira e muitas outras personalidades representativas do nosso meio social.

Temos o prazer de estampar nesta pagina diversos aspectos do "cocktail" e almoço oferecidos ao sr. Antonio Ferro pelo sr. A. S. Macedo, representante no Brasil das firmas: Adriano Ramos Pinto & Irmão Ltda., A. Carvalho Macedo Ltda., Valente Costa & Cia. Ltda., Indus. de Vila Nova de Gaia, M. Saldanha & Cia. Ltda., de Lisboa, e H. M. Borges Sucrs. Ld., de Funchal, Madeira.

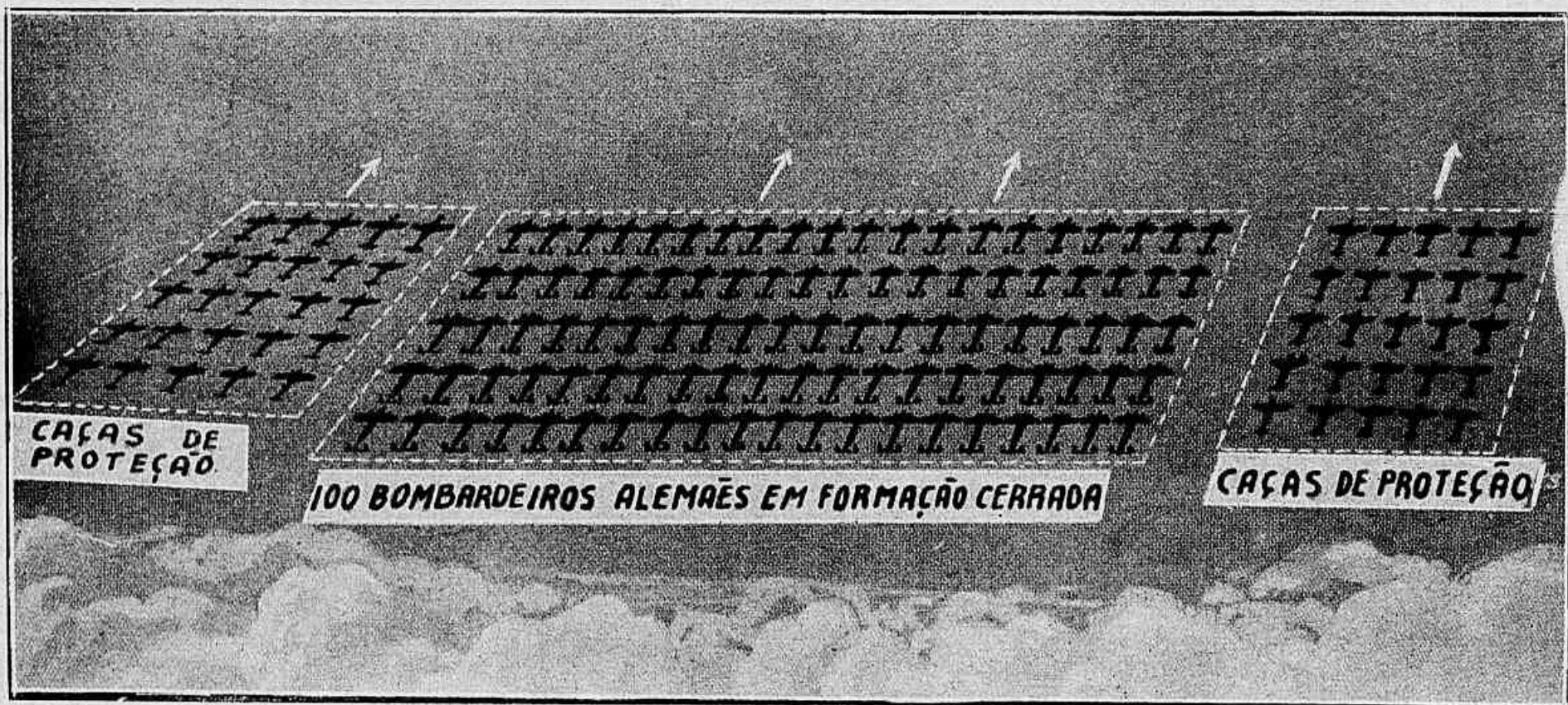
O "cocktail" teve lugar na sede da firma A. S. Macedo, á Rua 1.º de Março, 90, 4.º andar, e o



Combates A



Um dos tipos de formação que a Arma Aérea Alemã empregou durante sua pesada ofensiva contra a Grã-Bretanha: bombardeiros voando em grupos de três e em formação cerrada; caças de escolta nos flancos e no teto, voando em círculo.



Outra organização adotada pelos alemães: com bombardeiros em formação fechada, com escolta de caças em ambos os lados. Formações como esta sobrevoaram Londres com frequência durante a ofensiva do ano passado.

De terra, até há bem pouco tempo, a vinda de um avião de bombardeio dificilmente podia ser descoberta a uma distância superior a 13 quilômetros. Os detentores acústicos e refletores eram de capacidade muito limitada. Naturalmente a aviação de caça e artilharia anti-aérea dispunham de reduzido tempo para colocar-se em situação para eficientemente enfrentar os atacantes. Por outro lado, durante a escuridão, era difícil localizar um aparelho, ainda que este sobrevoasse o lugar.

Ultimamente, porém, foram de tal forma aperfeiçoados os detentores, que se vem processando verdadeira revolução na defesa anti-aérea. Um avião é descoberto à distância de 80 quilômetros e sua posição determinada com aproximação de 100 metros. Mesmo invisível, o avião corre sérias probabilidades de ser atingido pelas granadas. O último aparelho deste gênero emite um feixe de raios elétricos de alta frequência, os quais, ao ser interceptados por um objeto, re-

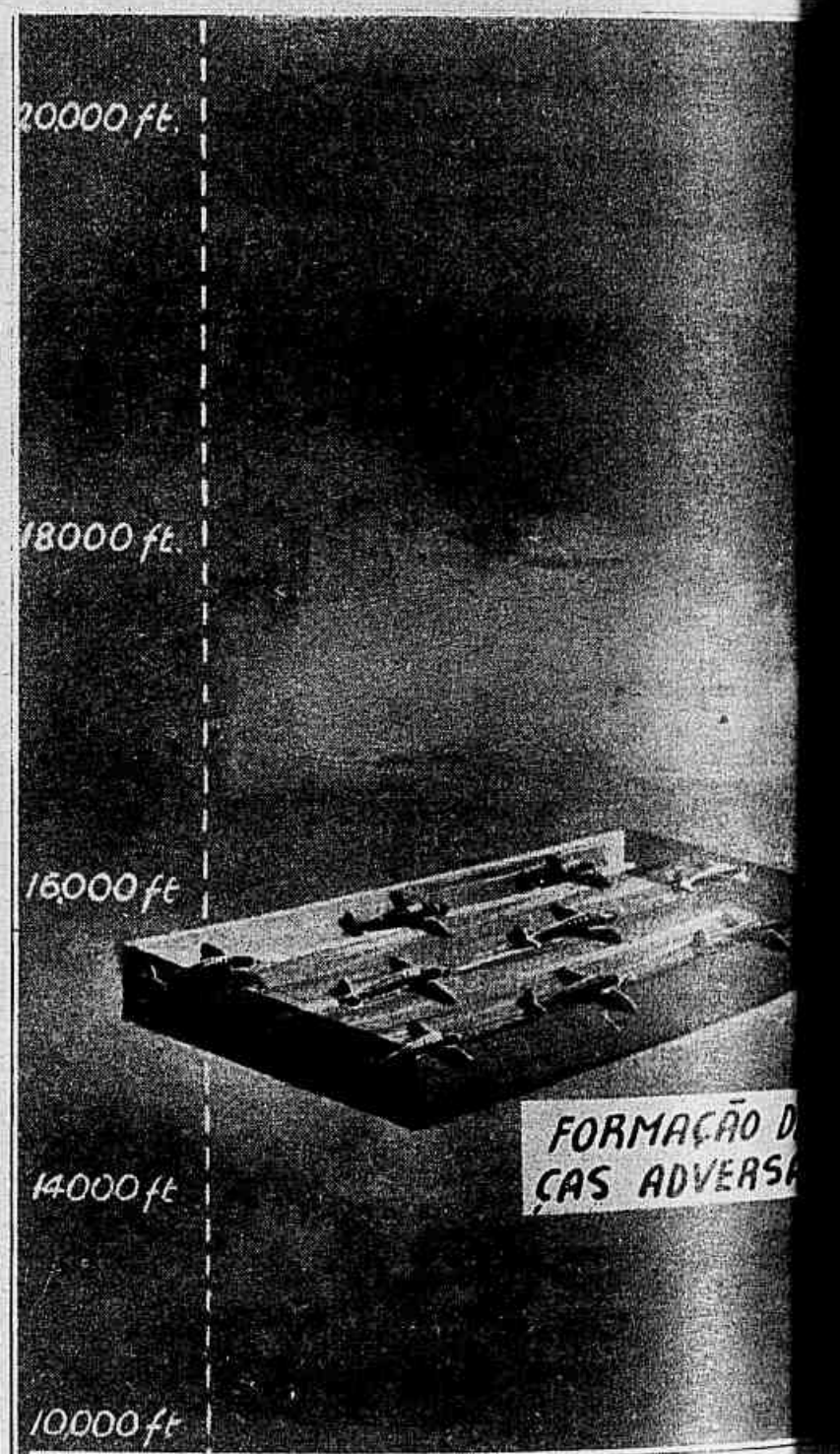
trocedem em sua trajetória ao ponto de partida; tendo-se em vista o tempo em que o feixe vai e volta e a direção em que chega, pode-se calcular a posição do objeto.

As modernas baterias anti-aéreas possuem vários tipos de canhões, que são aplicados de acordo com as circunstâncias. Os canhões de 56 milímetros podem disparar granadas de 15 quilos a uma distância de 900 metros, à razão de 25 por minuto; os canhões portáteis de 75 milímetros, que disparam granadas de 8 quilos, podem formar uma cortina de fogo a 3.200 metros de altura. Contra aviões em vôo baixo usam-se canhões de 38 milímetros que disparam 120 granadas por minuto, bem como metralhadoras. A grande vantagem dos canhões de 75 milímetros é que podem ser transportados em caminhões à velocidade de 80 quilômetros horários; uma vez chegado a um lugar, em 10 minutos estão aptos para iniciar o seu trabalho.

A ação da artilharia anti-aérea é presidida

Artifícios modernos - Cesta de M... tropa

por um "diretor", que mantém automaticamente os canhões apontados para o avião à vista, mas que este desenvolva velocidade superior a 100 kms. horários. O diretor é uma caixa cúbica, cerca de um metro de largo, colocada a 100 metros da bateria de canhões. Ao seu lado existe um indicador de distâncias e alturas, que é um disco de 30 centímetros de diâmetro, manejado



Aproximação dos bombardeiros; caças protegem-lhes o lado do sol, o que os torna mais difícilmente atacáveis. Os bombardeiros, que é a mais adotada pelos alemães contra caças que se aproximam.

três homens. Este aparelho transmite automaticamente ao diretor a distância e a altura do avião em caso; as velocidades horizontal e vertical são determinadas pelo próprio diretor, que automaticamente, de acordo com os dados apresentados, determina o ângulo em que o canhão anti-aéreo deve disparar. O diretor move ainda o regulador de espoletas que faz com que cada granada estale a uma determinada altura. Para causar dano a um avião, a granada deve disparar a uma distância máxima de 75 metros.

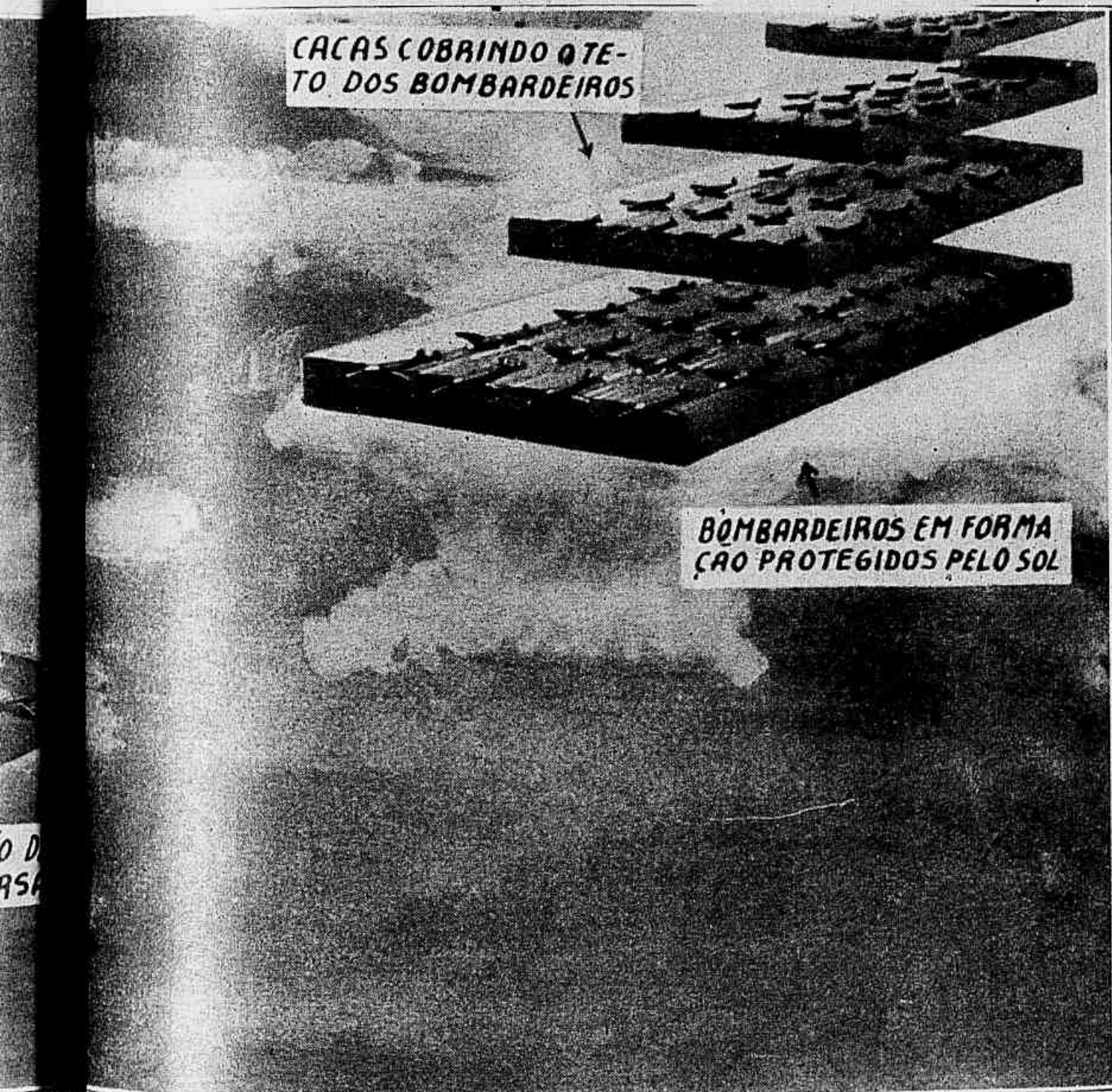
BOMBAS

Uma bomba comum de 45 quilos lança seus fragmentos a uma distância de 4.000 metros.

Aviões

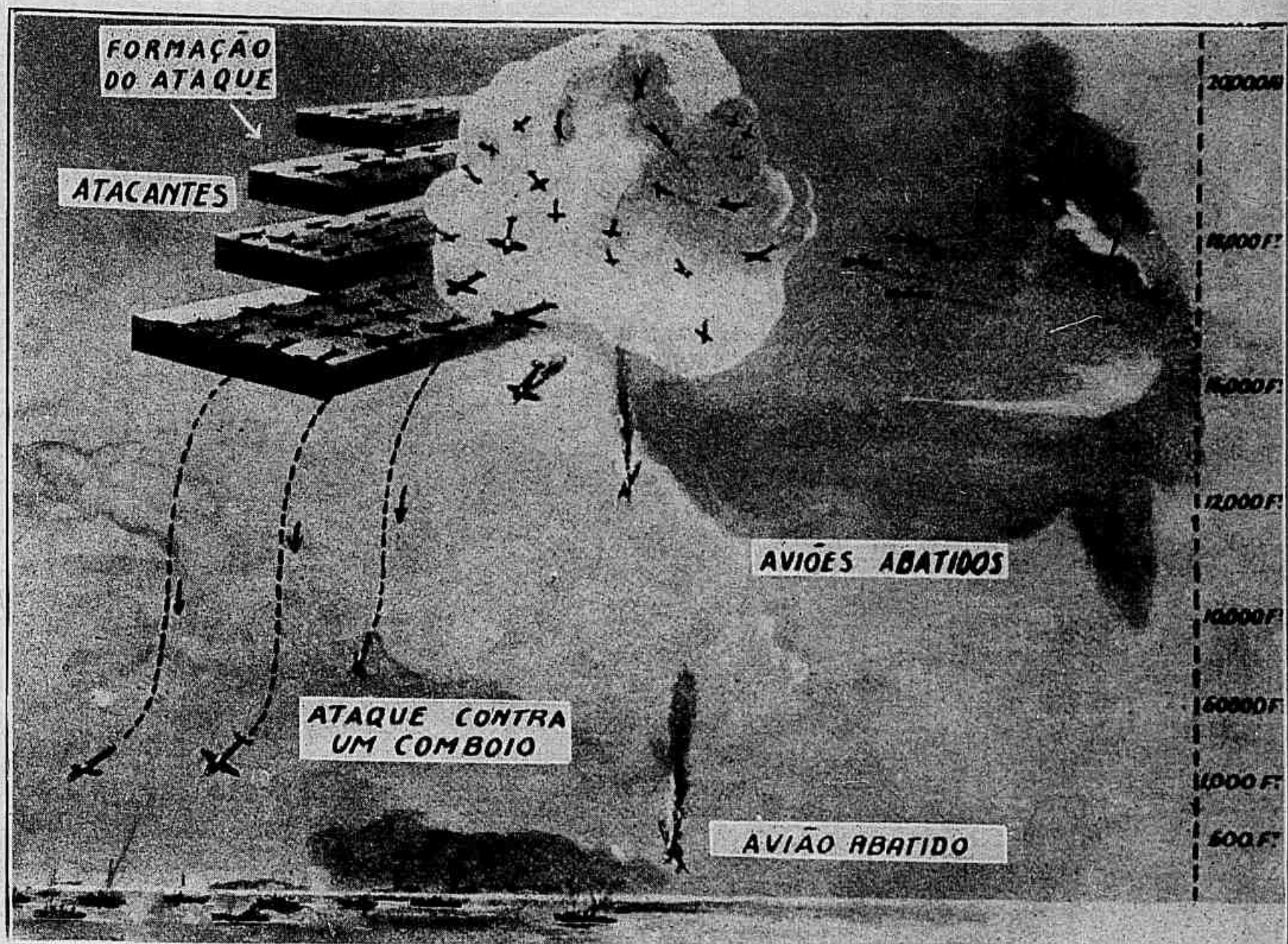
Bombas-relógio Motov - Transporte de via aérea

As bombas de para-quedas, embora desçam lentamente, explodem apenas nas proximidades do solo; é uma terrível ameaça contra as trincheiras, que apenas são protegidas contra bombas que estalem na superfície do solo. As grandes bombas de demolição têm capacidade para atravessar o teto e os andares de um edifício, explodindo apenas ao contacto da terra firme. Os gases que desprendem tais bombas fazem ruir todo o edifício. Os russos descobriram que a ação



é interessante observar que eles veem do avião de combate adversários. Altura do vôo dos bombardeiros: 18 mil pés. À esquerda vemos uma formação de bombardeiros a 16 mil pés de altura.

As bombas incendiárias é bem mais eficiente quando atinge prédios já destruídos. Tendo em conta isto, imaginaram aquelas bombas compostas que se chamaram depois "cesta de Molotov". Esta formada por 20 ou 30 bombas incendiárias e uma de demolição. A uma altura predeterminada, rompe-se a bomba e os elementos incendiários espalham-se ao redor da explosão. A mais terrível invenção dos alemães é, sem dúvida, a bomba-relógio. Contém esta ácido em um pequeno frasco que se parte quando a bomba cai. O ácido, sobre caminho, a passo as paredes da bomba, até à explosão. De acordo com a resistência que se opõe a ação do ácido, tem-se o tempo de duração da explosão, que pode ser de metros ou fúteis.



Vemos agora os caças procurando uma posição que não seja de frente para o sol. Hoje, como sempre, o avião em combate faz o possível para se colocar por detrás do adversário. Condições essenciais são, portanto, a manobrabilidade e a velocidade. O avião de velocidade inferior, uma vez em combate, não se poderá retirar a menos que o adversário seja abatido.

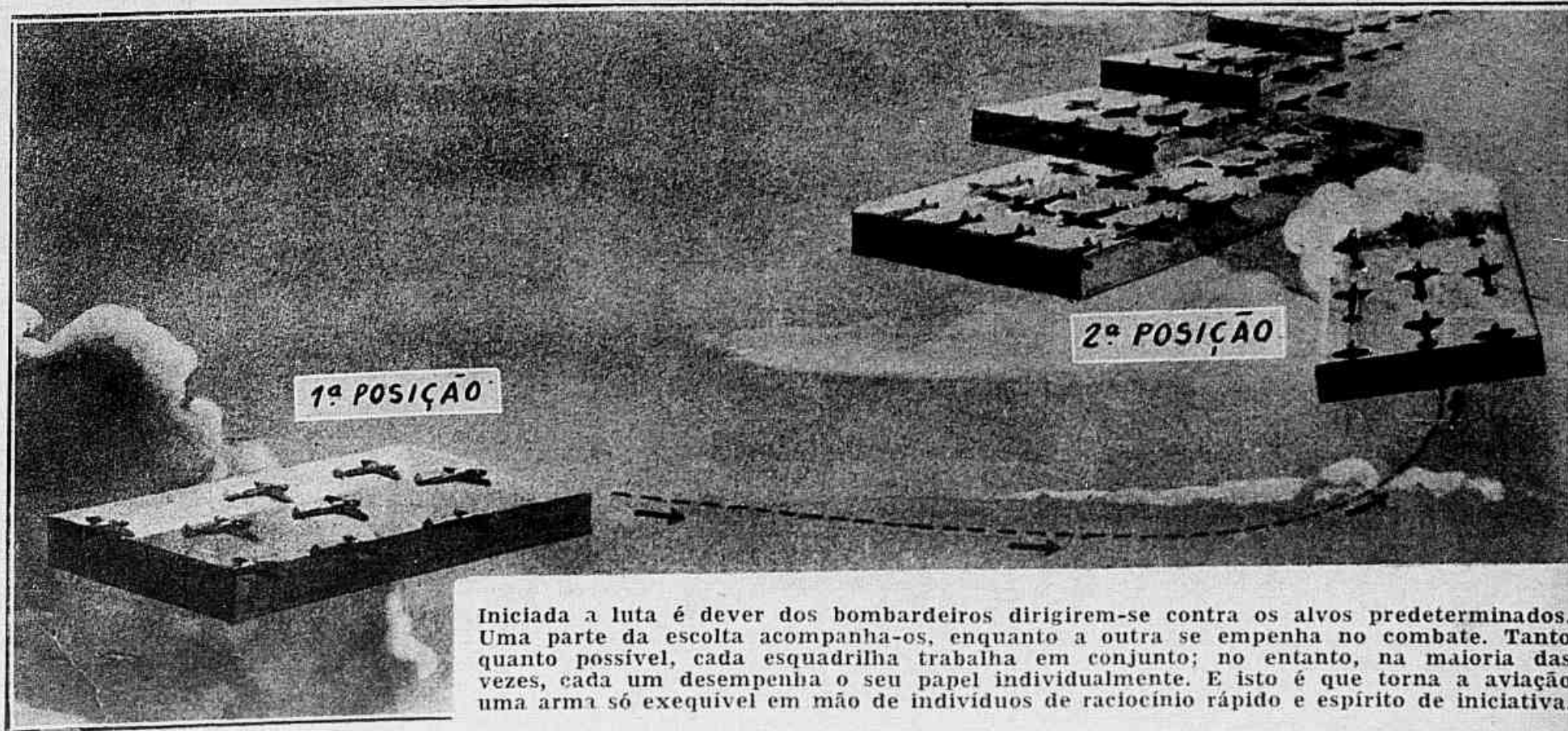
TROPAS POR VIA AÉREA

A experiência da presente guerra autoriza-nos a afirmar que para transporte de mil homens é necessária uma esquadrilha de 125 aviões. À frente seguem 30 aviões de bombardeio, seguidos de 10 transportes com soldados munidos de para-quedas. Em seguida 50 outros transportes, cada um dos quais leva 20 homens. Em 5 aviões de carga vão 150.000 cartuchos, 70 rádios, 30 motocicletas, 367 metralhadoras e 6 canhões contra ataques. Trinta ou mais aviões de combate escoltam o comboio.

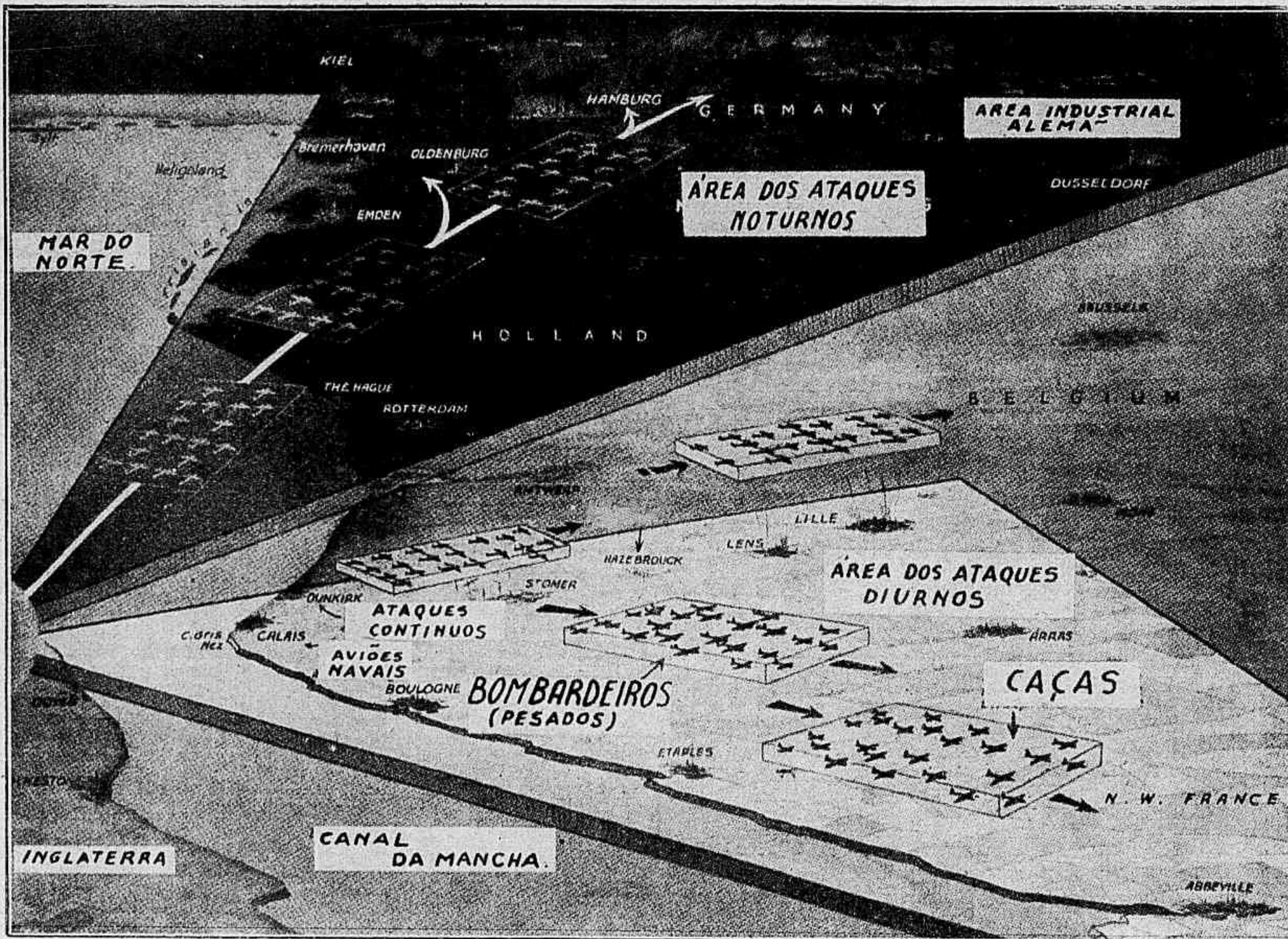
Uma vez chegados a seu destino, os bombardeiros atacam as forças inimigas, com bombas e metralhadoras. Descem de para-quedas 200 ou 300 soldados que saem dos aviões a intervalos de 2 segundos. De cada 5 soldados há um que leva um fuzil-metralhadora; os demais estão armados de pistolas. Tem-se observado que, se os paraquedistas levam rifles e metralhadoras, a aterrissagem torna-se difícil, resultando confusão e acidentes. Estas armas são atiradas em paraquedas especiais para carga. Com a posse do campo pelos paraquedistas, descem os aviões de transporte. Todos devem bem conhecer o sistema de sinais, afim de guiar os aviões e as tropas, e saber manejar bombas de demolição para destruir as comunicações do inimigo. Também é necessário o conhecimento das armas do adversário, para servir-se delas quando houver oportunidade.

COMBATES AÉREOS

Para se ter uma idéia da perfeição de um avião de combate moderno, é suficiente observar os elementos de ataque de um caça inglês



Iniciada a luta é dever dos bombardeiros dirigirem-se contra os alvos predeterminados. Uma parte da escolta acompanha-os, enquanto a outra se empenha no combate. Tanto quanto possível, cada esquadrilha trabalha em conjunto; no entanto, na maioria das vezes, cada um desempenha o seu papel individualmente. E isto é que torna a aviação uma arma só exequível em mão de indivíduos de raciocínio rápido e espírito de iniciativa.



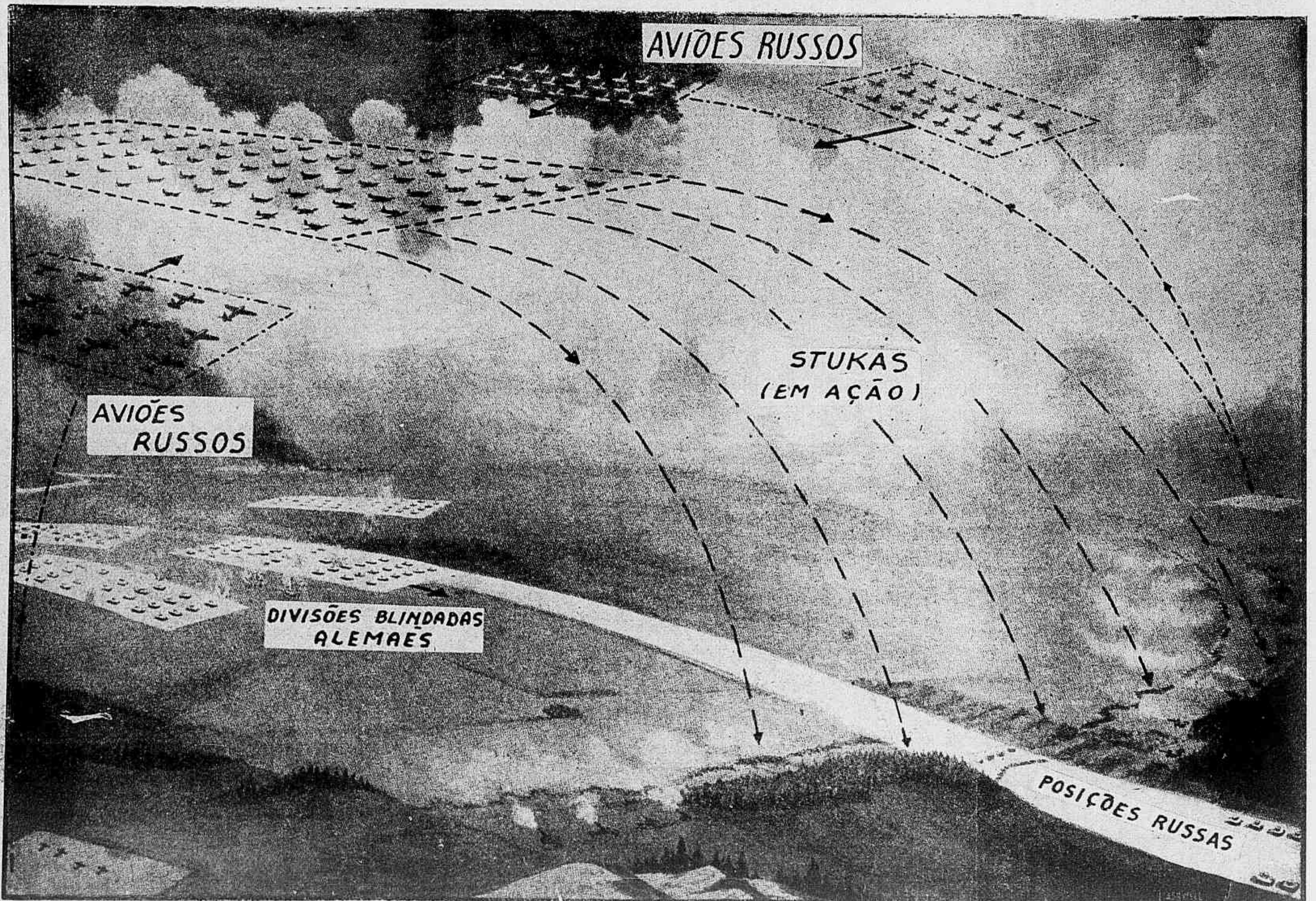
Temos aqui um plano da área em que se desenvolve a atividade aérea da Inglaterra. À proporção que crescem os efetivos de sua arma, os ingleses vão intensificando os seus ataques à região ocidental da Alemanha e norte da França, Holanda e Bélgica. A região do plano inferior pode ser atacada durante o dia, pois os caças, que têm curto raio de ação, protegem os bombardeiros. No plano superior estão as regiões mais distantes: aqui são produtivos apenas ataques noturnos. Os ataques noturnos visam parques industriais e instalações portuárias. As incursões diurnas visam também aeródromos.

Em baixo: — Eis a imagem de uma batalha na frente oriental: assim como fizeram na França e na Grécia, os alemães estão empregando na Rússia os Stukas em combinação com as Divisões Panzer. Primeiramente as posições do adversário são submetidas a um violentíssimo bombardeio direto (piqué); só depois deste trabalho é que os tanks investem. Na frente oriental, a numerosa aviação russa veio criar uma circunstância que não se registrou em França e nos Balkans: é que os Stukas são vulneráveis à ação dos aviões de combate, e o seu emprego em massa teve que redundar em consideráveis perdas. Por outro lado a falta de elementos fortificados fixos torna mais improdutivo o trabalho de preparação dos Stukas.

De qualquer forma, o quadro da batalha é dantesco.

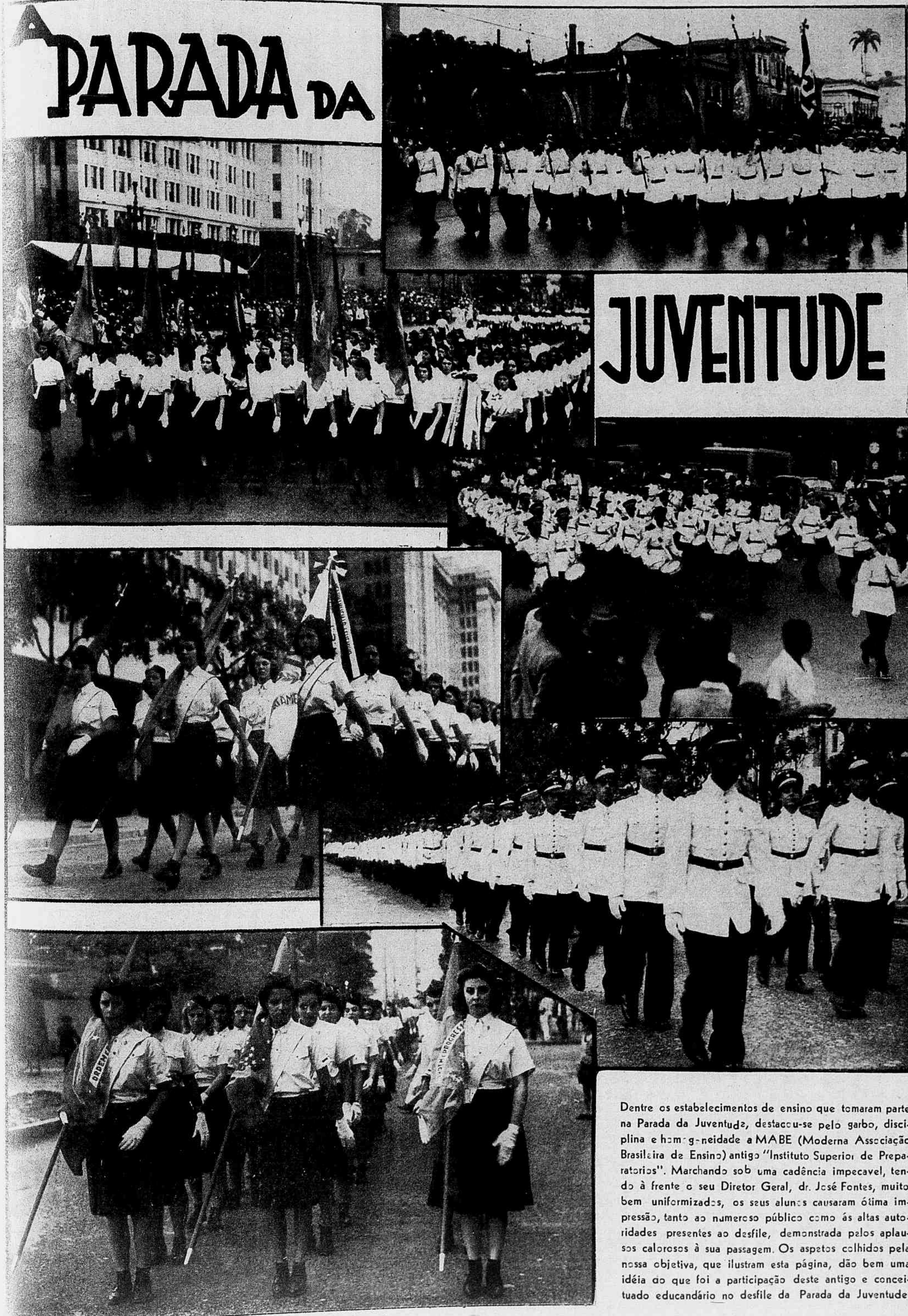
Spittfire. Dirigindo este avião exatamente contra o alvo e apertando um botão situado na alavanca de comando, o aviador pode fazer 120 tiros por segundo com metralhadoras de calibre de 8 milímetros montadas nas asas. Esta rapidez de fogo, extraordinária, é necessária, porque a velocidade do avião é tão grande que o artilheiro raras vezes pode apontar o alvo por mais de um ou dois segundos. As metralhadoras estão dispostas de tal maneira que as trajetórias dos projéteis são convergentes. Os bombardeiros também levam metralhadoras colocadas em torres móveis. As metralhadoras possuem algumas balas de trajetória visível, as quais contêm um composto de fósforo que de dia deixa uma linha de fumo e de noite uma luminosa. Si em cada cinco balas há uma visível, pode-se saber com segurança qual a direção da descarga.

Todos os aviões levam lâmpadas de sinal na cauda e na superfície inferior da fuselagem. Quando um avião inglês se encontra sobre algum lugar da Inglaterra onde há canhões anti-aéreos, faz o sinal convencionado, dando-se a conhecer. Ao ver outro avião, faz um certo sinal, e, si não recebe a contra-senha, pode considerá-lo inimigo.



PARADA DA

JUVENTUDE

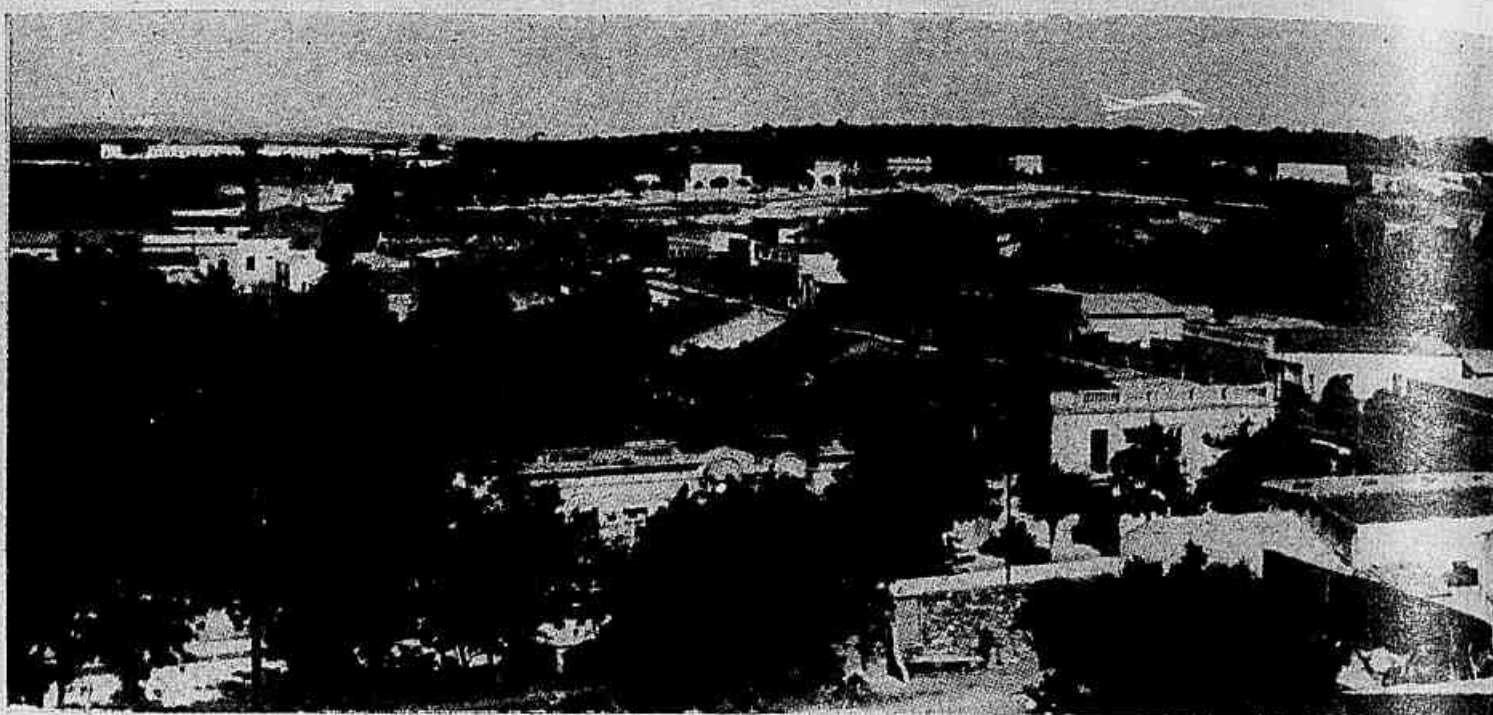


Dentre os estabelecimentos de ensino que tomaram parte na Parada da Juventude, destacou-se pelo garbo, disciplina e homogeneidade a MABE (Moderna Associação Brasileira de Ensino) antigo "Instituto Superior de Preparatórios". Marchando sob uma cadência impecável, tendo à frente o seu Diretor Geral, dr. José Fontes, muito bem uniformizados, os seus alunos causaram ótima impressão, tanto ao numeroso público como às altas autoridades presentes ao desfile, demonstrada pelos aplausos calorosos à sua passagem. Os aspectos colhidos pela nossa objetiva, que ilustram esta página, dão bem uma idéia do que foi a participação deste antigo e conceituado educandário no desfile da Parada da Juventude.

CORUMBÁ



Trecho da Praça da Independência; ao fundo o Colégio Imaculada Conceição.



Vista parcial.



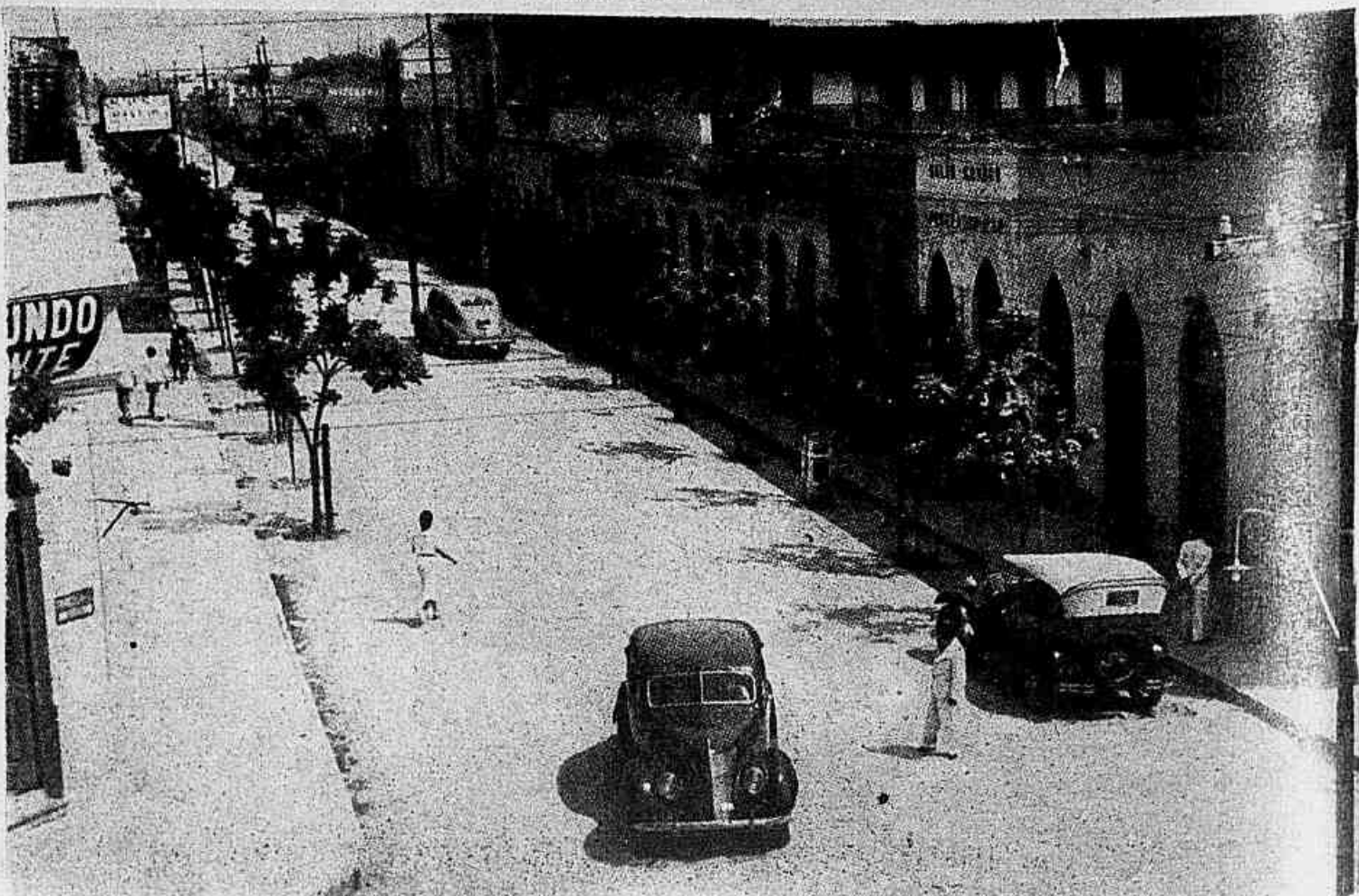
A' esquerda — Marco da fundação da cidade, homenagem aos seus fundadores e retomadores, e aos constituintes do Estado (1891).



Em cima — Lago da Praça da Independência. A' esquerda — Trecho da rua Frei Mariano. Em baixo — Rua Delamare.

CORUMBÁ — cidade fronteiriça de imensa importância estratégico-militar, que bem poderia ser chamada a "Sentinela do Oeste" — comemora amanhã o 163.º aniversário de sua fundação. Alvo no momento de atenções gerais, ponto marcante que é do Oeste Brasileiro em cujo rumo se inicia sob os auspícios presidenciais o movimento de marcha, quiz-nos parecer oportuna a divulgação destas notas e impressões colhidas no decurso de recente visita às regiões matogrossenses. Ignorada por muitos nos seus verdadeiros índices de progresso e esplendente realidade, o que tem dado margem à emissão de conceitos levianos e apressados, Corumbá é grande, culta e moderna urbe. Flôr emersa dos pântanos que a circundam isolando-a nas distâncias, é um milagre da energia humana, afirmação vitoriosa do labor paciente e tenaz de seus filhos, que através da adversidade e indiferentes ao meio hostil lhe construíram a grandeza e fixaram as sólidas bases em que assenta a sua prosperidade isenta de artifícios, por isso que amparada num potencial econômico real e definido.

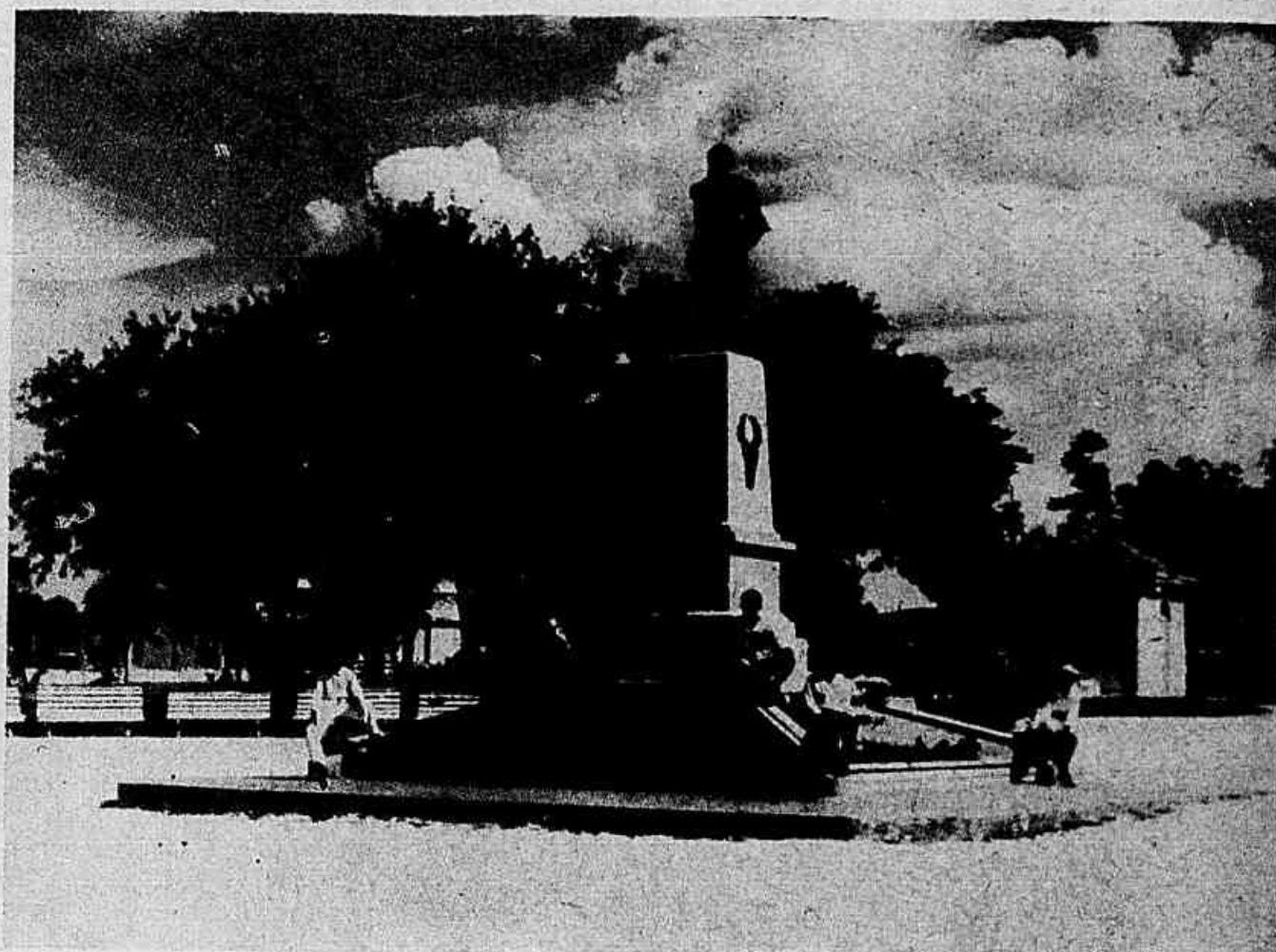
Fundada a 21 de Setembro de 1778 — pequena povoação à margem direita do rio Paraguai — foi a princípio chamada **Albuquerque** em homenagem ao seu fundador, o capitão Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, posteriormente **Nossa Senhora da Conceição de Cáceres** e, finalmente, Corumbá. Com este nome foi criado o município e a sede declarada vila, em 6 de Julho de 1862, depois do que sofreu um hiato: a invasão e ocupação paraguaia, em 1865, provocou o êxodo da população, logo a seguir vitimada pelo surto variólico. Extingiu-se, assim, o município em 1869, somente restaurado em 1871 e sete anos depois, a 15 de Novembro de 1878, a sede foi elevada à categoria de cidade. Essa, em resumo, a origem e formação de Corumbá. O seu desenvolvimento teve então processo lento, pontilhado de avanços e recuos, alternativas comuns às regiões de difícil acesso. A inexistência de vias de transporte e comunicação com os centros mais adiantados do país aparecia realmente como principal fator adverso. Basta referir que a República ali somente foi conhecida seis meses após a proclamação, à chegada de um navio, com surpresa geral arvorando o pavilhão republicano. Dessarte, o seu comércio era



AOS CENTO E SESSENTA E TRÊS ANOS



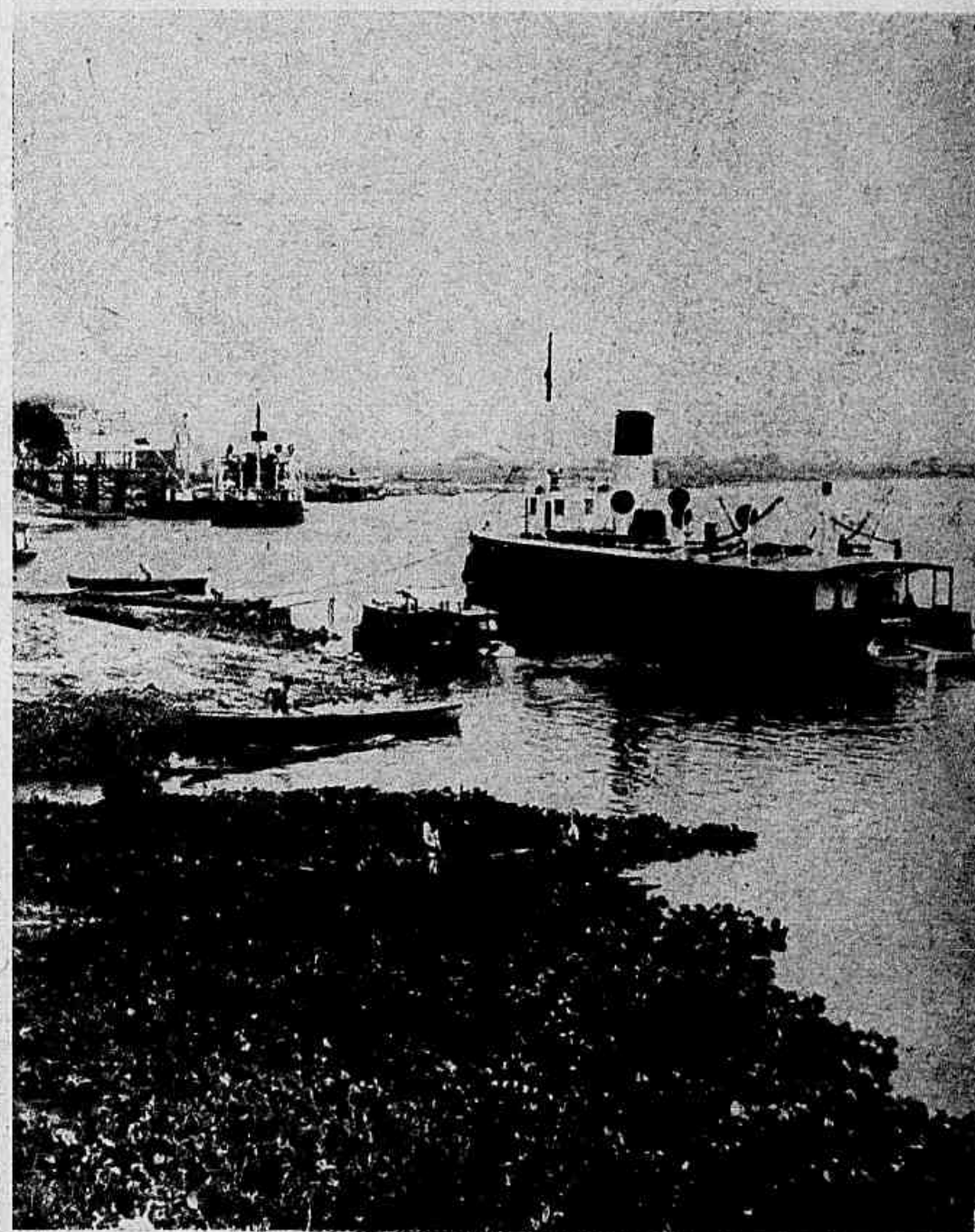
Praça da Independência.



Monumento a Antônio Maria Coelho, o Retomador.



A' esquerda — Avenida Cândido Mariano. A' direita — Aspecto do porto. Em baixo — Ginásio "Maria Leite".



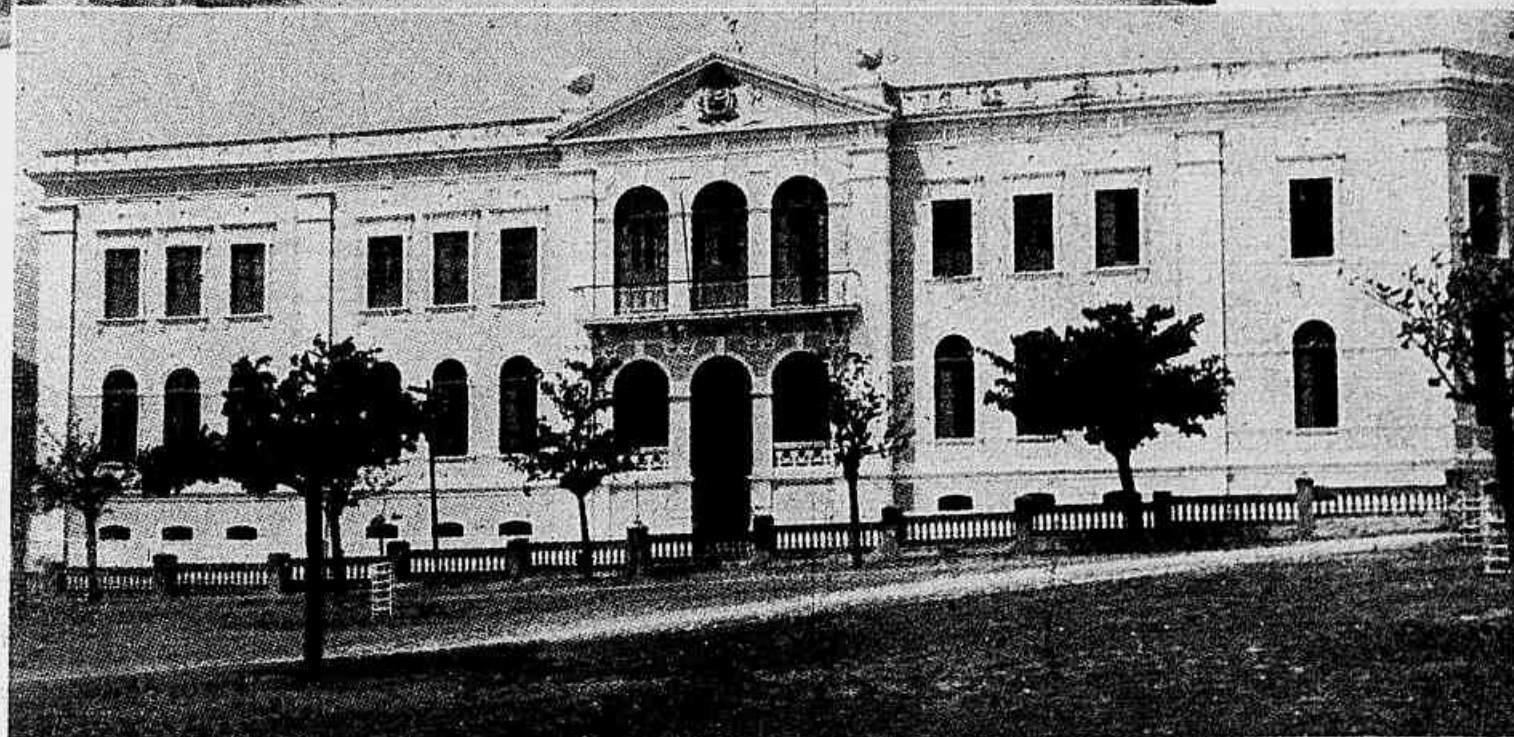
feito com a Argentina e outros países, pelas rotas fluviais da fronteira, até que, com o advento da Estrada de Ferro Itapura-Corumbá, hoje Noroeste do Brasil, iniciada a 3 de Maio de 1908 e inaugurada a 12 de Outubro de 1914, teve começo a fase de sua evolução definitiva. E, no depoimento de suas vozes autorizadas, Corumbá hoje atingiu culminâncias jamais alcançadas. Pudemos sentir, com efeito, a veracidade dessa assertiva, no con-

tacto com as forças vivas do seu organismo econômico, contemplando o panorama das suas atividades e vislumbrando a confiança que a todos ilumina a estrada promissora do futuro.

Corumbá foi teatro de assinalados feitos militares, patrimônio de glórias de que se orgulha o seu povo. A heroica resistência do Forte Coimbra, sustentada contra os espanhóis de Lozano Ribera quando em guerra Portugal e Espanha (1801), relembra uma das páginas de maiores laureis. E a retomada da cidade aos paraguaios de Vicente Barrios, durante a guerra de Solano Lopez, passou à posteridade como um dos mais brilhantes episódios de sua história.

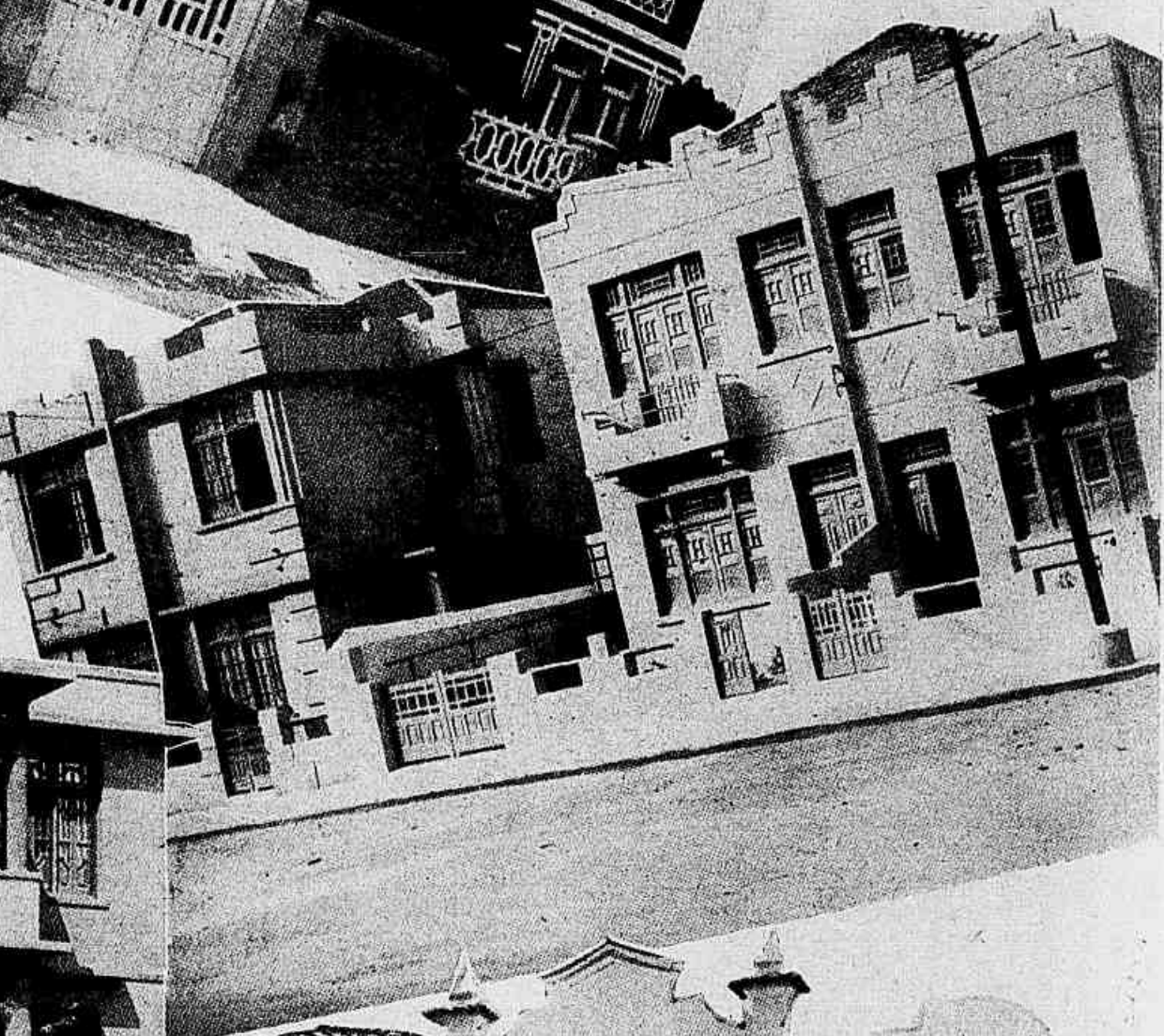
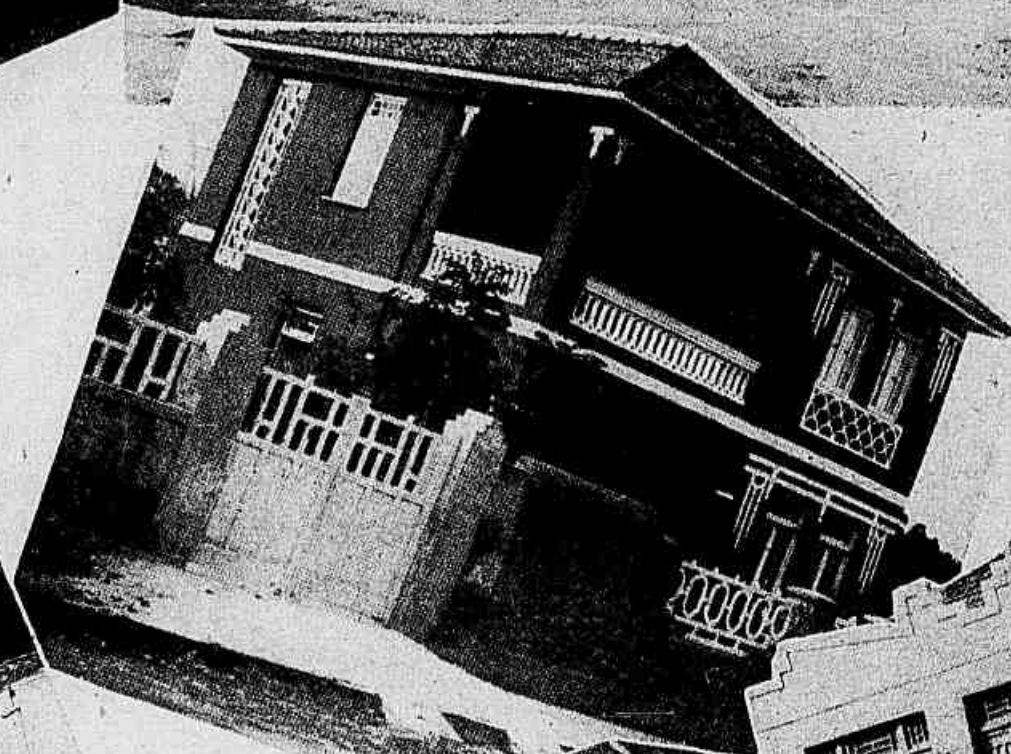
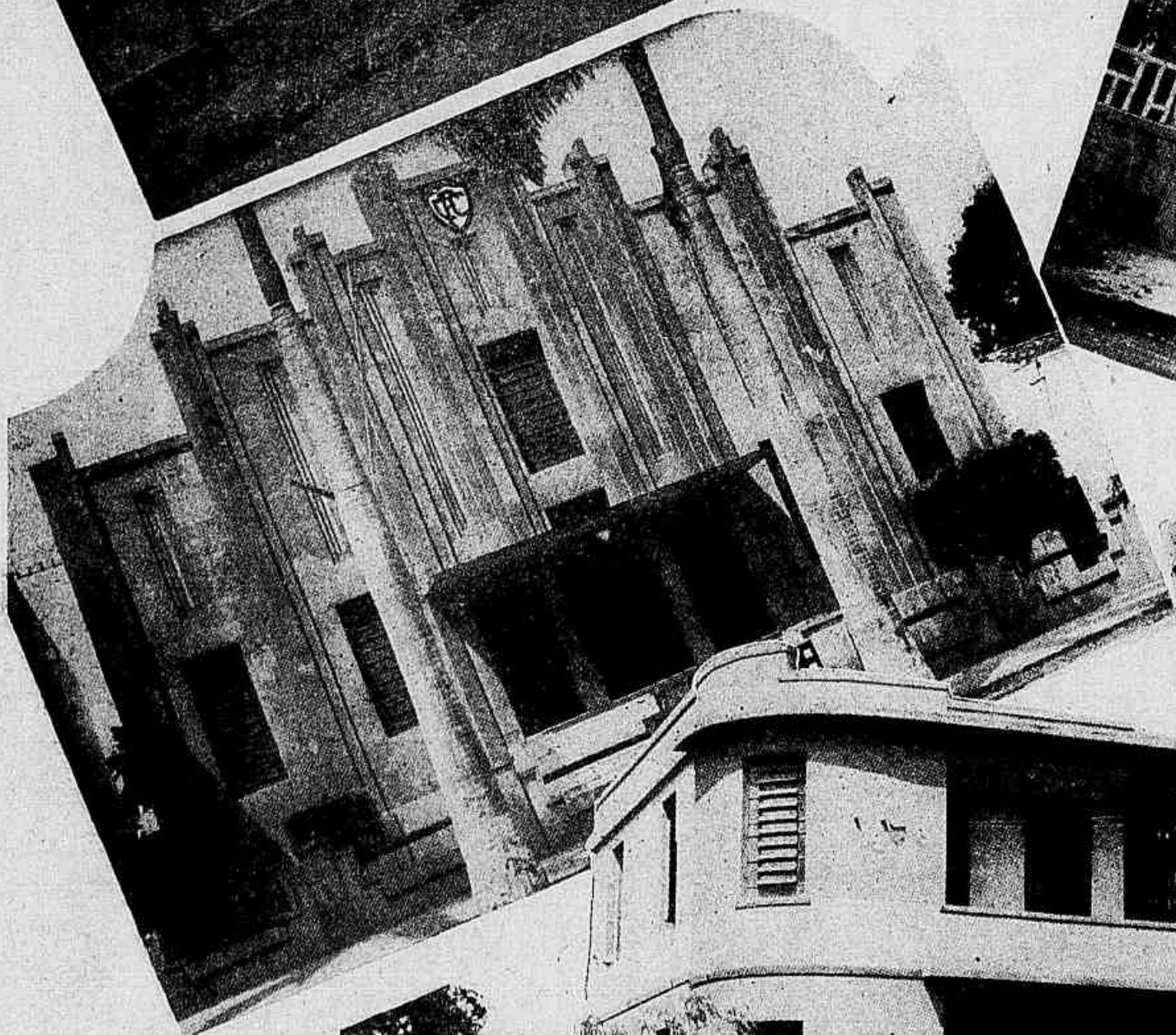
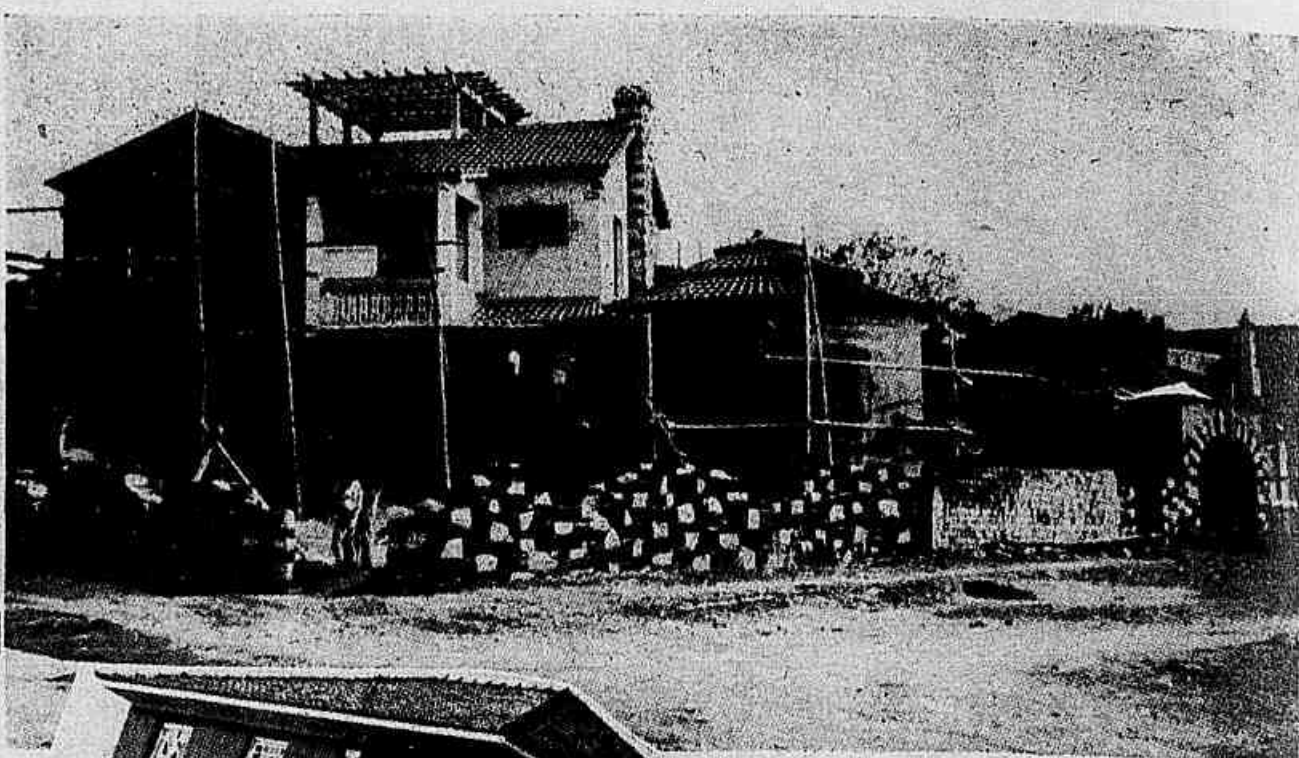
No limiar da data aniversária de Corumbá é, pois, com profunda admiração e respeito que evocamos as figuras legendárias de Antônio Maria Coelho, o Retomador, e dos bravos daquela jornada, a cuja memória o corumbaense consagra o culto fervoroso da imortalidade.

ADALBERTO MENDES

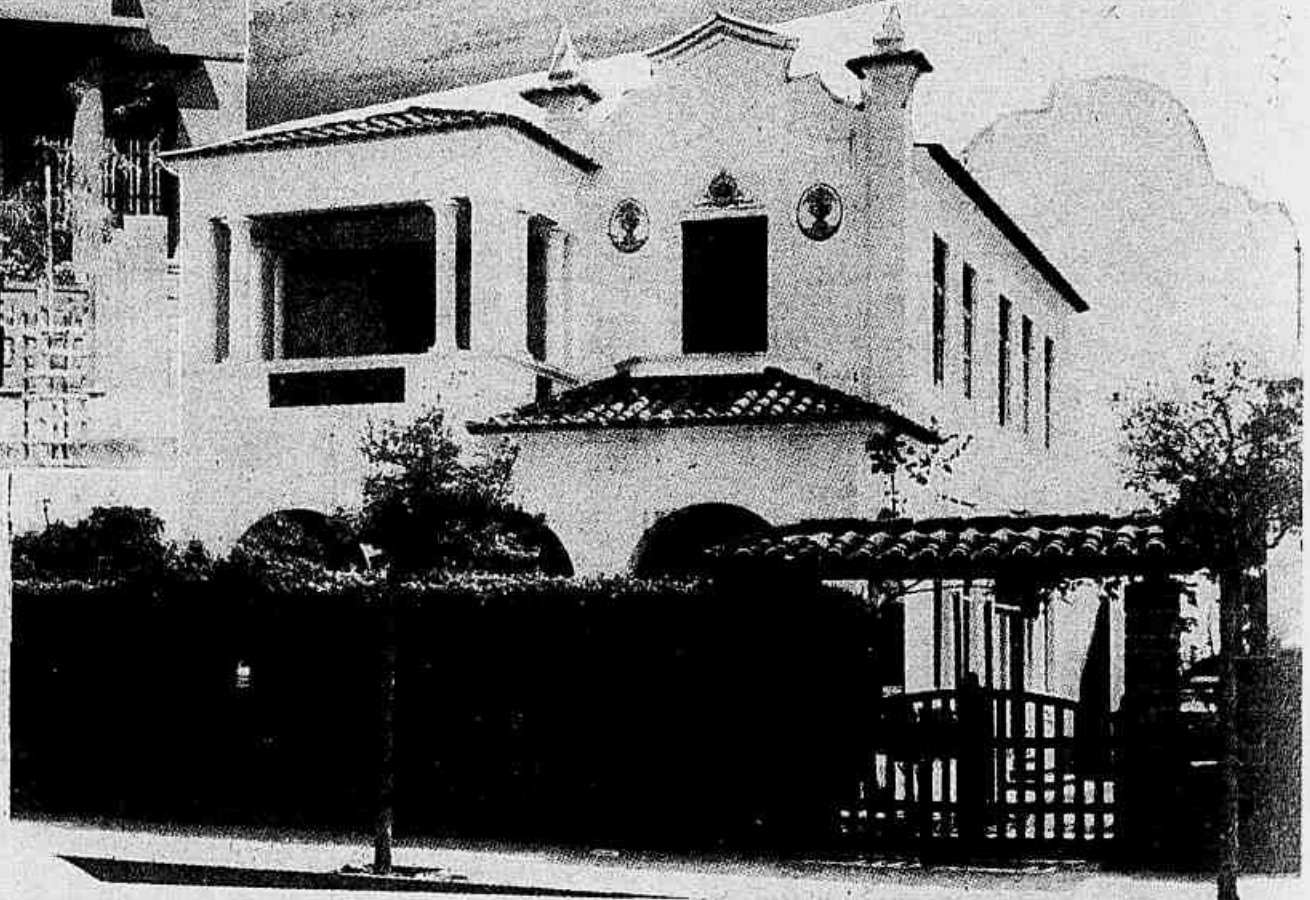
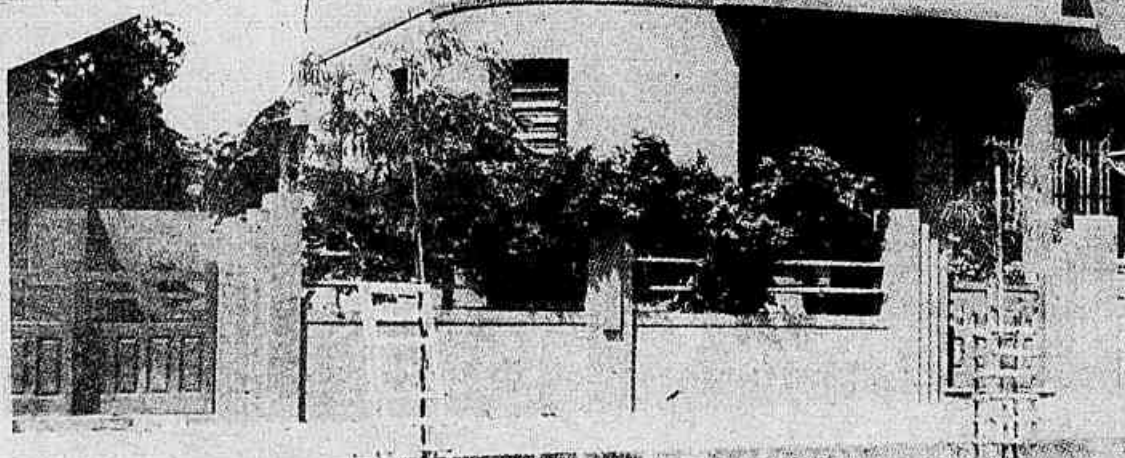


Em baixo — Outro trecho da rua Frei Mariano.

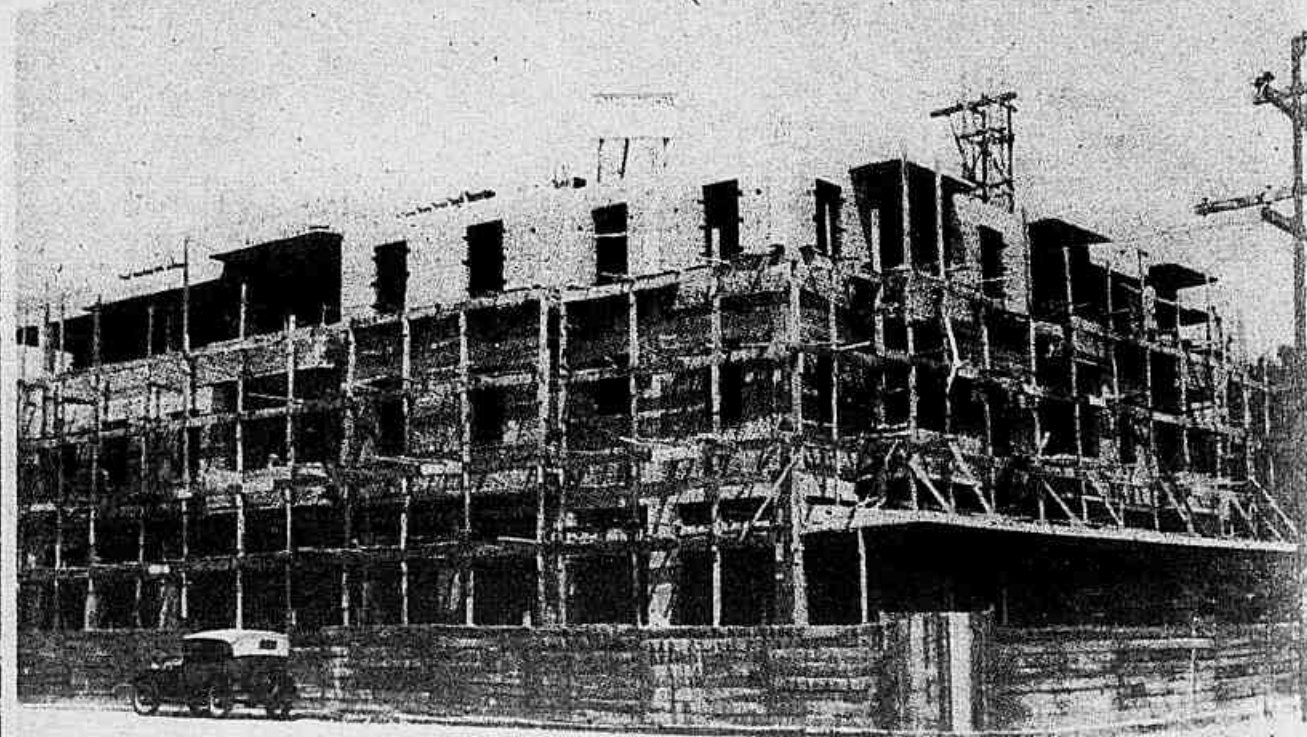
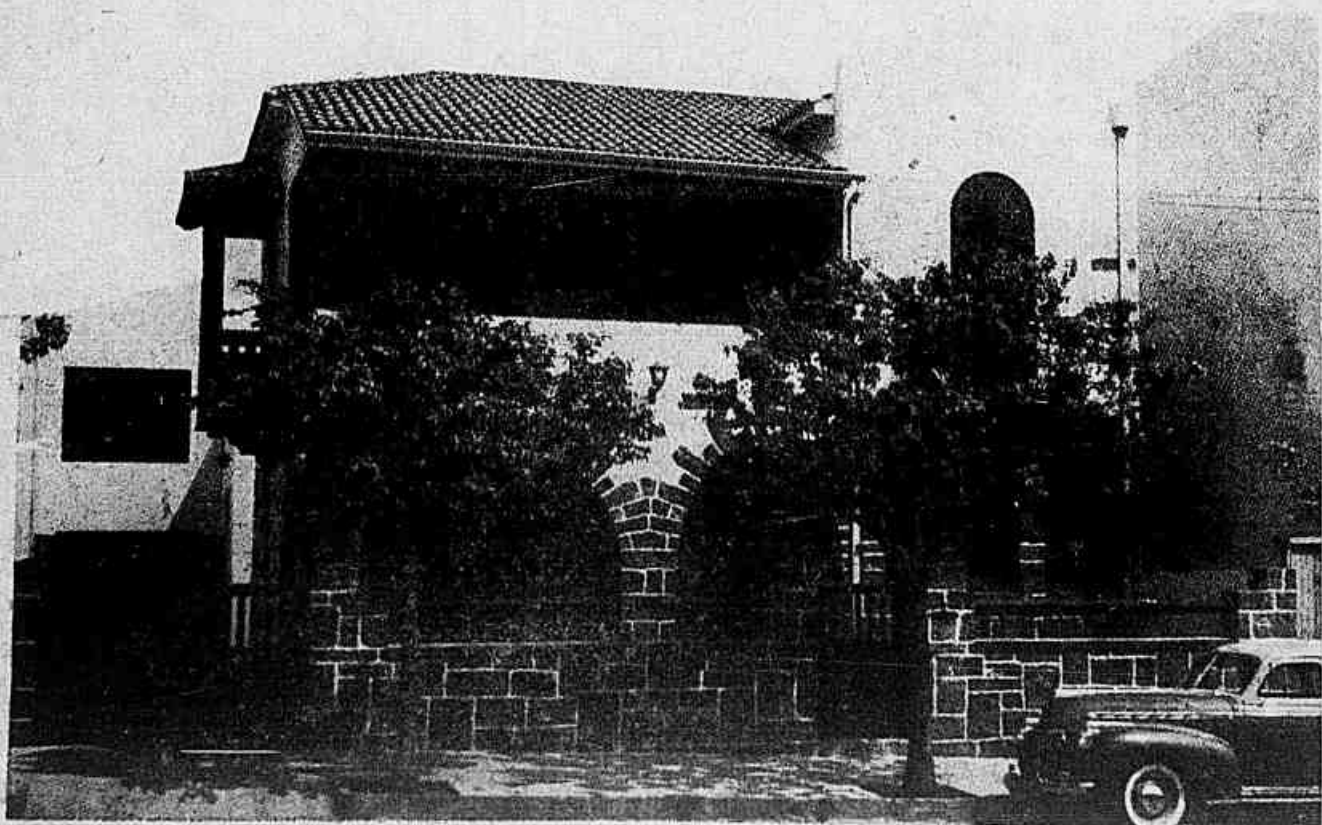




Acima destas linhas: — a sede do Corumbaense Foot-Ball Club, ponto elegante de reunião da fina e culta sociedade de Corumbá.



CORUMBÁ desenvolve-se e o seu progresso arquitetônico acompanha a característica da moderna urbe. Sucodem-se em ritmo acelerado as construções de bom gosto, embelezando e enriquecendo ruas e praças de traçado perfeito e uniforme. Ergue-se no momento a primeira casa de apartamentos, constrói-se um grande hotel de quatro pavimentos e inicia-se as obras de um cinema dotado de todo o conforto hoje exigido. Esta página é uma demonstração eloquente desse fenômeno de renovação.



Obras em andamento do Hotel Colombo.

Aspectos econômicos de Corumbá

O comércio e a indústria são as forças vivas do progresso corumbense. Aí repousa todo o seu arcabouço econômico-financeiro, hoje em invejável situação de estabilidade. A exportação de seus produtos, na quase totalidade industriais, atingiu em 1940 cerca de 11.500 contos de réis. A principal indústria é a pastoril, como de toda a região sul matogrossense. O seu rebanho bovino é estimado em 700.000 cabeças, sendo exportadas anualmente 25 a 30 mil.

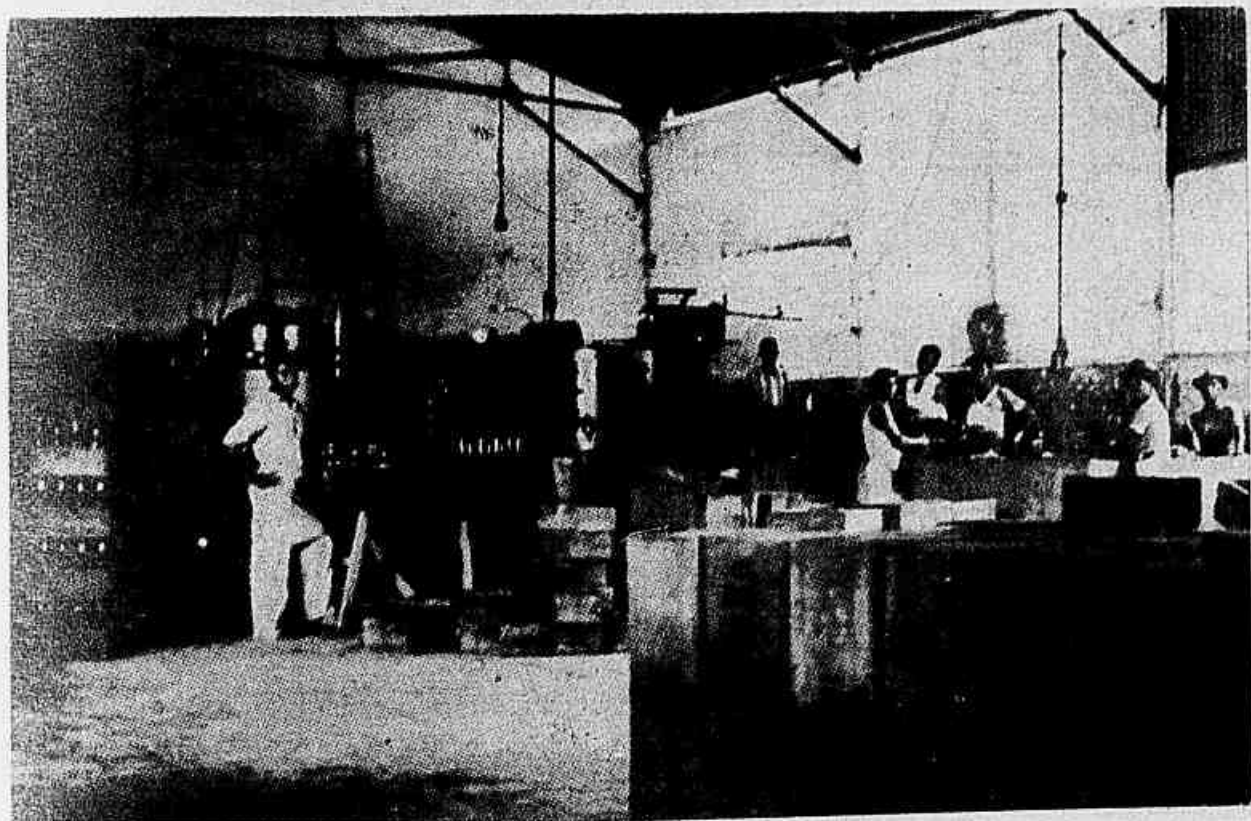


Vista da cidade baixa, onde está localizado o comércio atacadista.



Atual diretoria da Associação Comercial de Corumbá. A contar da esquerda, sentados, os srs. Agis Iatros, 1.º secretário; Arthur Afonso Marinho, presidente; Theodomiro Serra, vice-presidente; Miguel Cestari, 2.º secretário; de pé, os srs. dr. Sylvio de Oliveira Guimarães, chefe do Departamento Jurídico; José dos Santos Pitté, adjunto do tesoureiro; Pedro Araujo Serafim, José Migueis, Francisco Roca, Julio Quintino Baptista, José Candia, Antonio Leite de F. Sobrinho, Felipe Esnarriaga, diretores; e Taufic Jallad, tesoureiro.

Fundada a 19 de Junho de 1910, por iniciativa do comerciante Salustiano Antunes Maciel, a Associação Comercial de Corumbá constitui-se num dos maiores fatores de progresso para essa cidade e para todo o oeste matogrossense. A sua atual diretoria, encabeçada pelo sr. Arthur Afonso Marinho, tem desempenhado ação destacada nos destinos da Sociedade. Nessa gestão voltou a circular o Boletim da Associação, mensário de informações; criou-se o Departamento Jurídico, e aumentou de 114 sócios o respectivo quadro. É grande o acervo de serviços dessa agremiação, contribuição decisiva para o desenvolvimento comercial dessa futura zona do Oeste brasileiro.

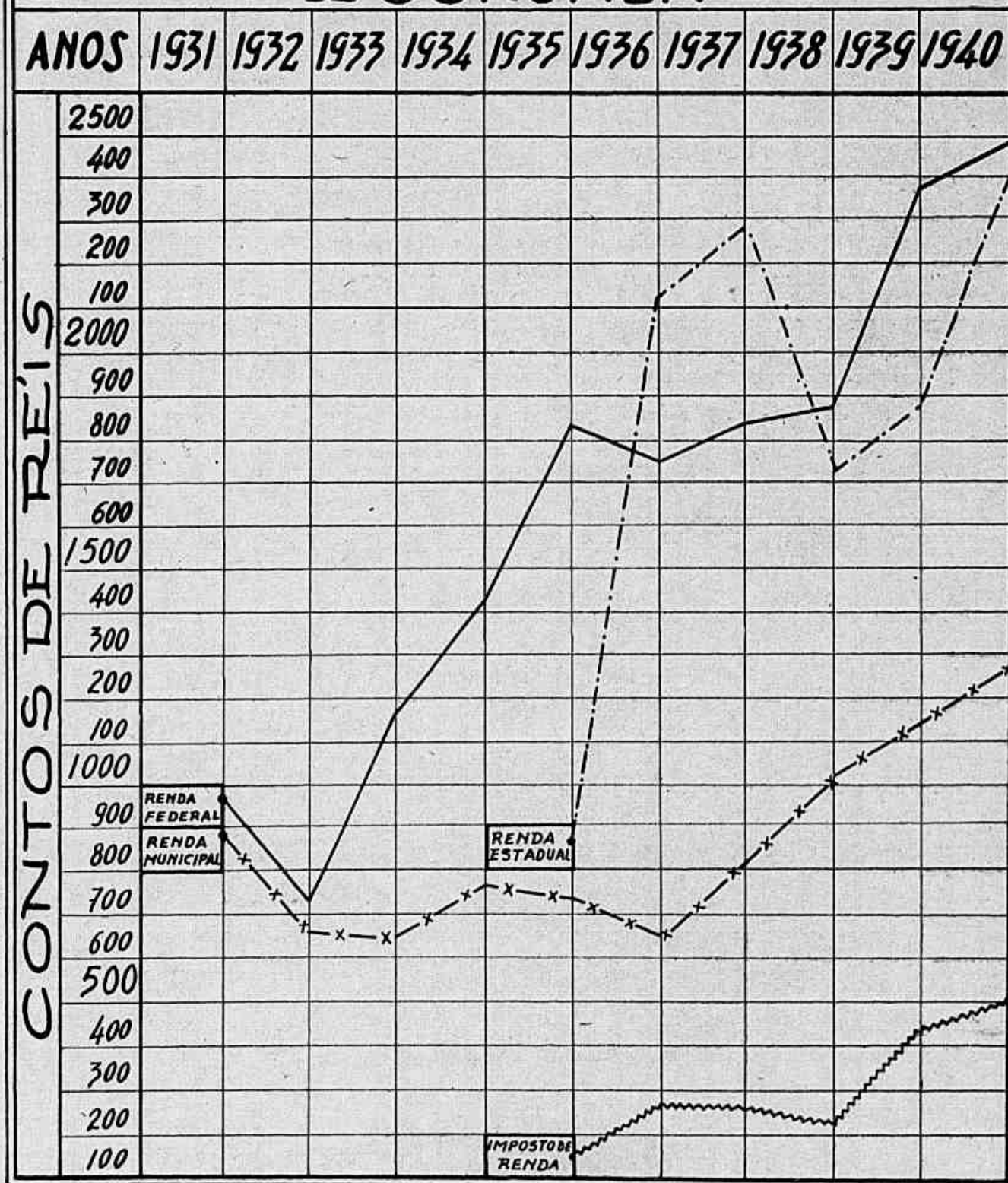


Secção de engarrafamento em uma fábrica de bebidas.

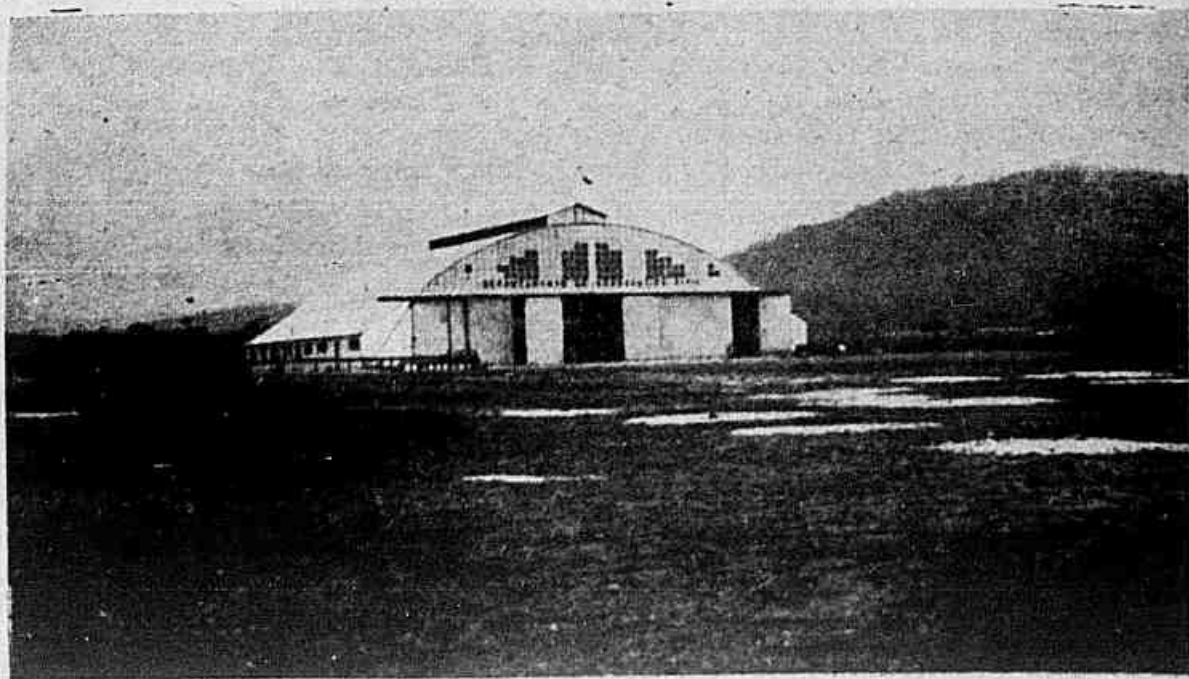
O município de Corumbá possui enormes reservas de minério de manganês, as maiores do Brasil, quicá do mundo, que estão localizadas em Urucum, a 20 quilômetros ao sul da cidade. A sua alta qualidade está comprovada por análises que acusaram o aproveitamento máximo de 48%, resultado ainda não ultrapassado no país. Teve início recentemente a exploração dessas jazidas, e de Fevereiro último para cá já foram exportadas 8.000 toneladas de manganês para a América do Norte, via Montevidéu. É das minas de Urucum o aspecto que estampamos abaixo.



RENDAS FEDERAIS, ESTADUAIS E MUNICIPAIS DE CORUMBÁ



Em baixo: — O magnífico aeroporto de Corumbá, onde se vê o hangar da Aeronáutica Civil, um dos maiores e melhores aparelhados do país. Corumbá hoje conta com três linhas de navegação aérea semanais, ligando-a à capital da República e a Cuiabá, com escalas em Campo Grande, Três Lagoas, Baurú, Araçatuba e S. Paulo.



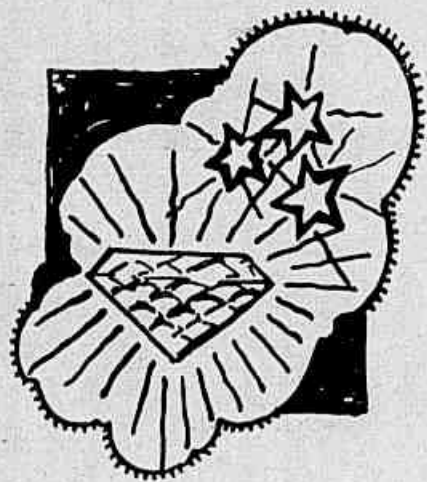
A SEMANA QUE PASSOU

(DE SEGUNDA A DOMINGO)

O DIAMANTE DO TRIÂNGULO

Os garimpeiros indígenas tiveram um dia luminosamente marcado com uma pedra branca. A expressão raras vezes poderá ter essa propriedade: encontrou-se um grande diamante branco, com 107 quilates, no município mineiro de Ituiutaba.

Quando Gorceix disse que Minas era "um coração de ouro num peito de ferro", poderia ter enchido as cavidades desse coração e o âmbito desse peito de pedras preciosas. De quando em quando, o Estado que tem o nome sugerido pela opulenta riqueza mineral põe nas mãos felizes dos pesquisadores a sua dádiva valiosa. Não raro, os garimpeiros exultam com as suas descobertas, arrancando da vasa a gema que cintila.



Minas tem propiciado diamantes notáveis, em quantidade apreciável, como o "Estrela do Sul" que, embora não sendo o maior dos que as entranhas da terra brasileira têm dado, teve o prestígio de crismar a velha cidade de Bagagem, onde foi encontrado.

Coincidindo com a descoberta da pedra preciosa no Triângulo Mineiro, foram descobertas três novas estrelas pelo observatório argentino de Córdoba. Como a felicidade é relativa!

Estrelas do céu; estrelas da terra! Umas, procuras o sábio; outras, busca-as o garimpeiro.

Para aquele, a suprema alegria é descobrir; para este, a alegria suprema é "achar". Como a felicidade é relativa! O sábio, com certeza, prefere descobrir uma única estrela nova no céu a encontrar um punhado de diamantes na terra; o garimpeiro — não pode haver dúvida alguma — sente que é melhor colher um diamante só, a descobrir toda uma constelação!

Venham, depois, querer definir a Felicidade...

"MATTHEWS DO RAIO DA MORTE"

Extinguiu-se no seu retiro das montanhas do País de Gales H. Grindell Matthews, o homem do "raio da morte".

No acervo dos seus pacientes trabalhos figuraram várias descobertas que não lograram atingir o terreno prático: a detenção dos submarinos a milhas de distância, a parada de motores de aviões e automóveis por meio de um raio, a morte dos germes das doenças por outro raio, um novo método de defesa aérea, um foguete capaz de chegar à Lua, e outras várias que não nos ocorrem.

E' de lamentar que, de tudo o que fica enumerado, não tenha chegado à realidade o meio de extinção dos germes patológicos. Matthews ficaria sendo o maior amigo do gênero humano, o maior homem do universo.

Mas si obtivesse êxito nos demais projetos?

O nosso espírito poderá perder-se em todas as conjecturas, mas não alcançará o juízo completo do que poderia resultar da eficácia de um só deles.

Ainda é aplicável nos nossos dias a velha frase: de boas intenções o inferno está calçado...

E' possível que o célebre engenheiro, com o conjunto das suas forças de destruição, tivesse em vista benefícios máximos para a humanidade. Esta porém — já o dizia Calino — é composta de homens... E o homem, em se lhe dando uma arma às vezes inofensiva, transforma-a num horrível instrumento de agressão.

Haja vista o que se deu com a invenção da dirigibilidade dos aeroplanos, fadada a ser um elemento de felicidade para as criaturas, e que acabou por ser amaldiçoada pelo seu descobridor, o nosso genial Santos Dumont, que a viu voltada contra o mundo, como elemento de destruição.

Quem sabe si não houve um secreto designio da Providência na retirada de Matthews do rol dos viventes?

Antes que ele, como um Julio Verne quintessenciado e positivo, pudesse chegar à Lua com um foguete, chamou-o Deus, num imprevisto, ao Reino dos Céus...



O MOMENTO INTERNACIONAL

A semana que passou não trouxe modificações de vulto no panorama da convulsão mundial. Prosseguiu na sua fúria destruidora o vendaval que sacode a Europa, notadamente na parte oriental, onde os embates de alemães e russos não têm solução de continuidade. Quase à entrada do terceiro mês de luta nesse imenso front, Moscou e Leningrado continuavam inconquistadas. Aos pequenos progressos apresentados pelos alemães aqui ou ali, contrapunham os russos uma série enorme de contra-ataques, registrando a retomada de várias localidades anteriormente perdidas.

O discurso do Presidente Roosevelt foi a nota de maior importância da semana. O grande estadista de-



finiu, uma vez por todas, a política dos Estados Unidos e, por isso, paira mais do que nunca sobre o Novo Mundo a perspectiva de maior alastramento do cataclisma. Já agora parece inevitável o ingresso dos americanos na luta tremenda que há dois anos assola o orbe terrestre.

Por outro lado, há sintomas de uma expressiva melhora nas relações entre os Estados Unidos e o Japão, com reflexos na China, cujo longo período de provações talvez cesse. Caminha-se para um entendimento, e este trará como possível corolário o afastamento do Japão, não só da guerra propriamente dita como, possivelmente, do Eixo.

Fala-se também numa próxima arremetida da Alemanha contra a Turquia.

E' o caso de repetir-se a introdução do célebre discurso de Cícero: "até quando...?"

MEIAS E MEIOS...

Bem dizia Molière na música de um verso alexandrino:

"Il est avec le ciel des accommodements"...

O Vaticano, respeitável muralha oposta aos desatinos das criaturas, não se dava bem com as modas femininas e timbrava em contrariá-las. Enquanto os outros templos do mundo se submetiam aos caprichos das mulheres, o templo máximo, o de São Pedro, fechava as portas aos vestidos curtos, ao **maquillage**, às pernas nuas. Não se poderá dizer que as demais igrejas, catedrais e basílicas se mostravam mais realistas do que o rei...

Sabem todos que o Papa vetara o ingresso nos domínios do Vaticano às damas que se apresentassem sem meias, embora sejam estas umas das muitas convenções sociais que se impuseram em época e de maneira ignoradas. Entretanto, observada que foi a proibição, tornou-se notada a diminuição cada vez mais acentuada de fieis no recinto dos memoráveis templos da Cidade do Sumo Pontífice. Por que seria? Reação pacífica contra o veto papal ou uma razão ponderável e desconhecida?

Havia uma grande, uma justa razão: o custo das meias.

Em verdade, o flagelo da guerra faz incidir sobre a Itália toda a triste cohorte das suas consequências, e uma das menores decorrências foi a alta alucinante do preço das meias. Tornaram-se estas uma mercadoria acessível apenas às bolsas fartas, aos ricos, e como os remediados e os pobres são a quase totalidade das grandes massas, as mulheres da Itália tiveram de adotar a falta de meias, por falta de meios...



Daí o acôrdo com o céu, que o espírito de Molière apontava na música do seu verso alexandrino.

Está, portanto, sancionada perante a Igreja a moda das pernas nuas. Resta saber si, para o futuro, quando o preço das meias tornar à medida normal, o Vaticano tornará a achar inconveniente aquilo com que agora transigiu.

O mundo ainda é, e será sempre, regido por convenções. Convençam-se!

MARCONI E A RATAZANA

Quando Marconi, de bordo de **Eletra**, em águas italianas, fez, conscientemente, acenderem-se as lâmpadas elétricas na Austrália, estava o mundo longe de imaginar que uma ratazana, inconscientemente, operaria o fenômeno inverso. Entretanto, foi o que se verificou há dias, na semana que passou.

Buenos Aires, a cidade soberba, esplendia, iluminada e vibrante. Pelas ruas banhadas de luz desfilava a procissão dos bondes. Em dado momento, porém, apagaram-se as luzes e parou o tráfego, dando à linda capital do Prata a sensação que se produz nos centros europeus visitados de improviso pelos aviões de guerra, as mais agourelas das aves que cortam os céos.



Que seria? Que coisa estranha teria, assim, sem mais nem menos, mergulhado na treva e na imobilidade a metrópole dinâmica?

Uma ratazana introduzira-se nas instalações de alta tensão, provocando o desequilíbrio de Buenos Aires.

Uma tempestade num copo d'água!

Si, no momento, tivessem sido convocados todos os sábios do mundo para que explicassem a razão de ser da paralização dos bondes e da extinção da luz, nem um só deles atinaria com a causa estranha que ditara o estranho efeito. No entanto, apurado tudo, até uma criança ingênua seria capaz de adivinhar...

A ratazana tornou possível, no século XX, a realização da fábula do parto da montanha... Foi-se ver... não era nada!

O FLAGRANTE CARIOCA

O momento carioca é um **fervor opus** de idéias e projetos. Cuida-se do tráfego, modificando itinerários de linhas de ônibus e dando facilidades aos autolotações; trata-se do custo da vida — a vida está pela hora da morte... — tabelando os gêneros de primeira necessidade; cogita-se da rapidez da navegação para Niterói; resolvendo a fabricação de ônibus marítimos; imagina-se a construção, pela Prefeitura, de dois palácios destinados a hotéis, num louvável pensamento de incrementação do turismo.

Há cérebros que trabalham incessantemente; gabinetes que são laboratórios de iniciativas; corporações que se entregam a duras lucubrações. O Rio de Janeiro precisa modificar-se, terá de modificar-se, porque há muita coisa que está fora da medida.

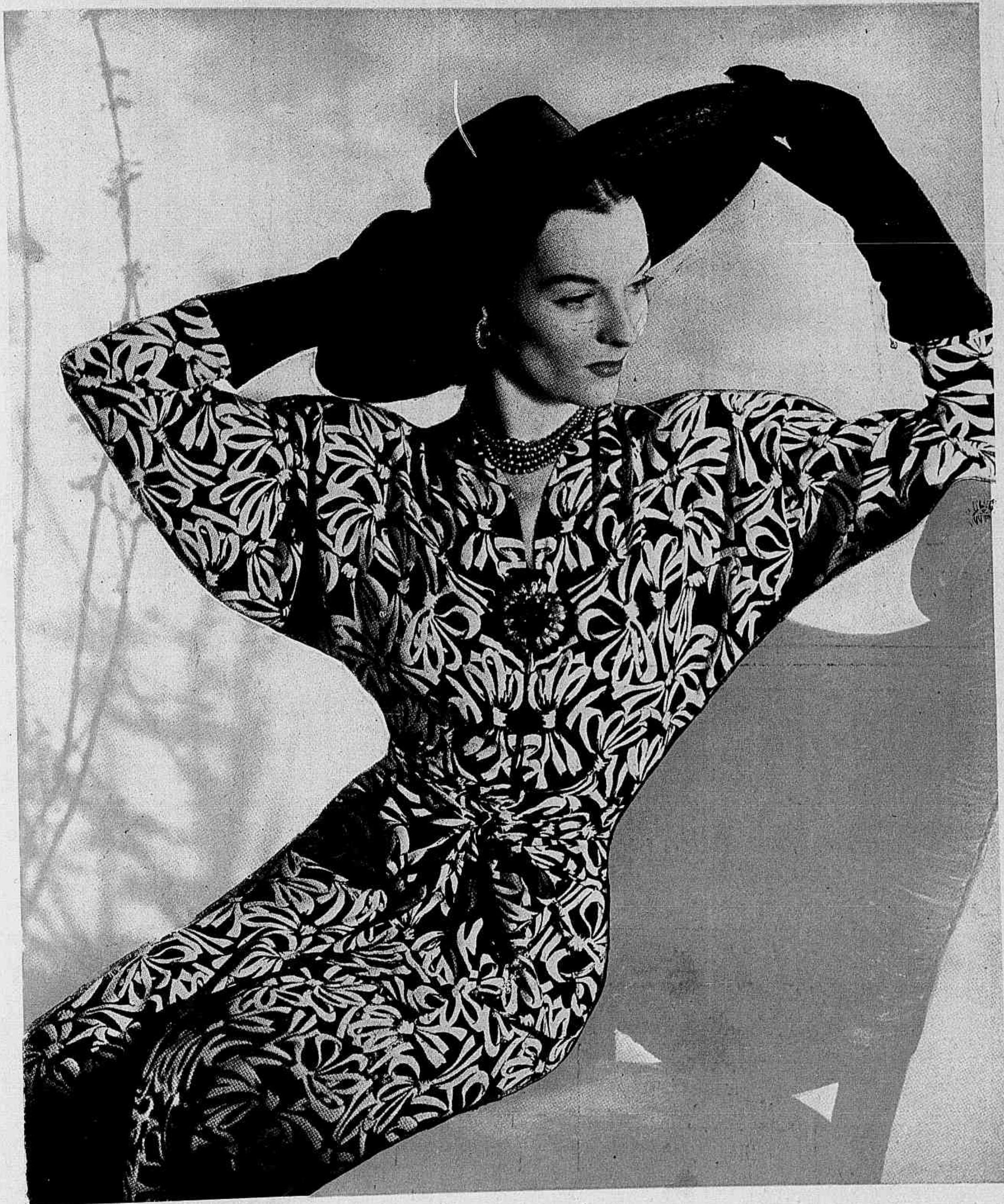
E o momento é todo êle de concentração, para a análise de problemas variadíssimos que entendem com o bem-estar dos cariocas. De modo que há, pairando sobre a cidade, o indefinível das coisas novas, o sabor da novidade. As transformações, as modificações, são sempre novidades.

Mas — santo Deus! — quanta coisa velha tornou ao cartaz na semana que passou!

Não é possível! Como não?

Quando é, por exemplo, que o Leme, Copacabana e Ipanema poderão ter a certeza de que será resolvido o seu problema mortificante da água?

JORNAL DAS FAMÍLIAS



Elegante modelo executado em seda azul-marinho, estampada com moderno desenho em branco. Completam esta toilette, própria para a primavera, luvas de feltro e um amplo chapéu em palha brilhante, ambos também em azul-marinho.

Com aquele espírito de adaptação que lhe é próprio, a moda apresenta-nos atualmente vestidos elegantes muito diversos entre eles. Uns, sobrios, se prestam somente para visitas e pequenas recepções da tarde, enquanto que outros, encantadores de fantasia e graça, podem perfeitamente ser usados à tarde como à noite. Entre todas as criações, cada faceira encontrará o modelo correspondente às suas exigências pessoais, pondo em valor sua personalidade e adaptando-se à sua silhueta. Aces-

CRÔNICA DA MODA

sórios bem escolhidos podem também transformar o vestido elegante da tarde em toilette para a noite. Alguns destes vestidos têm duas saias, uma longa e outra curta, ou melhor ainda uma segunda saia usada sobre a curta e que se transforma assim numa túnica. Muito diversas também as silhuetas: umas são longas, finas, o mais

esbeltas possível; as outras com as suas saias amplas e corpetes ajustados, gênero antigo, são adoráveis de graça. Para as apaixonadas do estilo esportivo, existem os costumes da meia-noite e as duas peças talhadas nos veludos, setins, lamés, tecidos preciosos corrigindo a severidade do feitio.

As blusas nunca tiveram mais sucesso

que agora, porque respondem às exigências práticas tanto como ao desejo de mudança. Como são variadas, lindas, sedutoras, as blusas modernas! São simples e corretas para as horas esportivas, mas são muito complicadas, muito trabalhadas para a tarde e noite, e podem substituir vantajosamente um vestido elegante. Sobretudo quando acompanham essas saias subidas, formando corselet tão em moda novamente.

Marinette.

FIGURINOS



Vestido de crepe preto com cinto de fita gros-grain azul com perolas. Toque formada por ordens de froco preto, guarnecida com um chou de tulle de Malines preto.



Vestido de linho verde, guarnecido com vizes brancos e botões verdes.

O Supremo padrão da plastica feminina, outrora representado pela Venus de Milo é hoje criação da CINTA MODERNA

OUTRORA VENUS DE MILO	HOJE CINTA MODERNA
160 ALTURA	157
36 PESCOÇO	31
28 BRAÇO	24
88 BUSTO	80
72 CINTURA	60
95 CADEIRA	87
50 COXA	45
34 JOELHO	30
22 TORNZELO	18½

Cintas Modeladores Soutiens

A CINTA MODERNA

PEÇAM CATALOGO

RIO DE JANEIRO

Fábrica e escritório — R. CONSTITUIÇÃO, 36 — Fone 42-2849.

Loja: — RUA URUGUAIANA, 47 — Fone 22-4053.

FILIAIS:

Rua São Bento, 78 - Fone 2-7880 — São Paulo. Praça da República, 31 - Fone 46674 - São Paulo. Avenida Afonso Pena, 932 — Fone 1097 — Belo Horizonte.



Calça longa e blusa de shantung branco; podem ser executadas com linho ou fustão, 3 camisa de toile de seda ou zephir de xadrez verde sobre fundo branco.

VARIADOS



Elegante modelo, para casa, executado em seda azul clara estampada em vermelho e azul.



Vestido de crepe marron escuro, com freixo de crepe cor de cobre. Casaco longo de pelucia marron.

Ao lado — Vestido de tecido de linho ou algodão azul com xadrez branco; botões azues; cinto de camurça azul e branco.

Elizabeth



Arden

O primeiro e mais essencial cuidado que devemos dedicar á tez, é a sua perfeita limpeza, pois, somente uma cutis realmente limpa pôde ser bela.

Elizabeth Arden foi feliz em idealisar com o "Ardena Creme de Limpeza", um preparado com extraordinarias propriedades para limpar a cutis. O "Ardena Creme de Limpeza" unido ao "Ardena Tônico para a Pele" clareando e refrescando o rosto, livra a pele de todas as impurezas. A combinação desses preparados, indispensaveis ao tratamento da beleza, constitue o passo inicial para obter-se uma cutis verdadeiramente linda.

SALÃO NO RIO: AVENIDA RIO BRANCO, 257
SALÃO EM S. PAULO: CASA ANGLO-BRASILEIRA



48-RUA DA CARIOCA-48

Insinuante

Compre se lhe convier,
mas não deixe de ver
as novas exposições.

sapataria mais querida
da cidade, onde a arte
opera e o bom gosto domina.

O LAR E O INTERESSE DOS PAIS



Dois interessantes flagrantes de Yolanda Eliana Oliveira Duarte, de 14 anos, filha do sr. Manoel Ribeiro Duarte e sua senhora d. Joana de Oliveira Duarte, da sociedade paulista.



família se tornam melhores quando procuram descanso e recreação. Mas, afinal de contas, não seria injustificado pedir a certos pais, que quase se aliviaram completamente dos encargos domésticos do



José Mauro, filho do sr. Paulo Marques Netto e d. Angelica de Azeredo Netto.



Maria Aparcida, filha do casal Yara — José L. Guaraciaba.

seu lar e dos cuidados para o bem estar físico de sua prole, que dessem um pouco de atenção aos estudos sobre as aptidões intelectuais das crianças, sua constituição afetiva e seu desenvolvimento cultural.

JOSÉ OLIVEIRA AZAMBUJA diz:



...isso é sinal de alimentação inadequada. Habitue-se a tomar como primeira refeição, todas as manhãs, um mingau da deliciosa Quaker Oats. Fortalece o organismo, evita o nervosismo e cansaço — dá vigor e enriquece o sangue. Tanto o chefe como as demais pessoas da família, são beneficiados pela abundância de Thiamin (Vitamina B-1), ferro, fósforo e proteínas que Quaker Oats fornece. A reserva alimentar que este alimento puro e integral proporciona, conservá-lo à bem disposto a manhã toda. De fácil digestão e de preparo simples, também é econômica. Compre Quaker Oats e receberá o peso integral — 567 gramas em cada lata.

Para maior valor — insista em QUAKER OATS

Nem toda aveia é Aveia Quaker. As palavras "Quaker Oats" são a marca registrada que identifica unicamente a original e legítima Aveia Quaker. Ao adquiri-la, veja se a lata traz estas duas palavras e a figura do Quaker. São a garantia da mais alta qualidade e do maior valor nutritivo. Insista na legítima Quaker Oats, em lata hermeticamente fechada.



QUAKER OATS

Mais peso e melhor qualidade asseguram maior rendimento por lata.

Muitos pais dizem que não é possível dirigir uma casa, prover as necessidades físicas da prole e, ainda, manter-se em dia com as pesquisas educacionais modernas que dizem respeito com medidas de inteligência, de temperamento, etc. Mas, há um crescente número de pais que se estão tornando, de algum modo, livres da responsabilidade da direção da casa e da atenção às necessidades físicas dos filhos. Hoje em dia, a maioria do trabalho necessário para manutenção do lar, inclusive o cuidado físico dos filhos — alimentação, vestuário e higiene — é feito fora do lar por instituições especializadas. Uma grande parte do trabalho levado a efeito atualmente dentro do lar é feito por máquinas, en-

quanto que antigamente tudo era realizado pelos músculos dos membros da família. Como resultado disto há menos exigência para o tempo e para as energias de muitos pais do que há vinte e cinco anos passados.

E como estão os pais passando essas horas de lazer, recentemente ganhas? Em geral, apesar de não interferirem muito nos afazeres domésticos necessários para manutenção dos seus lares, não dedicam algum tempo de lazer ao estudo dos problemas de educação dos seus filhos, segundo as suas capacidades e necessidades individuais.

Há pais que não têm bastante tempo livre para estudar os novos métodos de mensuração de inteligência, de temperamento e de desenvolvimento intelectual relativamente à capacidade natural dos seus filhos, se estivessem interessados pelo assunto, mas empregam as horas de lazer em almoços, partidas de "pocker", cinema e outras formas de distração.

E' bom dizer que as horas de distração para os pais são evidentemente necessárias, até um certo ponto, porque os pais de



NOSSA CAPA

A alegoria que ilustra a capa deste número da REVISTA DA SEMANA vem a propósito da entrada da Primavera. Todos já nos acostumamos a auspiciar a estação das flores que é também a do amor e da beleza. No Rio, a Primavera não se reveste das características acentuadas que conhecemos as regiões subtropicais. No entanto, a circunstância de o Dia da Árvore ser o seu primeiro dia, faz a todos lembrar a entrada de uma estação sob o signo da renovação e da preparação do futuro.



Maria Lucia, filha do dr. Jarbas Peixoto, figura destacada na sociedade carioca.



Vestido elegante de crepe preto, com guarnição de renda grossa, branca.



Vestido de foulard azul marinho com pintas brancas, a saia e as mangas plissadas. (São necessários para manequim 44: 4 metros e 75 centímetros de tecido de 90 centímetros de largura).



Vestido de crepe azul marinho com desenhos brancos, cinto de camurça branca.

Maquillage Perfeito

POR

Helena Rubinstein



LOÇÃO "CIDADE E CAMPO", Base para maquillage!

Fórmula líquida de extraordinários efeitos refrescantes. Particularmente indicada para a noite. Tonalidades: Peachbloom Mauresque e Rachel.

★

PÓ DE ARROZ "PÉTALAS DE FLORES" I

Fino e aveludado como as pétalas das mais raras flores. Suavemente perfumado como um "bouquet" recém-colhido. Encontrado nas mais modernas tonalidades.

★

BATONS DE CÔRES ENCANTADORAS,

de Helena Rubinstein, mantêm a umidade dos lábios, dando-lhes ao par de uma constante proteção, uma suave sensação de frescor e maciez, próprias da mocidade.

★

ROUGES QUE REJUVENESCEM

Os rouges de Helena Rubinstein emprestam às faces côres harmoniosas e bonitas, possuindo ainda a extraordinária faculdade de dispensar constantes retoques, mantendo o viço natural da cutis.

Helena Rubinstein

Salão no Edifício Brasília - Av. Rio Branco, 311 - Fone 42-1442

RIO DE JANEIRO

Nova York — Londres — Paris — Buenos Aires

Nos salões de Helena Rubinstein, a Sra. receberá consultas graciosas sobre o maquillage e tratamento de beleza de sua cutis.

O QUE INDICA O DEDO MEDIO

O médio (terceiro dedo, o do meio) é o símbolo da reflexão, da prudência, da ciência. É o dedo de Saturno, da fatalidade. Representa o destino.

Longo, passando muito o anular e o indicador, acusa sectarismo, intransigência.

Pontudo e afinado (caso muito raro) denota intuição, facilidade em penetrar nos grandes problemas científicos.

Quadrado: rigorismo, intolerância, disciplina.

Espatulado: Atividade refletida.

Espesso: Materialismo filosófico.

Quando se inclina para o indicador: Orgulho.

Quando se inclina para o anular: Disposições artísticas.

A primeira falange (a da unha) curta: Dóce resignação.

A segunda falange longa: Gosto para a agricultura.

A segunda falange curta: Incapacidade em aproveitar das experiências da vida.

Terceira falange longa: Avareza, gosto pelas mortificações.

Terceira falange curta: Economia bem compreendida.

★ *Baton* **FLAME-GLO** ★
Em 10 tons moderníssimos
Côr da moda **ROYAL WINE**

**MAIS VALE
PREVENIR..
DO QUE
REMEDIA**

**SIGA
ESTE
PROVERBIO**

**TOME E DÊ
AO
SEU FILHO
EMULSAO
DE SCOTT**




Costume de crepe, fundo branco com listas de diversos coloridos.



1 — Vestido para a tarde, de crepe florido, fundo branco com bleuets e papoulas. A saia plissada. Vieses de crepe vermelho ou azul debruam as tiras da saia, os punhos e a gola. 2 — Vestido de crepe Georgette vermelho, guarnecido com bordados pretos, executados na máquina. 3 — Toilette para a tarde composta de uma blusa de crepe bege claro com desenhos bege, marron e verdes. Pala subida na gola e mangês kimono, abotoamento nas costas. A saia formada por tiras de crepe bege escuro e tiras do tecido de fantasia.

LABIOS LINDOS — COR NATURAL E FIXA
FLEUR DE ROSE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
CASA CIRIO. — OUVIDOR 181

A boa educação é aquela que dá ao corpo e á alma toda a beleza, toda a perfeição de que são capazes.

Platão.

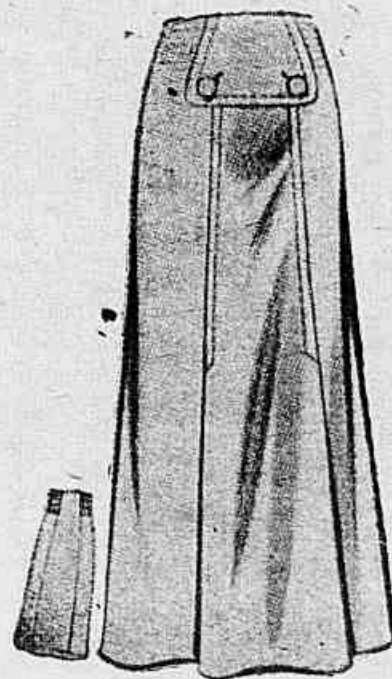


Senhoras!

CAPSULAS

MENAGOL

PARA FALTA DE MENSTRUACAO
APR. PELA GERM. SANIT. N. 56-J-1



Saia de lã ou linho, guarnecida com pespontos.

Novos caminhos para as modas femininas

Saber o que se passa no setor das modas femininas, nestes dias tumultuários de hoje, é sem dúvida uma tarefa muito interessante. Mais do que isso, efetuar uma viagem, por assim dizer, pelos elementos que nos podem dar uma idéia do que se passa, sobre esse assunto, com certeza que nos leva a conclusões mais seguras, ou para tranquilizar-nos ou para confirmar o pessimismo que tem andado por aí... Que será feito das modas? A elegância estaria em perigo? Eis as perguntas que podiam ser ouvidas comumente, acompanhadas do desconsolo que seria natural se realmente algo de desolador pudesse acontecer a essa querida e cortejada rainha... Mas, felizmente, com todas as graças, tudo não passou de susto. Sim, de um susto que já passou. Porque não ha nada que esteja perturbando a marcha cheia de vida e interesse que se desenvolve normalmente no setor das modas femininas. Pelo contrario, elas estão mais firmes do que nunca, suas possibilidades de cousas novas e surpreendentes foi muito aumentada, elas se apresentam mais ricas em idéias e sugestões como talvez poucas vezes tenham tido. Notícias chegadas de Londres mostram que não só tudo segue como antes, mas também tudo supera quicá o que antes se fazia. É o que se pôde notar em todos os setores relacionados com a moda, que trabalham ativamente na sua complexa, mas entrelaçada atividade. Folga-se, por exemplo, em saber que Molyneux, Peter Russell, Norman Hartnell, Paquin, Victor Stiebel, Worth e tantos outros mantêm abertos os seus ateliers, em Londres. Eles não interromperam suas atividades de creadores e lançadores de modas. E nos mostram claramente o espirito que vem dominando a elegância. Em matéria de estilos o que se pôde constatar, sem duvida, é que a simplicidade vem sendo o tema invariavel dos desenhos. Conservam-se as linhas naturais do corpo,

MADAME JACQUELINE

BELEZA INSTANTANEA MÁSCARA DA JUVENTUDE

Não há dúvida alguma que as Máscaras de Beleza tão preconizadas na Europa e na América do Norte são de grande eficácia no tratamento da pele.

Essas Máscaras de Beleza existem de facto desde que o Mundo é Mundo: as belas Gregas, as nobres Patrícias Romanas já as empregavam, e a famosa Ninon de Lenclos não usava senão uma Máscara de Beleza quando aplicava e guardava toda a noite alguns filets de carne crua, vitella ou vaca!...

Aqui, durante o verão, quando o calor amolece os tecidos do rosto e enfraquece os músculos abrindo os poros em demasia, ou então no inverno, quando as bruscas mudanças de temperatura castigam severamente a cutis, que se torna ressequida, se impõe por assim dizer o uso da minha Máscara de Juventude; esse produto foi estudado e confeccionado de acôrdo com o nosso clima, e por isso afina, embeleza a cutis duma forma notável. Frescura, mocidade, firmeza são os primeiros efeitos do seu emprêgo, logo constatados; e com o seu uso regular adeus para sempre rugas e... Viva a Mocidade!...

CORRESPONDENCIA

Seráfina S. Vieira — O que está escrito acima aplica-se exatamente ao que deseja a senhora: recomendo-lhe as aplicações diárias da Máscara da Juventude. Sua cutis voltará a ser fresca e linda; esse produto fortalece os músculos do rosto, tira as manchas, rugas, panos, fecha os poros, rejuvenescendo assim a pessoa de uma maneira absoluta. O pote dá para o tratamento de uns 20 dias, custa 30\$; para um maquiagem bom, use a Loção e o Creme Radia, pois à noite esse creme dá a cutis uma frescura notável.

Donne Outomno — Vai para Caxambú agora? Pois então não deixe de levar a minha Huile Romaine Antique, aplicando no rosto todo, bem como nas mãos, nos braços etc.; assim o vento e as intempéries nada prejudicarão a sua pele. Esse óleo é também o que deverá usar para fazer a sua limpeza de pele diária e aconselho-a fortemente a não usar nunca nem sabão nem sabonete para esse fim; use somente a Huile Romaine Antique, que seria até muito bom se a conservasse toda a noite; de manhã aplique a Loção de Leite de Amendoas e Hamamelis, um adstringente excelente.

Futura Noiva — Aplique sobre essas espinhas que tanto a aborrecem a Loção Azul; em breve elas desaparecerão. As manchas vermelhas também. Nunca use maquiagem vermelha, para não deixar sinais. Frasco 20\$. Para os pontos pretos use o Creme Radia e a Loção Especial contra Cravos.

Madame JACQUELINE.

VENDAS E INFORMAÇÕES
PERFUMARIAS CARNEIRO



Vestido proprio para a noite, em tulle branca, aplicações de renda azul, faixa de veludo azul marinho.

realçando-se a elegancia do conjunto por meio do corte impecavel e do emprêgo de materiais de primeira ordem. A silhueta continua a ser esguia, variando, porem, o comprimento das tunicas e a posição dos drapeados, que podem vir á direita ou á esquerda. As saias apresentam-se mais justas nos quadris e as blusas mais simples, com mangas fazendo parte integrante do busto. E em blusas os modelos mais preferidos pelos grandes costureiros londrinos são aqueles em que as mangas descem até a altura do cotovelo ou cobrem três quartas partes do braço. É claro que enveredase também pelas linhas intrincadas e audaciosas. Mas, esta orientação está tendo êxito em face principalmente da boa qualidade do material com que podem contar os creadores. Aliás, vimos todas estas tendências atuais numa demonstração bem interessante do que se faz em Londres, quando da apresentação, no Rio e em S. Paulo, da Coleção de Modas Londrinas,

que tanto interesse despertou. E é preciso não esquecer que grande parte do sucesso, a que estamos assistindo nas novas diretrizes da elegancia se deve áqueles tecidos, áqueles fazendas que vêm surpreender-nos, como testemunho de que as creações dos tecelões da Grã-Bretanha continuam a permitir tantos lindos modelos com suas maravilhosas cores e desenhos. Se muito poderíamos falar ainda sobre as modas em si, por outro lado não menos auspiciosas são as noticias sobre esses mesmos tecidos. E deles se pôde dizer que, longe de se resentirem com certos obstáculos, parece que se tornam cada vez mais notaveis. Não é exagero afirmar-se que deve existir um verdadeiro trabalho de emulação entre as várias tecelagens e fiações, daí chegando-se a inesperados aperfeiçoamentos em padronagens, cores, estampados, etc., na Inglaterra. Em todos os tecidos e em suas diferentes espécies e categorias, vemos hoje o mesmo estágio

de perfeição que somente conhecíamos antes, por exemplo, nas lãs, nos tweeds e nos tecidos para homens. A moda pôde contar com tudo isso e mais rendas, algodões, rayons, veludos, não só perfeitamente em dia, mas também oferecendo infinitas possibilidades de novos campos para bonitas idéias. Os algodões, por exemplo, assumiram tal importancia, que os maiores costureiros do mundo insistem em aplicá-los nos seus melhores modelos aqueles que são destinados para a noite. O jérsei de seda, por sua vez, que antes só era utilizado para trajas esportivos, agora oferece um campo ainda não conhecido de incontaveis propósitos e aplicações. E assim por diante.

Está, portanto, mais interessante do que se pensa a atividade relacionada com as modas. Os costureiros e os tecelões estão mais do que dispostos a nos demonstrar tal coisa — eles estão abrindo-nos caminhos inesperados!

M. C.

BLUSAS MODERNAS



1 — Blusa de brocart, com mangas raglan e franzidos na frente (para manequim 44: 2 metros de tecido de 90 centímetros de largura). 2 — Blusa elegante de veludo chiffon roxo, bordado com seda roxo claro. A saia plissada de crepe georgette roxo claro. (Para manequim 44, blusa: 1 metro e 75 centímetros de veludo de 90 centímetros de largura). 3 — Blusa de lamé de prata, na cintura fita de veludo lilás. (Para manequim 42: 2 metros de tecido de 90 centímetros de largura).



*Faca seus
olhos falar*



NOVO!...
Aparelho americano que revira as pestanas, tornando-as belas e duas vezes mais longas.

KURLASH — o aparelho mais perfeito para frisar as pestanas. O seu uso não requer perícia — faz "milagre em um minuto" — sem necessidade de aquecimento ou cosméticos.

KURLENE — creme à base de óleo — que, usado antes da aplicação do KURLASH, torna as pestanas mais escuras e brilhantes, dando ao olhar beleza e fascinação.

KURLASH

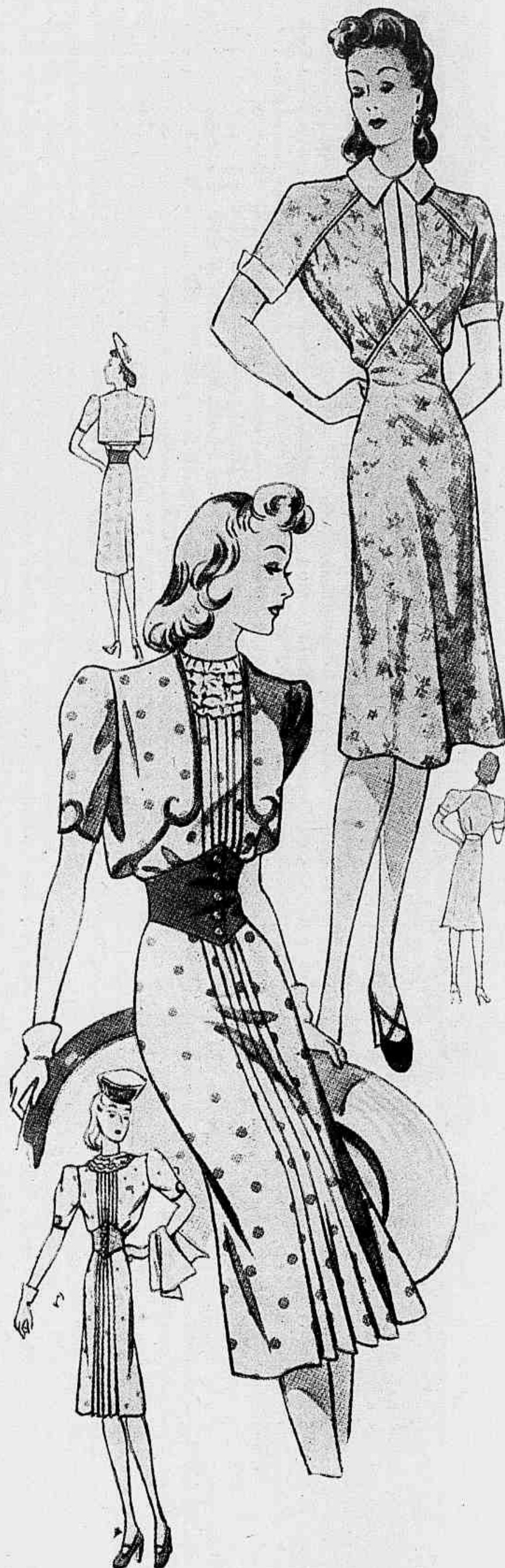
Distribuidores: S. V. Mangual & Cia. Ltda.
R. Paulino Fernandes, 55 — Rio.
Preço pelo Correio, 22\$000

PENSAMENTOS

AS ESTRELAS CADENTES

Nas noites de verão, olho para o céu com o meu desejo. Pode rápida uma estrela deslizar: porque, se durante o tempo que uma estrela percorre o espaço, se formou um desejo, êle se realiza.

1 — Vestido de crepe branco, guarnecido com galão de tons vivos. 2 — Vestido de crepe azul marinho, enfeitado com pequenos laços bordados.



1 — Vestido e bolero de crepe rosa com bolas pretas, corselet de crepe preto, deste mesmo crepe os vizes que debruam o bolero. 2 — Vestido de crepe de fantasia com saia-corselet, mangas raglan e guarnecido com crepe branco.

Amigo, meus votos são sempre os mesmos, quando um astro cai; então, cheia de emoção faço votos para que me ames, e que no teu exílio penses em mim. Nesta quimera quero acreditar, não tendo senão isso para me consolar, mas o inverno vem breve, a noite torna-se negra e não vejo mais estrelas deslizando.

(Vitor Hugo)

Evite opinar sobre assunto que ignora ou não conhece bem. Jamais confie na intuição, no conhecimento apressado, na lógica simplista. Assim como falha, muitas vezes, a intuição, pode falhar a exata percepção para as coisas simples ou que tal imaginamos.

Renato Kehl

M. CAVALCANTI DE CARVALHO
ADVOGADO

Edifício Candelaria - Rua São José, 83-85 - 2.º andar
Sala 208 - Fone 42-4859 - RIO

Vestuarios para aquelas que esperam bebês



Vestido e casaco de crepe branco com desenhos de diversos tons.
A saia com muito franzido na frente.



Costume de crepe verde
oliva com pintas brancas,
gola de fustão branco.



Vestido de crepe-setim preto, executado do lado baço, só a frente e gola do lado brilhante.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva é sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.



Vestido de lã leve de xadrez. Revers e mangas debruados com vize branco.



Blusa de toile de seda branca com xadrez azul marinho, guarnecida com o mesmo tecido branco.

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
CASA CIRIO — OUVIDOR 181



Blusa de tecido listado, as listras empregadas em diversos sentidos. Enfeitada com vizes do tom das listras.

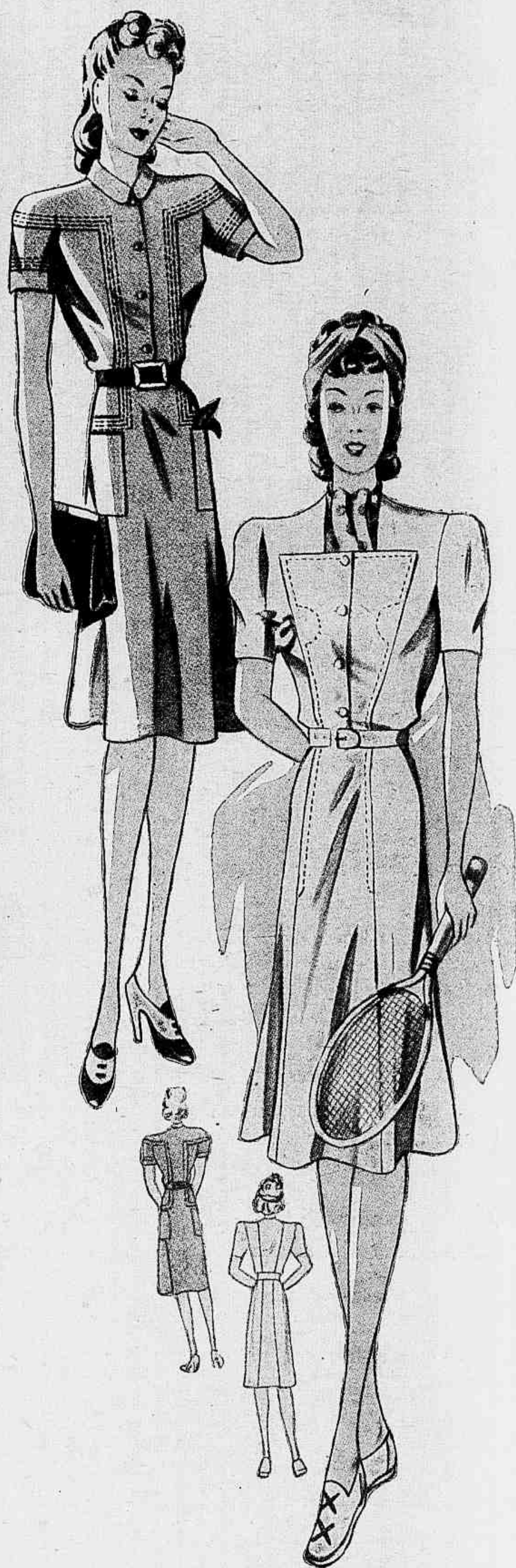
Vestidos diversos



1 — Costume de lã ou crepe bege, a blusa de crepe verde. 2 — Vestido de crepe cinzento, guarnecido com tecido de fantasia, fundo cinza claro com xadrez azul marinho e cinza.



Vestido para a noite, de crepe de tom suave, guarnecido com franzidos. Acompanhado por um bolero do mesmo tecido.



1 — Vestido de linho verde, guarnecido com pespontos (para manequim 44: 3 metros de tecido de 80 centímetros de largura). 2 — Vestido para sport, de toile de seda branca ou de tom suave (para manequim 46: 3 metros 75 centímetros de tecido de 80 centímetros de largura).

PENSAMENTO

Quem pretende executar uma obra deve planejá-la, traçar um esboço, fixar o alvo dos propósitos. Qualquer roceiro, ao abrir uma picada, estabelece previamente o ponto que pretende atingir. Sem saber onde ir, sem fixar um destino, não se inicia a abertura de um caminho nem mesmo de simples vereda.

Renato Kehl

DERMOFLORA

Sabonete antisséptico, preparado exclusivamente com plantas medicinais. Indicado nas irritações da pele, comichões, frieiras, eczemas, etc.

Produto da FLORA MEDICINAL — Formula do Dr. MONTEIRO DA SILVA — Licenciado pelo Departamento Nacional da Saúde Pública.

J. MONTEIRO DA SILVA & Cia.
RUA DE S. PEDRO, 38 — Rio de Janeiro

Karynbaum

A sedução dos olhos

está na beleza dos Cílios..

Cilion

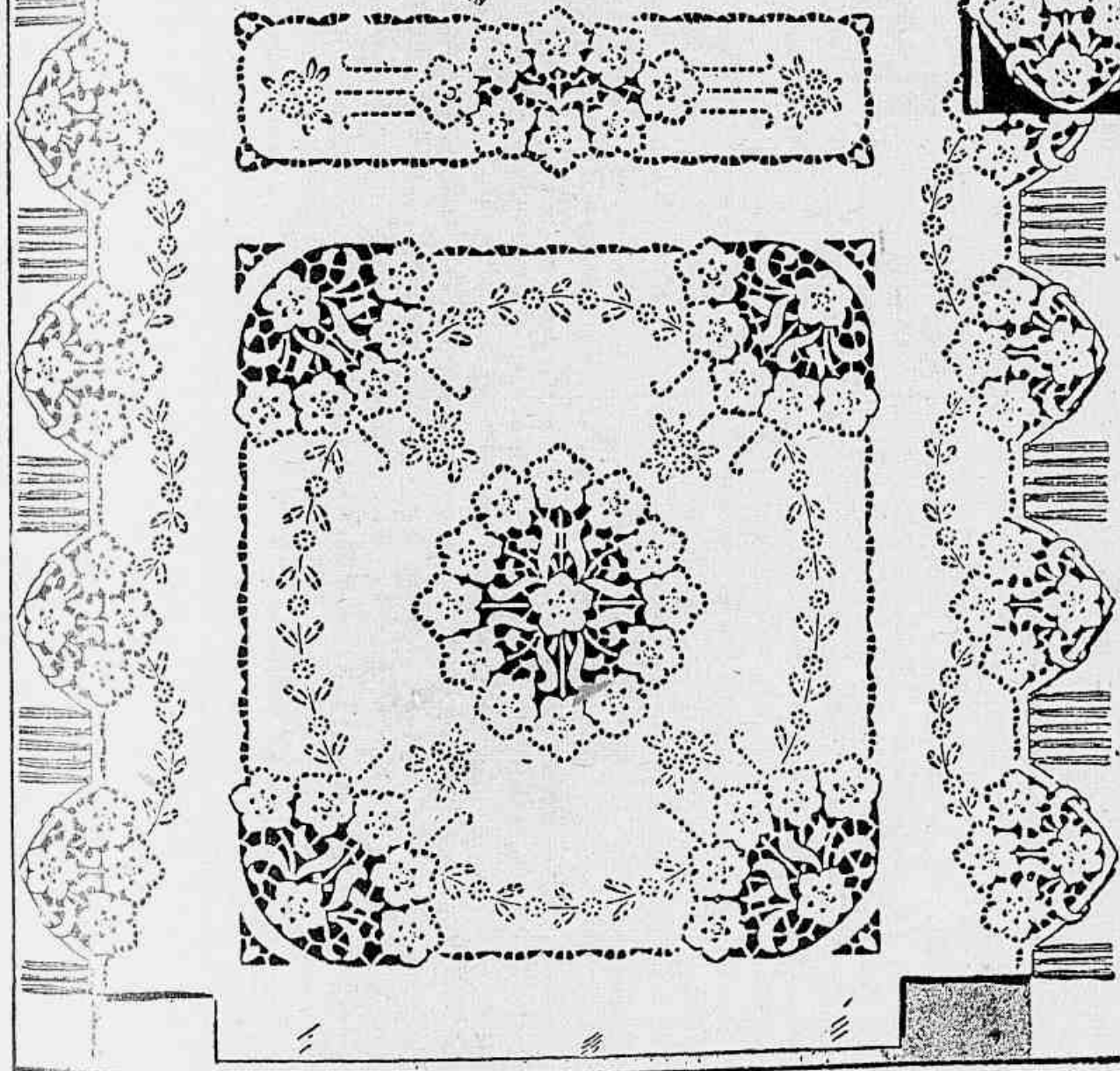
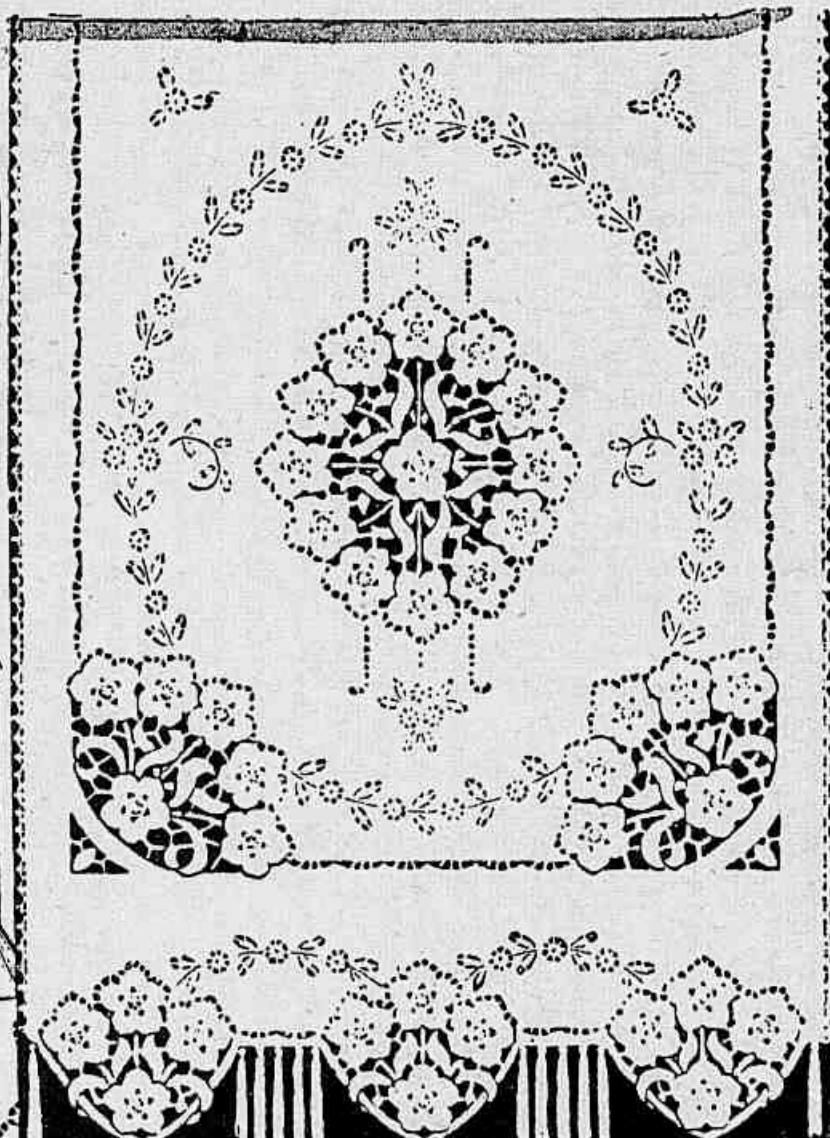
um produto Moura Brasil!

novos tipos 50% mais barato

CILION combate caspas e terçóis.

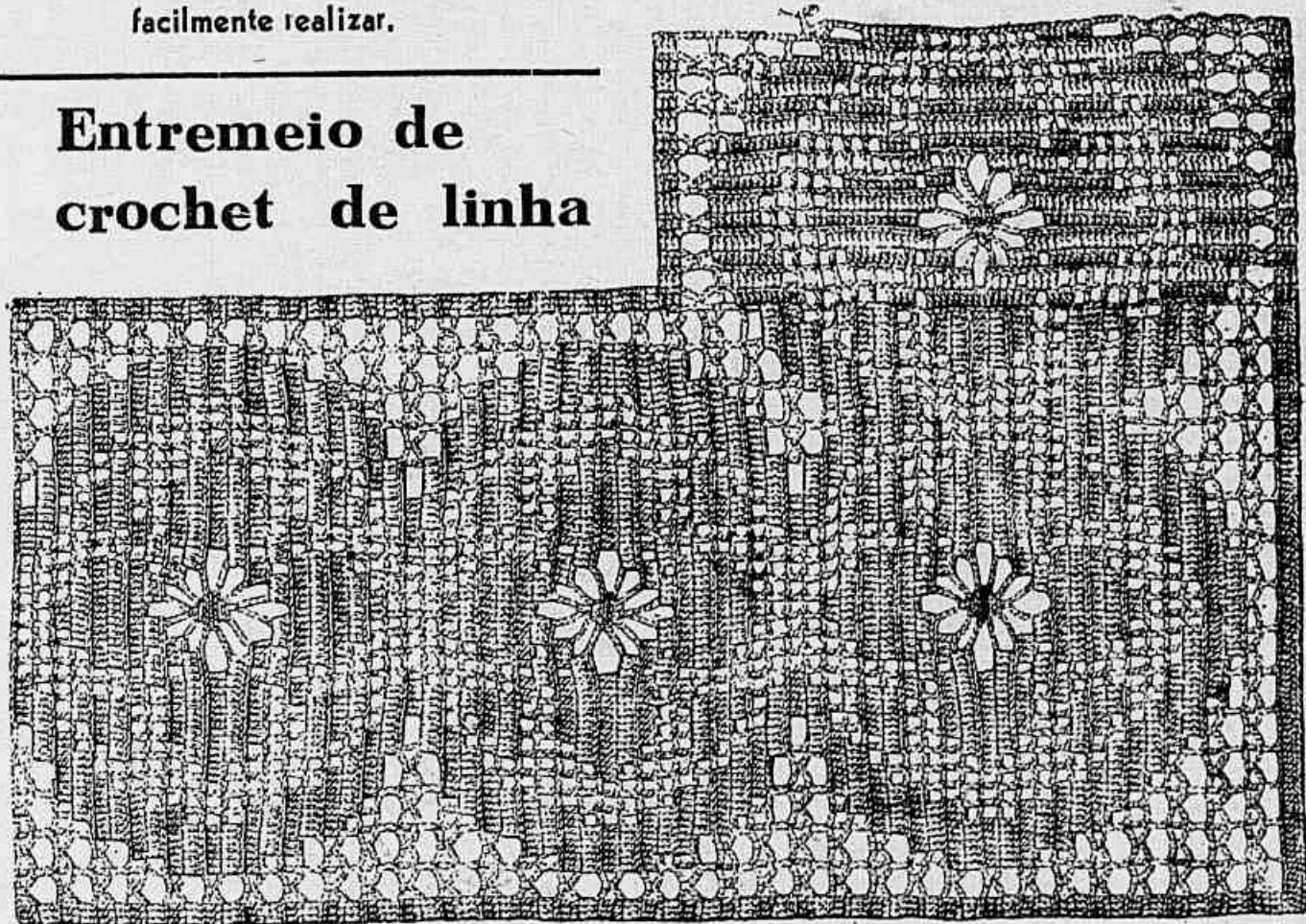
Ornamentação do Lar

*Guarnição bordada
para quarto de dormir*



Procura-se atualmente conjuntos harmoniosos na guarnição dos aposentos. Combinada neste espirito é esta guarnição para quarto de dormir. Coberta da cama, painel para a parede na cabeceira da cama, fronha, almofada e store em linho branco ou creme, o bordado executado com linha branca ou creme, as flores das guirlandas executadas em renda de Veneza, assim como os centros das flores grandes, compõem um conjunto rico e elegante, que as nossas leitoras, identificando os desenhos correspondentes, poderão facilmente realizar.

Entremeio de crochet de linha



Este entremeio presta-se para a guarnição de cortina, store ou toalha de mesa executado com linha grossa, e para lençóis feito com linha mais fina.

Novo... CREME
Desodorante que Detém
A Transpiração
das Axilas sem perigo



1. Não danifica os tecidos, não irrita a pele.
2. Não é preciso esperar que seque.
3. Detém instantaneamente a transpiração de 1 a 3 dias. Remove o odor da transpiração.
4. Um creme evanescente, branco, puro, sem gordura.
5. ARRID traz os Selos de Aprovação dos Institutos Internacionais de Tinturaria, como inofensivo aos tecidos.

As mulheres usam mais Arrid do que qualquer outro desodorante. Experimente um pote hoje mesmo!

ARRID

Tamanho econômico

9\$500

Tamanho pequeno 4\$800

cia da helioterapia e a talassoterapia.

Os banhos de mar são tão eficazes que muitas vezes suprem todo o arsenal medicamentoso.

Mas, como existem casos em que é contra-indicada a estadia á beira-mar (creanças atacadas de oftalmias, bronquites, ou cardíacas), por esta razão nunca devem começar um tratamento seja ele qual fôr sem antes consultar o medico.

Os banhos mornos salgados tomados em casa são de grande vantagem para o escrofuloso, mas é preciso que a creança não sofra dos rins, porque a absorção do sal se faz mais facilmente com a abertura dos poros pela água quente. Lembrar tam-

PRECEITOS DE HIGIENE

A creança escrofulosa

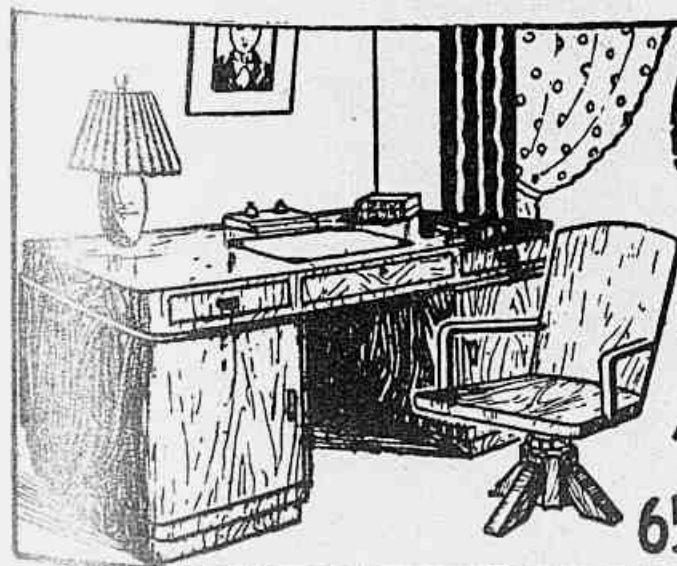
Escrofula e tuberculose são irmãs, disse um cientista.

A escrofula é portanto uma doença que precisa ser bem cuidada, e ativamente. O escrofuloso é um portador de adenites frias. A expressão popular é mais clara, diz que a creança tem glandulas enfiadas.

O tratamento, para dar um resultado, deve ser completo.

Primeiro uma alimentação sã e variada, rica em azoto (carnes, gorduras) e em fosfatos (peixe, miolo, cereaes).

A creança escrofulosa deverá ser afastada dos centros das cidades, viver ao ar livre. A arejação deve ser completa e permanente. Devem ser recomendados os exercicios e os jogos ao ar livre. Deve-se tambem insistir sobre a [importan-



MOVEIS PARA ESCRITÓRIOS
UMA GRANDE VARIEDADE
CORTINAS - TAPETES - DECORAÇÕES

ASA **UNES**
A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
MATRIZ E ESCRITÓRIOS E TABEM NO ANEXO A
65-RUA DA CARIOCA-67-RUA 7 DE SETEMBRO-82 JUNTO A AVENIDA

bem que os banhos de mar são contraindicados para as creanças nervosas e excitadas.

São prescritas tambem com vantagem as fricções estimulantes, as duchas quentes ou frias e, a titulo profilattico, devem ser recomendados os mesmos cuidados higienicos a todos os filhos de pais escrofulosos ou tuberculosos, qualquer que seja sua apparencia fisica.

Todas as vezes que vemos uma creança de rosto pallido e intumescido, cujo couro cabeludo apresenta crostas, impetigo, cujos olhos são injectados em certos pontos, cujas palpebras são vermelhas com cilios aros, á primeira vista, sem ir procurar as glandulas do pescoco, pode se garantir que é um escrofuloso.

Modelos para Crianças

Roupinha e touca de tricot de lã, para creancinha



As restantes malhas de cada lado das abas são tricotadas no ponto de musgo (fig. 3). As pequenas abas devem ter 5 centímetros, havendo sempre 28 malhas no ponto de jersey no meio da carreira.

Para as mangas, juntar em cada extremidade da agulha 30 malhas; a 5 centímetros deste ponto formar a gola, fechando bem no meio 28 malhas, trabalhar cada lado separadamente, tricotar a direito durante 10 centímetros, depois fazer o outro lado, depois reunir as malhas numa só agulha pondo no meio as 28 malhas, continuar assim durante 5 centímetros,

São necessárias 80 grs. de lã zefir, 1 par de agulhas de tricot de 5mm. de circunferência.

Execução — Começar pela parte de baixo da frente, pondo 96 malhas na agulha de tricot, fazer 4 centímetros no ponto de gaita: 1 malha pelo direito, 1 malha pelo avesso (fig. 1). Depois trabalhar no ponto de jersey (fig. 2) durante 12 centímetros. Tricotar 28 malhas, depois 28 malhas no ponto de jersey, e as malhas que restam na agulha no ponto de gaita (fig. 1); continuar assim durante 4 centímetros para fazer as pequenas abas dos lados, tricotar as 10 malhas no meio da tira (examinar o molde) no ponto de gaita,

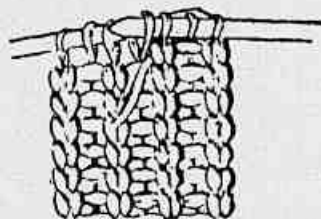


Fig. 1
Ponto de gaita.

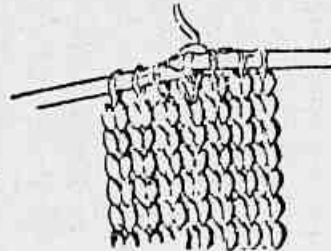


Fig. 2
Ponto de jersey.

depois fechar de cada lado as 30 malhas das mangas e continuar a trabalhar as costas como a frente. Terminar as costas com um pequeno triângulo executado no ponto de musgo. Este triângulo pôde ser feito separado e pregado depois na parte de baixo das costas; formar nele tres casas de cada lado para abotoar-se nos dois

lados da frente. Depois de feitas as costuras, com a agulha de crochet fazer uma carreira de pontos simples em volta da gola.

Touca — São necessárias 30 grs. de

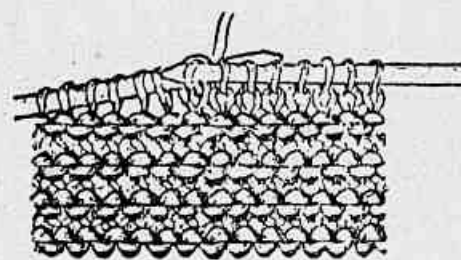
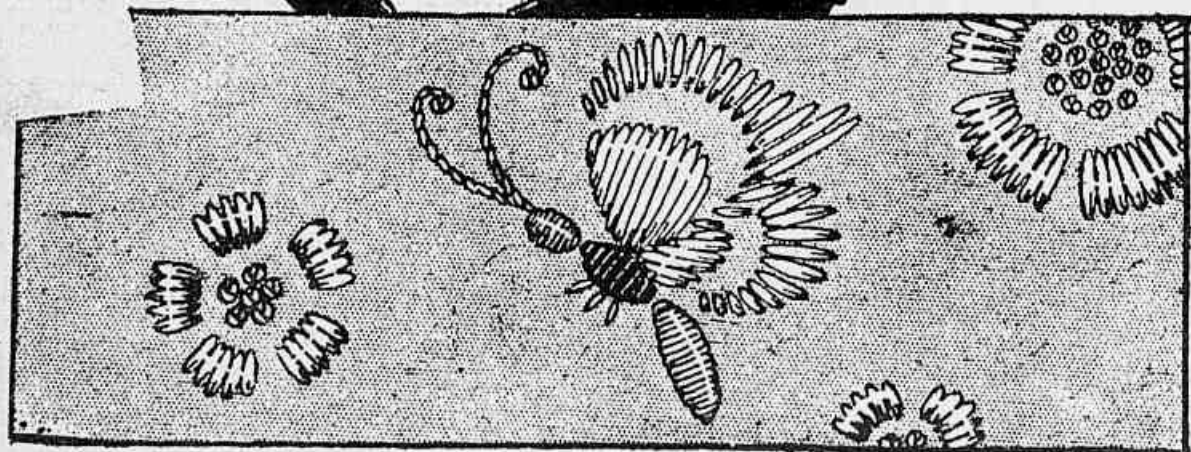


Fig. 3 — Ponto de musgo.

lã zefir, 1 par de agulhas de 5 mm. de circunferência. Começar pela frente pondo

na agulha de tricot 62 malhas, fazer 8 centímetros no ponto de musgo (fig. 3), em seguida fechar 20 malhas de cada lado, depois continuar no mesmo ponto de musgo na tira do centro até medir 17 centímetros. Coser esta tira de cada lado da parte da frente. Fazer depois uma tira no ponto de jersey pondo na agulha de tricot 62 malhas, até obter 4 centímetros, depois fechar 25 malhas de cada lado e continuar a tricotar as malhas do centro até obter 5 centímetros. Coser esta tira na frente da touca e prender a parte do centro com um botão, como as abas da roupa. Pregar depois uma fita para prender a touca.

Toalha, avental e envelope para guardar estes objetos em linho bordado



Borboletas e flores bordadas com linhas de tons vivos guarnecem toalha e avental de linho branco. Um vizez de tom vivo para debruar em toda a volta estes objetos.



1 — Vestido e bolero de crepe marocain verde jade; a gola de crepe branco. 2 — Vestido de crepe georgette azul miosótis, guarnecido com renda valencienne. 3 — Vestido de crepe da China vermelho coral, enfeitada a frente com flores de veludo do mesmo tom. 4 — Vestido de veludo ou crepe marocain vermelho escuro. A saia com corselet. 5 — Vestidinho de crepe da China rosa, guarnecido com renda valencienne.

PARA SENHORAS



Vestido de lã leve cinzenta, o casaco do mesmo tecido cinzento com xadrez branco, cravos brancos.



1 — The Cruise — Sapato de camurça branca e verniz preto. 2 — The Gwen — Sapato de pelica envernizada, com guarnição perfurada. 3 — The Queen — Sapato de pelica envernizada e tecido.

Vista-se PELO PREÇO DO TECIDO!

A despesa comum, com o feitiço, pode ser empregada na compra de um tecido melhor, e no preparo de um vestido mais fino, quando se possui uma Singer. Obediente, veloz, de fácil manejo, a Singer permite a cada uma fazer os seus próprios vestidos, segundo os melhores figurinos, com grande economia. Para maiores esclarecimentos, procure o Centro de Costura Singer mais próximo.

COSTURE A ELETRICIDADE
Modelo 221-1, portátil, com motor elétrico e pedal de controle. Acomoda-se facilmente a qualquer local. Fácil de transportar. Elegante estojo.

Singer

Todas as agulhas e peças Singer legítimas, trazem a marca registrada SIMANCO. Cuidado com as imitações.

K- 7 3

UM LIVRO GRATIS
Envie-nos, preenchido, este coupon e receberá um magnífico livro sobre a arte de coser.
SINGER SEWING MACHINE CO.
Caixa Postal, 2967 — São Paulo

Nome
Rua
Bairro
Cidade Est.



Vestido 1 de shantung amarelo claro, cinto marrom. Chapéu de palha amarela com fita gros-grain marrom.



Sobre um vestido decotado, de faille vermelha, um casaco de lamé dourado, com listas vermelhas. Na cabeça bouquets de gerânios vermelhos.

N O S S A A L I M E N T A Ç Ã O

MENU DE ALMOÇO

PEIXE COZIDO À ESPANHOLA

PASTELÃO DE COELHO — ARROZ

BIFES DE RIM DE VITELA, COM CHOUROUTE

BOLO NORTE-AMERICANO — DOCE DE MAMÃO, EM CALDA
BISCOITOS BANANINHAS

—oOo—

PEIXE COZIDO À ESPANHOLA

Pôr numa panela um decilitro de azeite, assim que ferver juntar uns dentes de alho, uma pitada de pimenta vermelha, meia folha de louro. Quando o alho alourar, molhar fora do fogo com dois decilitros de vinagre, deixar quase reduzir o líquido em fogo brando, juntar depois meio litro de vinho branco. Limpar bem um peixe de tamanho regular e colocá-lo numa panela ou frigideira funda, cobrir com o molho preparado (morno) e coado, juntar uns galhos de salsa, uns grãos de pimenta do reino, cobrir com um papel untado com manteiga, deixar ferver o líquido e depois cozinhar o peixe em fogo muito brando, deixar esfriar e colocar numa travessa, coar o molho, juntar umas folhas de gelatina branca desfeitas num pouco de água quente, despejar este molho sobre o peixe. Enfeitar em volta com folhas de alface e batatas. Servir com um molho verde, frio.

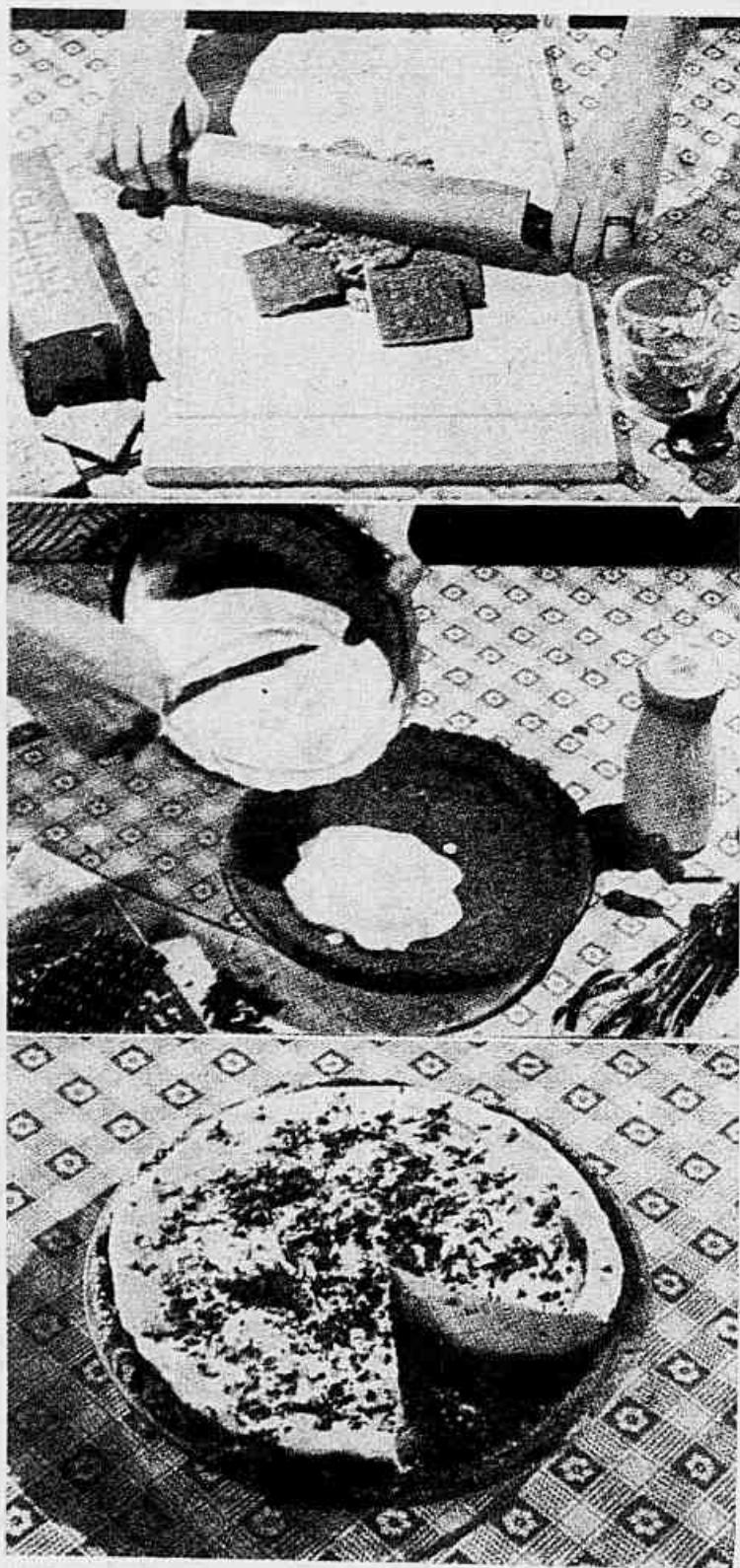
Passar na peneira 4 gemas de ovos duros, juntar meia colherinha de mostarda inglesa, temperar com sal e pimenta e ir juntando pouco a pouco um copo de azeite.

Preparar o verde para tingir o molho da seguinte maneira: pôr para cozinhar um molho de folhas de espinafres, de agrião e de salsa em pouca água, deixar ferver apenas uns minutos e espremer por um pano, para conseguir um pouquinho de líquido verde, 1 colher pouco mais ou menos, que se junta ao molho já preparado; temperar na hora de servir com um pouco de vinagre.

PASTELÃO DE COELHO

Separar dos ossos a carne do coelho e passar na máquina juntamente com 200 grs. de presunto, picar muito bem toucinho (metade do peso da carne do coelho). Depois de tudo muito bem misturado, juntar salsa picada e cebola ralada.

Fazer um bom caldo com os ossos e aparas do coelho, aos quais se junta temperos: cheiros, tomates, cebola e vinho branco,



Bolo norte-americano.

deixar reduzir, depois coar e juntar algumas colheres de vinho Madeira e engrossar com manteiga amassada com maisena. Arrumar num prato que vá ao forno uma camada de fatias finas de toucinho, pôr em cima uma camada de massa preparada com a carne do coelho, sobre esta uma camada de chouroute cozida com 200 grs. de bacon, mas já fria, pôr por cima pedacinhos de bacon, outra camada da carne do coelho, outra de chouroute e uma última da carne. Cobrir com uma capa de massa de pastelão, dourar por cima com gema de ovo misturada com uma colherinha de manteiga, abrir um furo no meio, pôr para assar no forno uma hora e 1 quarto pouco mais ou menos, saindo do forno, pôr com a ajuda de um funil o molho para dentro do pastelão. Servir bem quente.

BIFES DE RIM DE VITELA

Picar bem 5 cebolas, pôr numa panela com manteiga, em fogo moderado, deixar refogar mexendo para alourar a cebola, juntar então uma pitada de açúcar, salpicar com uma colher de farinha de trigo, juntar dois decilitros de caldo de carne, temperar com um pouco de reino em grão e sal, deixar cozinhar as cebolas em fogo moderado até ficar completamente reduzido o molho.

Cortar em fatias dois rins de vitela, pôr estas fatias numa frigideira com manteiga derretida, temperar e fritar em fogo forte, retirar logo da frigideira, fazer o molho com um pouco de caldo de carne, juntar de novo as fatias dos rins e um pouco de salsa picada.

Fritar fatias finas de pão com manteiga. Arrumar em volta da travessa, no meio a purée de cebolas, sobre ela os bifes com o seu molho.

BOLO NORTE-AMERICANO

Esmagar com o rôlo biscoitos de graham para encher uma xícara de chá de sua farinha, misturar com $\frac{1}{4}$ de xícara de açúcar $\frac{1}{2}$ xícara de manteiga e duas colheres de clara de ovo batida levemente. Pode-se, querendo, juntar meia colherinha de canela em pó. Untar uma fôrma larga e baixa com manteiga, por uma camada cobrindo o fundo e lados com a massa preparada e assar no forno.

Fazer um creme com uma xícara e meia de leite, três gemas de ovos batidas com açúcar ($\frac{3}{4}$ de xícara), mexer este creme, a vasilha dentro de uma frigideira com água (banho-Maria), até ficar com boa espessura, tirar do fogo e juntar uma colher das de sopa de gelatina desfeita em $\frac{1}{2}$ de xícara de água. Juntar em seguida a esta mistura de gelatina fria 3 claras de ovos muito bem batidas com um pouco de açúcar, perfumar com uma colherinha de extrato de baunilha ou de rum. Despejar dentro da massa assada e por na geladeira. Pode-se peneirar por cima um pouco de chocolate ralado.

Dna. Esther vai fazer compras...



Para Dna. Esther e para toda dona de casa, é uma dificuldade escolher uma sobremesa que agrade a todos de casa e que sirva ainda para a merenda das crianças...



O vendedor, solícito, procurava ajudá-la na escolha. Nada!... Dna. Esther percorreu a loja com um olhar... e encontrou a solução: Marmelada Branca Marca Peixe.

ACEITE este conselho "madame". tenha sempre em casa Marmelada Branca Marca Peixe em latas retangulares ou em pacotes e nunca terá dificuldades para apresentar às suas visitas ou aos de sua família uma esplêndida sobremesa. As crianças adoram este doce esplêndido — esplêndido porque é preparado com esmero, sob processos exclusivos, só com marmelos maduros, viçosos e selecionados de suas plantações em Itajubá. Peça hoje esta delícia, em seu armazém. Sirva-a à vontade aos adultos e crianças, e até mesmo aos convalescentes porque Marmelada Marca Peixe, além de saborosa, é um produto que tem a sua alta qualidade assegurada pela Marca Peixe, o nome tradicional em doces e produtos alimentares do Brasil.



EM LATA OU PACOTE?

MARMELADA

Branca

MARCA

PEIXE

DOCE DE MAMÃO, EM CALDA

Faz-se um mamão, ainda verde, tira-se a casca e corta-se em fatias finas, depois de tirar as fibras e sementes.
Para cozinhar e depois escorrer a água (não deve cozinhar de mais). Fazer uma calda com açúcar e água no ponto de fio, pôr dentro as fatias de mamão e deixar a calda no ponto alto.

BISCOITOS BANANINHAS

Faz-se um prato bem cheio de polvilho doce, escalda-se com uma garrafa de leite, no qual derreteu-se uma chícara de gordura, depois de bem misturado com o polvilho, para obter uma colher de manteiga, e vae-se amassando com ovos, os ovos devem ser postos um a um, até a massa ficar na consistência de poderem ser enrolados os biscoitos no formato de bananinhas. Temperar a massa com um pouco de açúcar, podendo-se também temperar com um pouco de herba doce.
Para assar sobre folhas de bananeira ou em taboleiro untado com manteiga.

PARA OS SAPATOS



Sapatos tipo sandália com salto americano e feitos em charão brilhante, combinam com esta toilette bem primaveril, em crepe estampado.

CONSELHOS PRATICOS

Para encerrar um movel tinto — Pôr para ferver em fogo brando numa vasilha com a abelha; depois, bem longe do fogo, juntar essencia de terebintina, partes iguais de essencia e de cera. Desejando obter a mistura mais liquida, aumentar a quantidade de essencia até ao dobro da quantidade de cera.

Para encerrar o movel tinto, depois de bem limpo, espalhar com **tampon** de lã uma primeira camada da mistura fluida (1 de essencia para 2 de essencia), esfregar energicamente para fazer a mistura penetrar nos poros da madeira, deixar secar duas horas, espalhar fortemente e fazer uma segunda camada com a mistura mais espessa (1 de essencia para 2 de essencia); deixar secar uma hora e dar brilho esfregando com um pano de flanela.

Para tingir a madeira branca no tom amarelo — Num litro de alcool faz-se dissolver 10 grs. de fuchsine acajú; espalha-se esta mistura com um pincel ou com uma escova e deixa-se secar completamente, depois de 24 horas. Passa-se em seguida uma camada composta de 25 grs. de bicromato

de potassa dissolvido em meio litro de agua e meio litro de alcool.



Limpeza dos objetos de bronze, prateado ou dourado. — Quando os objetos de bronze prateado estão muito sujos, são lavados com a seguinte mistura: num litro de agua, pôr 10 grs. de creme de tartaro, 10 grs. de sal marinho, 80 grs. de alumen, 10 grs. de sal amoniac e 6 grs. de sulfato de amoniac. Fazer ferver até a ebulição, retirar do fogo, deixar arrefecer um pouco e mergulhar os objetos no liquido morno. Esta solução não apresenta perigo algum.

Para tirar as manchas de gordura ou de cera, mergulhar os objetos dentro da agua fervendo e enxugar em seguida. Esfregar em seguida as manchas com a seguinte mistura: misturar bem 10 grs. de branco de Hespanha em pó com 5 grs. de alumen e 10 grs. de creme tartaro. No momento de empregar desfazer com um pouco de agua, esfregar bem com um pano macio e depois com uma escova macia. Uma flanela imbebida no azeite basta para limpar o bronze.

Os bronzes dourados são lavados com agua quente levemente carbonatada; depois de secos, esfregar fortemente com uma flanela. Passando uma leve camada de oleo de louro sobre os objetos de bronze, preserva-se-os das visitas das moscas.



Só experimentando um
FRIGIDAIRE
é que se pode imaginar
a falta que ele faz!



SE a senhora acha que um Frigidaire é apenas um aparelho util, experimente um e verá que ele é, mais do que isto, *indispensavel*. Porque, só depois que seu uso lhe mostrar as suas vantagens incontaveis, é que a senhora poderá bem avaliar a sua importância no lar, como elemento de conforto, de segurança, de saude.

Peça uma demonstração de um Frigidaire e constate, com uma prova de fato, a falta que ele faz...



COMPRE O PREFERIDO
COMPRANDO UM FRIGIDAIRE

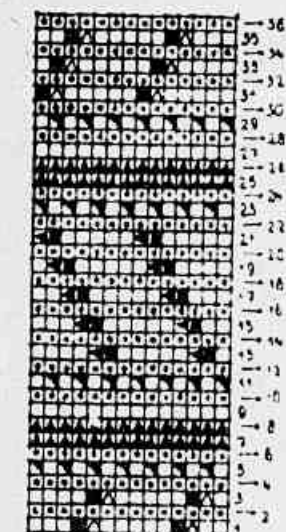
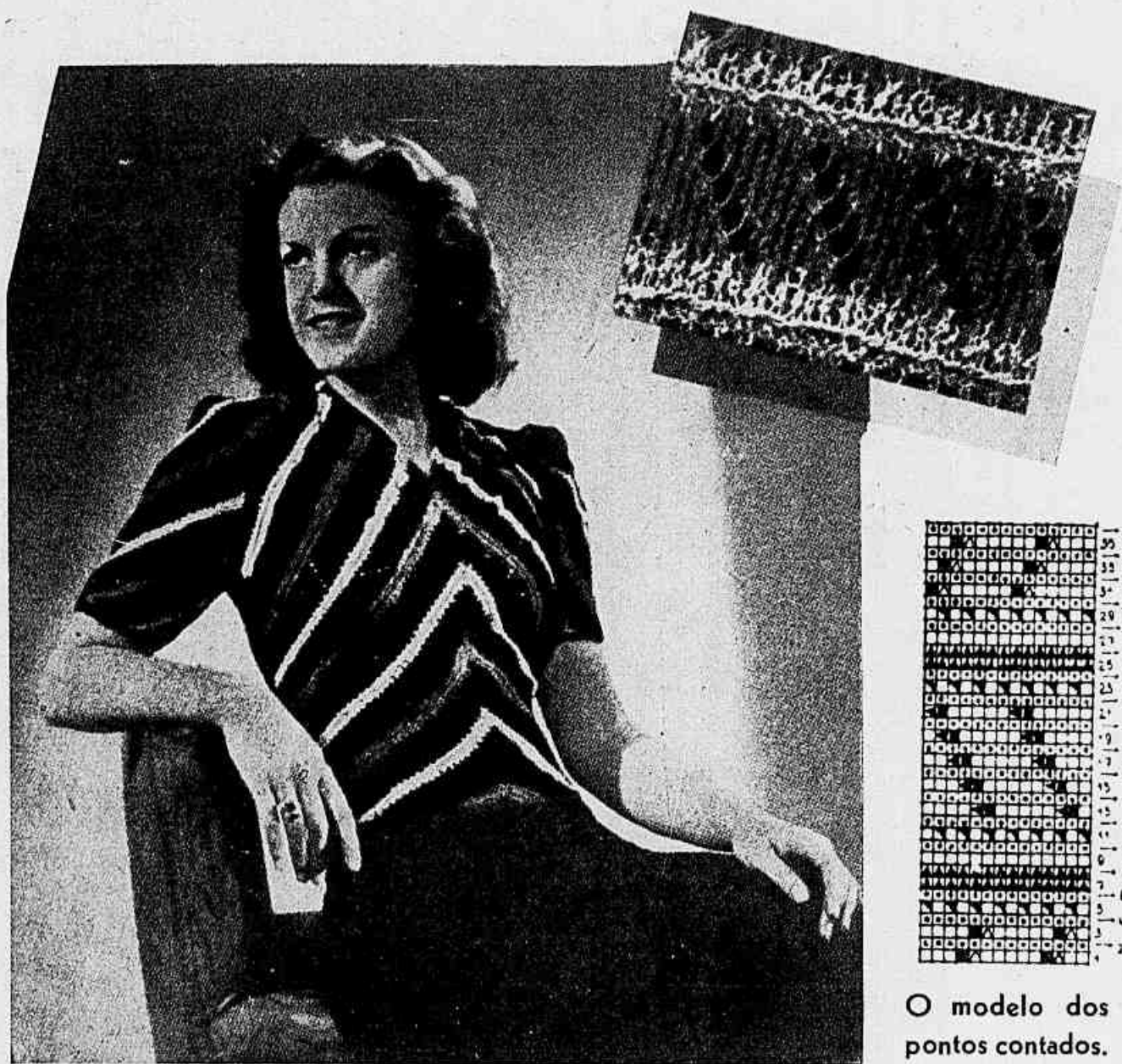
Caraterísticos de Luxo

- Mais belo desenho...
- Mecanismo Poupa-Corrente, com 22% mais de poder de refrigeração...
- Minimo consumo de energia...
- Grande capacidade de gelo...
- Rápida fabricação de gelo...
- Gabinete inteiriço de aço...
- Fechamento automático da porta...
- Prateleira de barras inoxidaveis...
- Refrigerante F-114... e, antes de tudo e sobretudo, garantia de 5 anos!

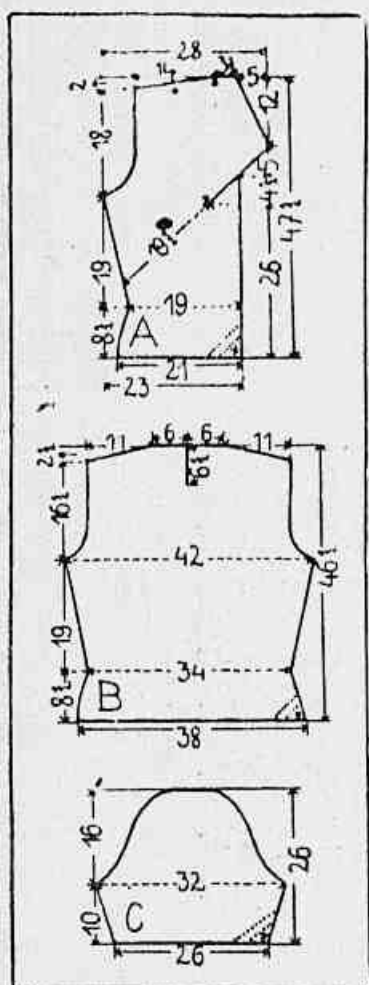
FRIGIDAIRE



Blusa de tricot de lã preta, com listas cinza claro e vermelhas



O modelo dos pontos contados.



Os moldes com as suas medidas.

As medidas dadas para manequim 40 (volta do peito 88 centímetros). São necessárias 150 grs. de lã preta, 30 grs. de lã cinzenta e igual quantidade de vermelha (vermelho claro).

Duas agulhas longas de tricot de 2 1/2 mm. de diâmetro, 1 agulha de crochet n. 2.

Pontos empregados: listas de cores, tricotar seguindo o modelo de pontos contados, examinar também a amostra do tricot. Ponto de jersey, sempre alternando 1 carreira pelo direito 1 carreira pelo avesso.

Trabalhar exatamente segundo o molde.

Execução — Costas: — Começa-se pelo canto de baixo da costura lateral direita (examinar o lugar marcado por um ponto sobre o molde). Pôr na agulha de tricot 3 malhas e trabalhar no ponto de listas. As linhas pontilhadas acima do ponto de partida sobre o molde indicam a direção das listas. No começo da fenda, separar o trabalho em dois pedaços e terminar cada um por sua vez. A frente é trabalhada em duas partes. Começar pelo lado direito no ponto indicado por um x sobre o molde, pondo na agulha de tricot 3 malhas. Fazer primeiro 83 carreiras (22 centímetros) no ponto de listas. A carreira 83.ª deve ser a primeira carreira depois da lista vermelha. Na carreira seguinte tricotar somente numa largura de 19 centímetros e meio; fechar as malhas restantes com o fio vermelho, e pôr na agulha em seguida, com a lã preta, 40 malhas (14 centímetros e meio). Acima das malhas tricotadas e das

malhas que foram postas na agulha tricotar 12 centímetros. Em seguida separar o trabalho para a cava e terminar cada lado separadamente. Trabalhar o lado esquerdo no sentido inverso. A manga direita é começada no ponto marcado por um triângulo; pôr na agulha de tricot 3 malhas. Trabalhar a manga esquerda no sentido inverso.

Para a terminação da gola das costas fazer duas tiras no ponto de jersey de 6 centímetros de largura por 4 centímetros de altura.

Esticar as peças terminadas conforme o molde. No corte da frente, franzir as orelhas pretas sobre a largura das orelhas vermelhas e coser juntas as duas orelhas. Em seguida reunir as duas partes da frente até às costas. Dobrar as tiras tricotadas no ponto de jersey ao meio no sentido do comprimento e fixar as orelhas longas sobre a gola das costas. Franzir as orelhas dos ombros da frente sobre 4 centímetros de largura entre os sinais O e triângulo sobre o molde.

Juntar as frentes às costas pelas costuras dos lados. Antes de pregar as mangas, franzir a parte de cima. Forrar as beiradas do decote da frente, com uma tira de 1 centímetro e meio, tricotada no ponto de jersey. Terminar a parte de baixo da blusa, das mangas assim como as beiradas da fenda, com duas carreiras de pontos simples executados com a agulha de crochet. Fazer 4 alças de um lado da fenda e pregar 4 botões do outro lado.

O molde — A letra A indica a frente, B as costas e C a manga.

O desenho dos pontos contados — Cada quadrado indica 1 malha.

Explicação dos sinais: — Um quadrado 1 malha pelo direito, 1 ponto preto 1 malha pelo avesso, um V às avessas 2 malhas tricotadas juntas (malha à direita), um quadrado preto 1 laçada, meio quadrado preto escorregar 1 malha deixando o fio por traz da malha, um triângulo preto, colocada a ponta mais aguda para a esquerda, escorregar 1 malha, tricotar a seguinte (malha pelo direito) passar a malha escorregada por cima da malha tricotada. A 7.ª e 8.ª assim como a 25.ª e 26.ª carreiras (triângulo preto). são tricotadas da seguinte maneira:

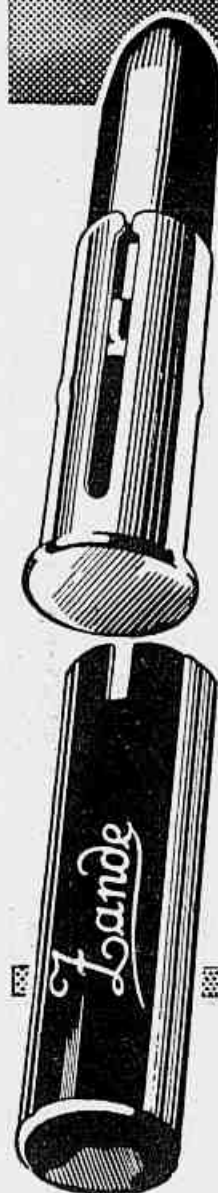
Zande acende



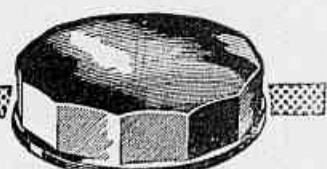
a chama romântica nos seus lábios

Incontáveis são as mulheres que já descobriram o modo mais fácil de possuir lábios de delicados contornos e cheios de cor, que atraem todos os olhares. O segredo é o Baton ZANDE... porque ZANDE é diferente. ZANDE é caricioso e suave como o veludo — um triunfo da arte da perfumaria. A senhora, também, poderá desfrutar o inefável prazer que provem de saber que seus lábios estão como devem estar... o toque supremo do encanto da sua maquiagem. São seis cores ZANDE, para diferentes cutis. Quatro tamanhos — um para cada bolsa.

Só se vende ZANDE nas melhores casas — quatro tamanhos, mas todos a um preço que a põe ao alcance de todos os lábios.



... e o Rouge ZANDE! Rivaliza com a Natureza em suavidade e encanto de tons. É mais fácil de aplicar. ZANDE adere maravilhosamente à cutis durante muitas horas. Seis cores — para harmonizar com o famoso Baton ZANDE.



tricotar as 2 primeiras malhas juntas (malha pelo direito) tomadas por traz, cruz, escorregar somente a primeira dessas duas malhas, tricotar a segunda com a malha seguinte pelo direito tomada por traz e repetir a partir da cruz. No fim da carreira depois das últimas malhas tricotadas juntas, escorregar somente a primeira malha e tricotar a segunda pelo direito e tomada por traz. Ler todas as carreiras da direita para a esquerda. Tricotar com a lã preta da primeira carreira à 4.ª carreira, da 11.ª à 22.ª e da 29.ª à 36.ª carreiras; em vermelho da 5.ª à 10.ª carreiras, com a cinzenta da 23.ª à 28.ª carreiras.

O modelo de pontos contados apresenta um detalhe em altura e em largura que se repete em seguida.

Os cuidados a tomar durante o regime de emagrecimento

O caso frequente dos regimes de emagrecimento provocarem nas mulheres numerosos inconvenientes: enfraquecem, sentem-se deprimidas, as carnes amolecem. Como evitar tudo isto, que pode ter sobre a saúde e sobre o moral uma grave influência?

Combinando o regime de emagrecimento com um regime fortificante. Começar por consultar seu médico e perguntar-lhe se pode tomar antes de cada refeição uma ampola de extrato de fígado. Duas por dia. E comer fígado de vitela grelhado três vezes por semana: é um maravilhoso fortificante.

Outra indicação que dizem ser excelente: beber duas vezes por dia um copo da seguinte infusão de ervas, para ajudar a sustentar a prova, às vezes rude, do emagrecimento.

Pôr numa panela esmaltada algumas folhas de espinafre, algumas folhas de agrião, todo o verde de um aipo, folhas

de alface muito verdes e completar com folhas de nabo. Cobrir com água fria e deixa-se ferver meia hora. Compreende-se bem o seu benefício pelos elementos que compõem esta bebida, sobretudo o ferro muito assimilável. Por esta razão combate muito eficazmente a anemia provocada pelo regime alimentar debilitante ao qual se submetem.

Além disso, é necessário fazer todos os dois ou três dias uma boa massagem com óleo em todo o corpo, para que os tecidos conservem a elasticidade e que o emagrecimento não dê à pele o aspecto fanado. E todos os dias, depois do banho, uma fricção muito enérgica com álcool canforado. A cânfora é o grande amigo do corpo e a luva de seda ajuda-o. Quando se diz fricção enérgica, entende-se que se deve ficar com o corpo todo vermelho como um tomate.



Visita da delegação da Associação Comercial de Belo Horizonte à Antártica Paulista.



Conferencia de d. Iraci Helena Junqueira sobre "O Serviço Social nos Estados Unidos" promovida pela União Cultural Brazil — Estados Unidos na Faculdade de Direito.

Quando fôr a São Paulo

... não deixe V. S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos

Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

★

• Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4a. sobreloja)

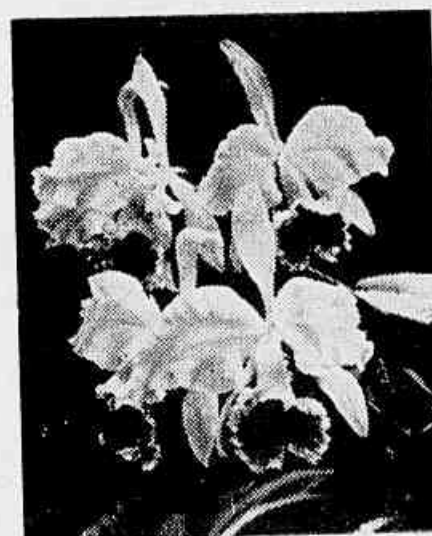
CASA ANGLO BRASILEIRA

Succellora da **MAPPIN STORES**
P. RAMOS DE AZEVEDO - S. PAULO

De São Paulo

INSTITUTO ROENTGEN

Radioterapia superficial e profunda
DRS. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.
Rua Barão de Itapetininga, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 — Tel. 4-0394
— SÃO PAULO —

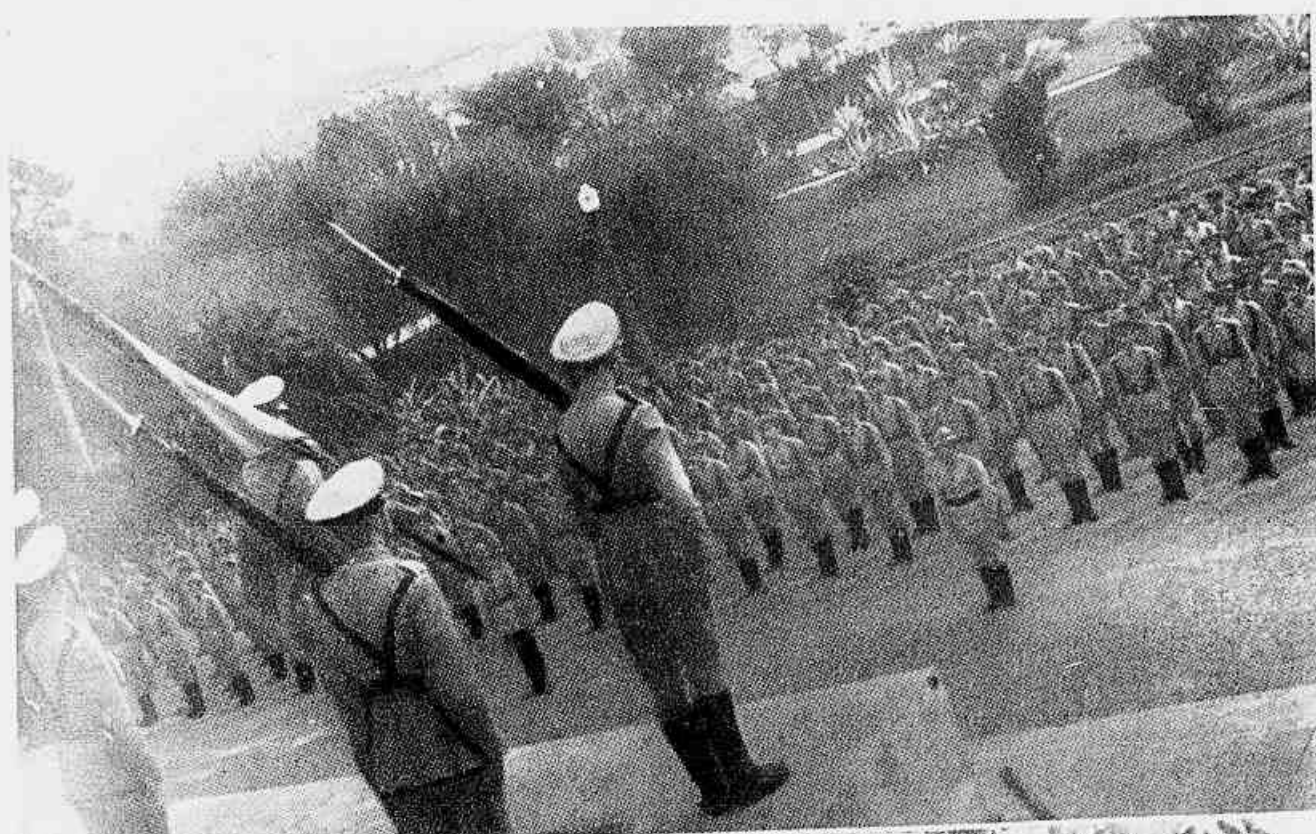


ORCHIDEA-SCHMIDT

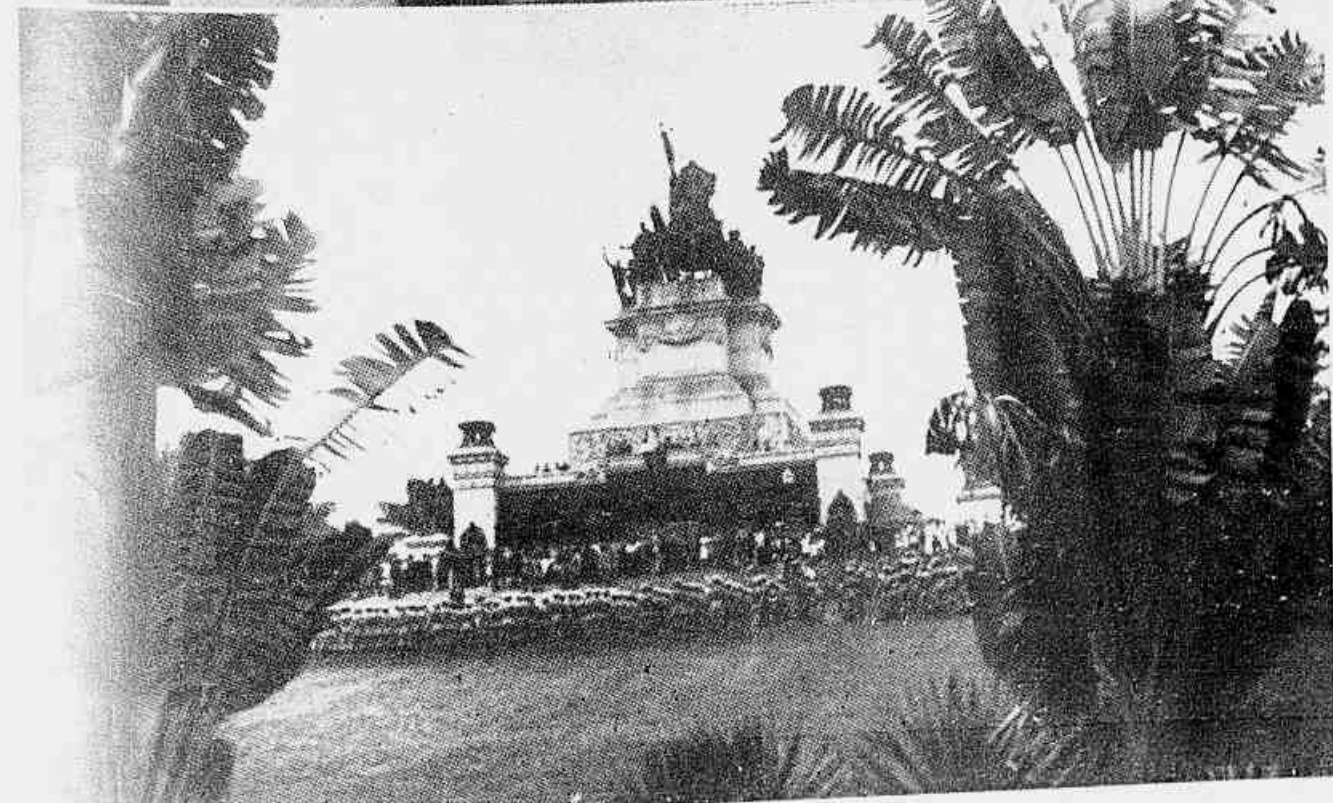
São Paulo, rua Augusta, 2786
TEL. 8-3697

O maior e melhor sortimento em ORCHIDEAS NACIONALES E ESTRANGEIRAS!

Peçam catalogo VISITEM O MEU ORCHIDEARIO. EM PIRAQUARA.



A "BRASILIANA" O dia 6 do corrente foi festivo para a Cia. Editora Nacional e constituiu um marco na vida literaria do país: comemorou-se o lançamento do 200.º volume da «Brasiliana», a valiosa coleção destinada a facilitar o conhecimento do Brasil, em todos os seus aspectos, através de livros, sobre a nossa terra, de autoria de escritores antigos e modernos. A editora referida promoveu festividades, expoz uma série ricamente encadernada da «Brasiliana» — onde colhemos o flagrante acima — e fez circular primoroso catalogo colorido, dedicado à coleção.



amos aqui dois aspectos da cerimonia de juramento à Bandeira dos novos reservistas da E. I. M. n. 244, formada por elementos da Associação dos Empregados no comércio de São Paulo. O ato realizou-se na esplanada do monumento do Ypiranga. A formula do juramento foi lida pelo tenente Homero Rosa Jancowski, comandante da unidade.



EM JUNDIAÍ Alunos da Escola Profissional de Jundiaí realizaram na «Semana de Caxias», uma romaria cívica à herma do major Carolino Bolivar de Araripe Sucupira, glorioso heroi da Guerra do Paraguai.



Visita da delegação da Associação Comercial de Belo Horizonte à Antártica Paulista.



Conferência de d. Iraci Helena Junqueira sobre "O Serviço Social nos Estados Unidos" promovida pela União Cultural Brazil — Estados Unidos na Faculdade de Direito.

Quando fôr a São Paulo

... não deixe V.S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos

Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

★

• Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA Succadora de MAPPIN STORES P. RAMOS DE AZEVEDO-S. PAULO

De São Paulo

INSTITUTO ROENTGEN

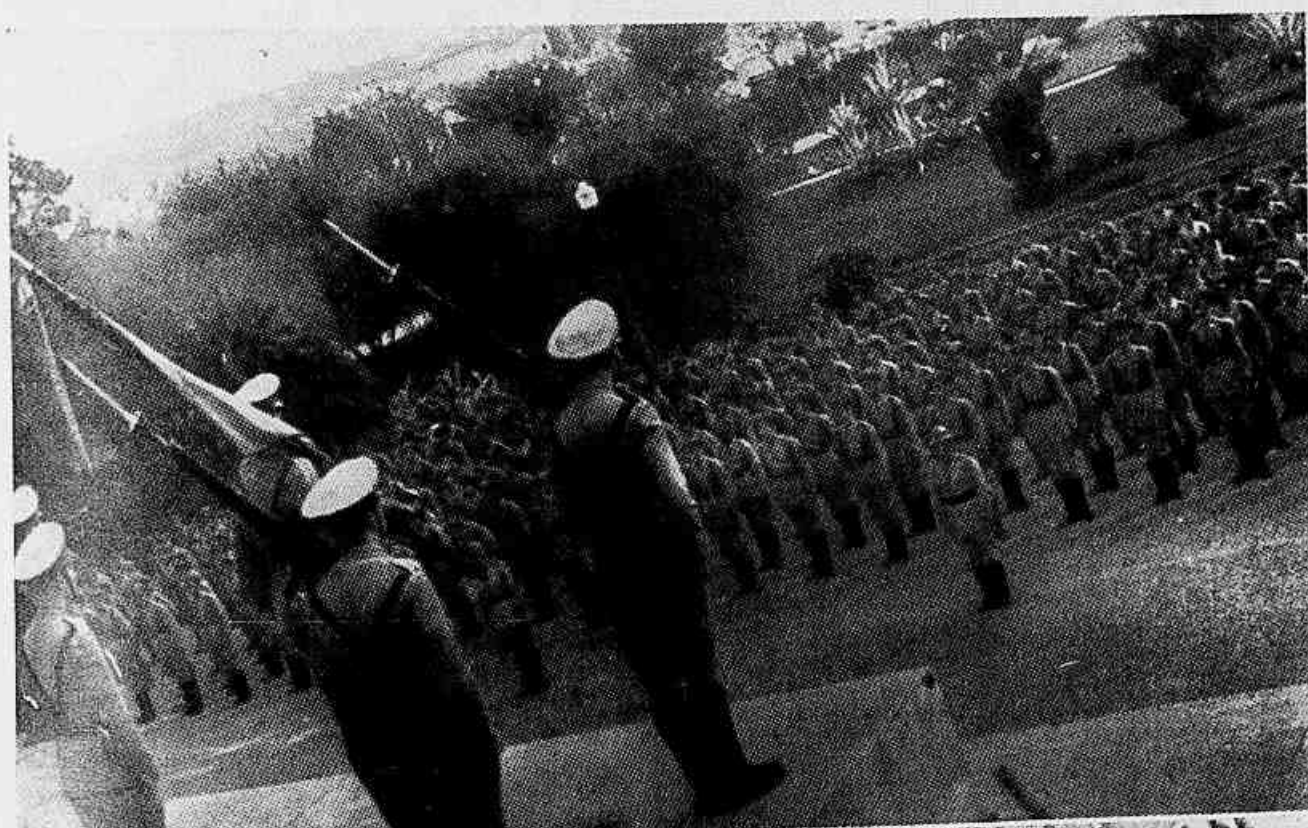
Radioterapia superficial e profunda
DRS. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.
 Rua Barão de Itapetininga, 139
 Salas 10, 11, 12 e 14 — Tel. 4-0394
 — SÃO PAULO —



ORCHIDEA-SCHMIDT

São Paulo, rua Augusta, 2786
 TEL. 8-3697

O maior e melhor sortimento em ORCHIDEAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS!
 Peçam catalogo
 VISITEM O MEU ORCHIDEARIO. EM PIRAQUARA.



A "BRASILIANA" O dia 6 do corrente foi festivo para a Cia. Editora Nacional e constituiu um marco na vida literaria do país: comemorou-se o lançamento do 200.º volume da «Brasiliana», a valiosa coleção destinada a facilitar o conhecimento do Brasil, em todos os seus aspectos, através de livros, sobre a nossa terra, de autoria de escritores antigos e modernos. A editora referida promoveu festividades, expoz uma série ricamente encadernada da «Brasiliana» — onde colhemos o flagrante acima — e fez circular primoroso catalogo colorido, dedicado á coleção.



amos aqui dois aspectos da cerimonia de juramento á Bandeira dos novos reservistas da E. I. M. n. 244, formada por elementos da Associação dos Empregados no comércio de São Paulo. O ato realizou-se na esplanada do monumento do Ypiranga. A formula do juramento foi lida pelo tenente Homero Rosa Jancowski, comandante da unidade.



EM JUNDIAÍ Alunos da Escola Profissional de Jundiaí realizaram na «Semana de Caxias», uma romaria cívica à herma do major Carolino Bolívar de Araripe Sucupira, glorioso herói da Guerra do Paraguai.

OTIS

O SIMBOLO UNIVERSAL
DE SEGURANÇA,
CONFORTO E EFICIENCIA
NO TRANSPORTE VERTICAL

OTIS ELEVATOR COMPANY
RIO DE JANEIRO